

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

VINÍCIUS FARANI LÓPEZ

**VÍNCULO CONJUGAL: ENTRE O INDIVIDUALISMO E A
BUSCA PELO OUTRO**

Um Estudo Qualitativo

SALVADOR

2008

VINÍCIUS FARANI LÓPEZ

**VÍNCULO CONJUGAL: ENTRE O INDIVIDUALISMO E A BUSCA PELO
OUTRO**

Um Estudo Qualitativo

Dissertação apresentada à Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientador: Giancarlo Petrini

Salvador
2008

VÍNCULO CONJUGAL: ENTRE O INDIVIDUALISMO E A BUSCA PELO OUTRO

Um Estudo Qualitativo

VINÍCIUS FARANI LÓPEZ

2008

“O conhecimento de si mesmo
é, pois, a porta da alma”
(WINCKEL, 1985, p.55)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro agradeço a Deus por permitir minha chegada a este ponto. Finalizar este mestrado é a realização de mais uma parte da minha jornada profissional e de vida. Estes dois anos permitiram enriquecimento de conteúdos (leituras, escrita) e de vivências fabulosos. Ainda existe muito a ser caminhado, mas a fé e a permissão de poder chegar até este momento credito àquele que olha por nós.

Agradeço ao caro orientador Giancarlo Petrini por ter me acompanhado ao longo destes anos. Às tantas portas que me abriu, a atenção, o cuidado e as preocupações foram fundamentais para a concretização deste trabalho. Aproveito e agradeço também aos professores que elevam o nível deste mestrado através da qualidade profissional que apresentam e pela dedicação, sempre dispostos a ajudar, permitindo um aprendizado rico e consistente.

À minha família que viveu junto comigo estes anos que trouxeram tantas manifestações emotivas, ora com alegria, vontade de ir em frente, ora com sofrimento, angústias, medos.

Aos entrevistados que dedicaram do seu tempo e disposição em contribuir para a realização deste projeto. A confiança em abordar temas tão íntimos como casamento e o cotidiano familiar. A concretização deste trabalho só se tornou possível com aqueles minutos de agradáveis conversas.

A todos aqueles que contribuíram de maneira direta ou indiretamente na realização deste trabalho. Dentre estes minha namorada Alexandra Varela, a jornalista Emiriene Meireles, a Laila Carneiro, aos colegas e companheiros de mestrado que partilhavam dos saberes e das angústias vividas na responsabilidade do ato de fazer parte deste Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

RESUMO

O presente trabalho compreende o delicado jogo existente no vínculo conjugal entre a individualidade, a busca pela satisfação pessoal e o relacionamento a dois. A pesquisa conta com estudo qualitativo com dois casais com cinco anos de conjugalidade e um terceiro com cinquenta e cinco anos de união. Analisando o vínculo como uma realidade complexa e multifacetada, a qual envolve os sujeitos em uma experiência de totalidade, englobando a identidade pessoal e conjugal, emoções, atividades domésticas, profissionais e religiosas, foram utilizados recursos tanto da psicologia (principalmente junguiana) quanto da sociologia.

O vínculo conjugal, portanto, abrange duas individualidades e uma conjugalidade, dois seres humanos distintos com história de vida e maneira única de ver o mundo que se unem em uma relação a dois. Estes cônjuges passam a aprender a arte do convívio através das atividades diárias, dos diálogos e das relações de dádiva (GOUDBOUT, 1999, MUZIO, 2002, 2004, PETRINI, 2006, 2007). Deste modo, tem-se na individualidade não só o aspecto de fragilizador do vínculo conjugal, como indicado por autores como Bauman (2001, 2004) e Giddens (1993), mas também carrega a marca da característica pessoal que traz a particularidade à relação de intimidade, assim como a busca pela liberdade a dois e o prazer no estar com o outro.

ABSTRACT

This currently work involves the delicate game that exists on marriage between individuality, personal satisfaction and couple relationship. The research had a qualitative study with two couples with five years of relationship and a third one with fifty-five years of marriage. Resources from both psychology (mainly Jungian) and sociology were used to analyze the relationship as a complex and multi-faceted reality, which involves the subject in a global experiment, including the personal and the couple identity, emotions, chores, professional and religious activities.

The marriage, therefore, covers two individuals and only one conjugal life; two distinct human beings with a history of life and one way of seeing the world that come together with a couple relationship. These husbands and wives now have to learn the art of coexistence through the daily activities of the dialogues and relations of donation (GOUDBOUT, 1999, MUZIO, 2002, 2004, PETRINI, 2006, 2007). Thus, there is in individuality not only the weaken aspect of marriage, as indicated by authors such as Bauman (2001, 2004) and Giddens (1993), but it also carries the

mark of the personal characteristic that brings peculiarity to the intimate relationship, and the search for freedom and pleasure of being together.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A construção do vínculo conjugal na contemporaneidade	p. 10
Dimensões da conjugalidade	p. 12
A cultura contemporânea	p. 14
CAP. 01. TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS E SUAS	
 INTERFERÊNCIAS NO VÍNCULO CONJUGAL CONTEMPORÂNEO	
Introdução	p. 18
Família brasileira: Da colônia à modernidade	p. 18
Análises e conseqüências contemporâneas	p. 24
Modernidade: um passo para o século XXI	p. 26
Contemporaneidade e a valorização do indivíduo	p. 30
Amor romântico, relacionamento puro e amor confluyente	p. 39
Dois indivíduos e uma conjugalidade	p. 42
CAP. 02. SUBJETIVIDADE E A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO CONJUGAL	
 CONTEMPORÂNEO	
Eros, Psique e a busca do Outro mágico	p. 46
A Simbologia do casamento	p. 47
A saída do paraíso	p. 49
Enfrentando os complexos	p. 51
Da morte à redenção	p. 53
A Psicodinâmica das Relações	p. 55
Vínculo: uma realidade humana	p. 58
A diversidade do tema vínculo	p. 59
Vínculo, totalidade e mistério	p. 60
Ego e Relação	p. 62

Complexo da Harmonia	p. 64
Casal Igualitário	p. 65
Conflito trabalho-família	p. 67
A arte do Diálogo	p. 69
Dádiva	p. 72

CAP. 03

NOTA METODOLÓGICA E ANÁLISE DE DADOS

Metodologia	p. 76
Delineamento da referência bibliográfica	p. 76
Delineamento da pesquisa	p. 78
Participantes	p. 79
Matéria	p. 80
Procedimento	p. 80
Resultados de pesquisa.....	p. 82
Liberdade a dois	p. 82
O casamento na contemporaneidade	p. 84
Confiança no vínculo	p. 88
Casal igualitário	p. 89
Estudo e Trabalho	p. 92
A importância da vida sexual	p. 93
Amadurecimento e vínculo	p. 94
Dádiva	p. 96
Diálogo	p. 97
Família	p. 98
Religião	p. 100
Conclusão	p. 104
Referências	p. 108
Anexos	p. 114

INTRODUÇÃO

A construção do vínculo conjugal na contemporaneidade

O presente estudo visa compreender o processo de construção do vínculo em casais na contemporaneidade. Tem por objetivo geral elucidar de que forma os casais lidam com o intrincado jogo relacional entre indivíduos, a relação a dois e a sociedade contemporânea, assim como as transformações existentes ao longo do percurso.

Portanto, este trabalho busca compreender como os casais lidam com o valor da individualidade e o fato de estarem em uma união a dois. Para tal, busca-se averiguar os fatores psicológicos que incentivam à construção do vínculo, mas que também podem lhe causar dificuldades, assim como também, compreender o que a sociologia contemporânea aborda em escala mais ampla o que se difunde pela cultura que pode interferir no matrimônio.

Na tentativa de alcançar os objetivos, foi realizada pesquisa qualitativa, com entrevista semi-estruturada com três casais heterossexuais de Salvador-Ba, de classe média, com grau universitário completo. Dos casais, dois tinham cinco anos de união e um outro com mais de cinqüenta anos de matrimônio. O interesse em analisar estes dois grupos de casais (jovens, e casal com maior experiência), parte do interesse em compreender os aspectos que contribuem para a manutenção do vínculo, as dificuldades encontradas, assim como permitir um estudo comparativo de casais constituídos em momentos sócio-culturais diferentes.

O trabalho busca entender as particularidades dos vínculos brasileiros, e em quase um estudo antropológico, entender o que de modificação realmente ocorreu nos cônjuges ao longo dos tempos assim como perceber o que acarretou a chegar nesta realidade contemporânea.

Além da realidade brasileira, compreender em uma perspectiva mais macro a caracterização da cultura contemporânea. A sociologia será a ferramenta de maior relevância nesta parte da pesquisa, que contribui no entendimento sobre os ideais contemporâneos que interferem nos vínculos conjugais.

Após a compreensão dos fatores sociológicos, a psicologia entra como fonte de enriquecimento ao buscar compreender o que motiva psicologicamente o indivíduo a estar unido, quais as dificuldades, e quais os motivadores que impulsionam o indivíduo a estar em união. Assim como também averiguar quais fatores podem contribuir para o convívio a dois.

Partindo do pressuposto que o casal é constituído por indivíduos com formas distintas de conceber o mundo e com histórias de vidas diferentes, cabe a tentativa de analisar os elementos pessoais, relacionais e sócio-culturais que favorecem/desfavorecem a formação e manutenção desse vínculo. A constituição de um vínculo envolve as particularidades e as complexidades do fato de serem dois seres humanos que se relacionam envoltos em fatores conscientes e inconscientes, que se encontram inseridos em uma dada cultura.

A conjugalidade, nos dias atuais, pode ser compreendida como a construção de um vínculo que engloba a inteira existência dos cônjuges, tendo como objetivo a elaboração de um projeto de vida em comum. Para tanto, torna-se necessário elucidar como eles hoje têm se relacionado frente contextos de intimidade parcial e o lidar com a individualidade e a imprevisibilidade circunscrita na existência humana.

Vale também salientar não somente aspectos da individualidade do ser humano, mas também sua necessidade de buscar o outro e a resistência a ele, assim como a complexidade e possibilidade de mudanças. O ser humano se constrói e se transforma no decorrer dos dias, no aprendizado da vida, portanto, tais alterações que inevitavelmente promovem modificações no cotidiano do casal necessitam serem melhor investigadas, para compreender o que fortalece e o que torna vulnerável o vínculo conjugal.

A construção do vínculo conjugal, nos dias atuais, é fruto da escolha entre parceiros, que, via de regra, não visam o valor econômico, ou o interesse, mas que buscam uma realização profunda do ser. O vínculo é percebido, em primeira instância, como uma resposta da necessidade de amar e ser amado.

O casal é formado por indivíduos com uma vasta gama de desejos e potencialidades. Tendo na conjugalidade uma relação a dois, na qual, nem sempre o desejo individual tem prioridade. Vale analisar a que ponto estas restrições são compreendidas enquanto realização em prol do projeto de vida comum, ou enquanto limitação ao “eu”.

Cabe averiguar quais são os valores que têm orientado as decisões em favor ou contra a permanência do vínculo. Afinal, se autores abordam os dias atuais enquanto espaço do “aqui e agora”, da exaltação do prazer rápido e imediato, como se desenvolve a construção de um vínculo pensado para durar no tempo e que exige renúncias, enfrentamentos e sacrifícios?

Para compreender a construção do vínculo conjugal, levando em consideração os dilemas do casal entre autonomia individual e a relação a dois, serão utilizados instrumentos da Psicologia (principalmente a abordagem Analítica) e da Sociologia, com notas de caráter Antropológico.

Para uma aproximação mais adequada ao objeto em estudo, é importante evidenciar a condição dramática da existência humana, acentuada na cultura atual pela multiplicidade de opções e pela pluralidade de valores e critérios de juízo diante das diversas circunstâncias. Por outro lado, a relação conjugal tende a abarcar a totalidade da existência das pessoas envolvidas, diferentemente das outras relações sociais caracterizadas pela funcionalidade e, portanto, limitadas a aspectos parciais da vida humana. Por isso, procurar-se-á abordar a categoria de totalidade para elucidar aspectos relevantes da vida conjugal (PETRINI, 2005, 2007)

Dimensões da conjugalidade

Torres (2000^a) apresenta algumas dimensões que contribuem na compreensão do tema conjugalidade. As categorias indicadas buscam tanto o entendimento do vínculo enquanto fator de motivação pessoal e suas interferências na vida do indivíduo, quanto de valor social e cultural.

A autora entende que a conjugalidade “ocorre num dado momento do percurso pessoal de um significativo conjunto de indivíduos, percurso esse social, cultural e ideologicamente marcado de forma diferenciada, de acordo com as condições de existência e com o gênero (...)” (TORRES, 2000^a, p.135). Nesta primeira dimensão, salienta os vínculos conjugais como unidades psíquicas, sociais e sexuais, visto as particularidades do conceito de gênero.

Em segundo, Torres considera que a conjugalidade tem papel na produção da identidade e de sentido. “Para além da relação com o outro, está a promessa de outros investimentos ‘existenciais’ ligados à produção de seres humanos. Essa promessa encerrada na parentalidade acrescenta sentido existencial” (TORRES, 2000^a, p.137). A autora afirma que através do outro se obtém recompensa e gratificação pessoal. Conviver com o outro constrói o modo de ver o mundo do indivíduo, e credita valores na identidade pessoal. Mas, vale salientar que identidade e sentido trazem a tensão existente entre as perspectivas pessoais de mundo, entre o “eu” e o “nós”, assim como as possíveis dissonâncias no quesito gênero.

A terceira dimensão adotada para a definição da conjugalidade leva em conta a afetividade. Só mais recentemente a sociologia tem se voltado para compreender esta dimensão ao estudar a família. “A vertente afetiva inclui e transcende o sentimento amoroso e a sexualidade”

(TORRES, 2000¹, p.139). Estes aspectos (amorosidade e sexualidade) fazem parte da relação, mas valores como a paternidade e maternidade assumem relevo na relação, também podendo ser identificado o próprio valor simbólico de ter contraído comunhão.

A quarta dimensão fala do vínculo conjugal como fonte produtora de realidade. A construção da relação conjugal envolve temas como partilha de recursos, despesas, mas também os filhos são gerados, novas relações afetivas que fazem parte da própria dinâmica de estar casado. Nesta dimensão entra o tempo de vínculo, pois a idade dos filhos, o tempo de duração da relação, a inserção em atividade profissional, são alguns dos fatores que contribuem na construção de realidades objetivas. Estes fatores, via de regra, sofrem interferências tanto da dinâmica conjugal quanto da subjetividade pessoal.

A quinta dimensão adotada pela autora refere-se ao fato do vínculo conjugal estar imerso em uma realidade social e histórica. As idéias, orientações normativas e valores sobre a conjugalidade sofrem interferências da época em que se situa e dos discursos que circulam. Afinal, ao longo do tempo, os conceitos sobre (in)dissolubilidade do casamento, e os valores de estar em comunhão, têm sofrido alterações. “Parece assim indiscutível a necessidade de situar a conjugalidade nas coordenadas espaço/tempo para avaliar de que forma as transformações de valores interpelam os atores sociais e que efeitos têm nas suas práticas e representações” (TORRES, 2000^a, p.140-141).

Gouldner (1973) estudou a construção de relações parciais desde os primórdios da era moderna. O interesse centrado na competência profissional e sua utilidade funcional tende a gerar relações parciais. Estas são submetidas ao cálculo próprio do mercado, de acordo com os interesses em jogo. A relação conjugal, no entanto, é supra-funcional (DONATI, 1998) e tende a abarcar as pessoas envolvidas, na totalidade de seus aspectos (MORANDÉ, 2005). O vínculo conjugal, no momento da sua constituição acolhe o outro envolvendo os aspectos marcados pela diferença sexual, os aspectos psicológicos, a formação escolar e profissional, a religião, os gostos peculiares. Além disso, apesar de estar presente no casal certa atitude a avaliar a convivência, a conjugalidade tende a superar a relação mercantil, abrindo espaços para relações de gratuidade (PETRINI, 2007 , GOUDBOUT, 1999)

Todavia, Bauman (2001, 2004) e Anthony Giddens (1993) têm abordado a contemporaneidade como a “era do narcisismo”, período marcado pela fragilidade dos laços humanos, tendo como um dos motivadores a este processo, o aumento da valorização do indivíduo. Em paralelo a esta

tendência individualista da cultura, a alta velocidade na qual os desejos humanos podem ser saciados, e as inúmeras possibilidades e potencialidades que lhe são apresentadas por uma cultura multifacetada, plural, globalizada (LYPOVESTKY, 1983, 1989, 2004), também são indicadores e facilitadores de uma tendência à vulnerabilidade dos vínculos conjugais. Portanto, torna-se necessário compreender quais são os valores que esta cultura apresenta e que servem de apoio à construção de um vínculo conjugal duradouro. Assim como é importante analisar os fatores que têm possibilitado o enfraquecimento dos vínculos, das relações e da sua durabilidade.

A cultura contemporânea

A crescente valorização do indivíduo possibilitou mudanças na construção do vínculo conjugal, o qual, enquanto espaço do “nós”, tem que lidar com a incitação da busca pela satisfação dos desejos pessoais (GIDDENS, 1993). Para esta análise, torna-se necessário averiguar como se constituíam as famílias de outrora, quais eram os valores e condutas existentes na construção dos vínculos conjugais, familiares, assim como compreender a família brasileira atual, para assim perceber de maneira mais específica e pertinente quais foram as transformações ocorridas no vínculo do casal.

O vínculo conjugal é constituído por, e em uma intensa relação entre, dois indivíduos com duas histórias de vida diferentes, compreensões diferentes sobre o mundo e suas relações, mas que decidem construir uma história em conjunto tida por eles como caminho de realização pessoal (FÉRES-CARNEIRO, 1998). É através desta condição que o vínculo conjugal é compreendido como uma construção dramática, envolvendo satisfações, conflitos, discussões, e crescimento, possibilitando assim o que a psicologia analítica denomina de processo de individuação (CRAIG, 1980; QUINTAES, 2005; JUNG, 1986).

A complexidade de se compreender a construção do vínculo conjugal está no fato de que, a cada novo vínculo que se constitui, para cada casal que se une em matrimônio, uma nova realidade se cria com peculiaridades particulares. Entretanto, o homem ao longo da sua existência condensa informações estudadas pela psicologia analítica como arquétipos. Um dos mitos sobre relacionamentos de maior repercussão na cultura contemporânea é o de Eros e Psique, mito que atualmente tem sido aproveitado pelo mercado com forte apelo sexual. No entanto, o mito apresenta uma realidade dramática, intensa, com as satisfações e dores, crescimento e

conscientização, assim como ocorridos em uma relação conjugal que envolve dois indivíduos, dois mundos, duas psiques que se relacionam entre si e com o mundo.

Construir um vínculo conjugal envolve um delicado jogo entre duas individualidades e uma conjugalidade (FÉRES-CARNEIRO, 1998). A construção do vínculo envolve dois sujeitos que se transformam e modificam, e que podem possuir desejos não compatíveis, ao passo que necessitam aprender a lidar com estas diferenças no cotidiano. O aspecto dramático da relação pode tornar vulnerável a relação conjugal até a ruptura, ou pode avançar para um caminho de crescimento, dependendo da liberdade de cada um dos membros da relação e do valor que adota sobre o vínculo.

A conjugalidade não pode ser compreendida como o lugar no qual serão solucionados todos os complexos e retirados os sentimentos de solidão (HOLLIS, 2002). Casamento é desarmonia, é o lugar do conflito e do crescimento, portanto, a serviço do processo de individuação (CRAIG, 1980). Construir o vínculo conjugal envolve aprendizagem para lidar com sentimentos, conflitos família-trabalho (FRASER, 2005, DINIZ, 1999), complexos, aspectos sombrios da psique pessoal e conjugal (BRANDÃO, 2005; QUINTAES, 2007) entre outros.

Transformações ocorridas na cultura também podem interferir na construção do vínculo conjugal positiva ou negativamente. Autores como Petrini (2003, 2005), Stuart Hall (2006), Bauman (2001, 2004) vêm indicando crescente valorização do sujeito individualizado em detrimento das normas e valores coletivos, fato que tem ocasionado maior vulnerabilidade dos vínculos conjugais contemporâneos. No contexto social e cultural submetido a mudanças intensas, no qual o “nós”, os valores coletivos, perdem gradativo espaço na valorização do “eu”, a conjugalidade encontra-se fragilmente estabelecida na inconstância dos sentimentos e desejos pessoais.

A contemporaneidade tem sido descrita como a cultura múltipla, sintética, *soft* (LYPOVETSKY, 1983, 1989, 2004), na qual desejos pessoais passam a serem realizados em velocidade cada vez mais acelerada, possibilitando maior satisfação e promoção de ganhos individuais. Trata-se, no entanto, de valores que nem sempre entram em acordo às exigências de uma construção de um vínculo duradouro, o qual exige tempo, sacrifício e dedicação. O vínculo conjugal envolve parceria, cooperação, compreensão, aspectos nem sempre compatíveis com valores individualistas. É uma relação que envolve a troca entre os membros, não uma troca mercantil, mas o valor de dar gratuitamente, receber e retribuir, uma relação dadivosa (GODBOUT, 1999).

A busca pela satisfação pessoal e realização de desejos, tem promovido na conjugalidade a expectativa de uma união na qual o desejo de felicidade e a satisfação da sexualidade tornam-se temas fundamentais e recorrentes. A escolha do parceiro conjugal na perspectiva do amor romântico (GIDDENS, 1993), e não mais por laços e trocas familiares, tem ocasionado significativas transformações na intimidade dos casais. Os cônjuges passam a ter a possibilidade de explorar o convívio, a sexualidade, o contato íntimo trazendo à consciência, e à vida relacional desejos, vontades e satisfação. Ao mesmo tempo, a ênfase dada ao sentimento de enamoramento corre o perigo de fragilizar a relação, dada à variabilidade desse sentimento.

Os casais contemporâneos constroem o vínculo com a possibilidade de maior troca de tarefas, podendo estar mais próximo do que se denomina de casal igualitário (SALEM, 1989). A contemporaneidade encontra-se em processo no qual as mulheres estão cada vez mais presentes e valorizadas no ambiente de trabalho, pós-liberação sexual, pílula contraceptiva e outros tantos fatores. A idéia de família tradicional perde gradativo espaço, possibilitando a construção de novas formas de se relacionar com novos valores (NETO & FÉRREZ-CARNEIRO, 2005).

Vale estudar algumas das características apresentadas na sociedade brasileira. O Brasil se constituiu envolto na diversidade de realidades sociais e culturais, uma nação híbrida, constituída na unificação de vários outros povos (RIBEIRO, 2006). Este aspecto torna complexa e necessária a tarefa de compreender as singularidades da constituição do vínculo em uma nação tão ampla e diversa.

O casal vive em uma intensa trama de gratuidade, amor, amizade, descobertas, re-descobertas e jogos de poder. São nas escolhas feitas, nas decisões tomadas e atitudes realizadas que a construção do vínculo pode ser fortalecida ou enfraquecida.

CAP. 01

Transformações Sócio-Culturais e Suas Interferências no Vínculo Conjugal Contemporâneo

INTRODUÇÃO

Torres (2000^a) ao definir as dimensões que caracterizam a relação conjugal, afirma que a conjugalidade encontra-se num dado momento da vida, tanto pessoal, quanto social e cultural, e age de forma diferenciada para cada gênero. A autora indica que o tempo no qual a relação está inserida sofre interferências da realidade social envolvida, dos valores adotados pela sociedade, assim como também pelos ideais trazidos pelo sujeito. Neste aspecto o vínculo conjugal faz parte de unidades psíquicas, sociais e sexuais que se inter cruzam.

Neste capítulo, o foco do estudo encontra-se nos aspectos sociológicos (em alguns momentos quase antropológicos) que interferem nas relações conjugais contemporâneas. Para tal, busca-se a compreensão tanto das particularidades dos vínculos constituídos em realidade brasileira e soteropolitana, quanto em aspectos mais globais.

FAMÍLIA BRASILEIRA: DA COLÔNIA À CONTEMPORANEIDADE

Partindo da necessidade de se compreender a construção do vínculo contemporâneo, faz-se necessário analisar, ainda que de maneira sintética, as particularidades do povo brasileiro, sua constituição, e transformações culturais ocorridas. Averiguar a cultura e a história do Brasil enriquece a compreensão do momento sócio-cultural atual frente aos novos valores que se apresentam. Sendo o foco da análise o vínculo contemporâneo e as transformações ocorridas, cabe analisar quais as mudanças mais significativas que influenciam o tempo presente.

O Brasil encontra-se frente ao processo mundial identificado como “globalização”, que vem promovendo transformações sociais, econômicas, políticas e culturais significativas. A globalização traz maior interação e integração entre os povos, suscitando debates sobre o “global” e o “local” e a identidade nacional.

Segundo reflexão de Stuart Hall, um dos fundadores do “Centre for Contemporary Cultural Studies”, da Universidade de Birmingham, Inglaterra, o interesse pela busca da compreensão do local vem do fato que “juntamente com o impacto do ‘global’, surge um novo interesse pelo ‘local’” (HALL, 2006, p.77). Para ele, com o processo de globalização se evidencia a criação de novos “nichos” de mercado, sendo necessária a utilização de estratégias que exploram a diferenciação local. “Assim, ao invés de pensar no global como ‘substituindo’ o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o ‘global’ e o ‘local’” (HALL, 2006, p.77). Em outras palavras, como afirma Viga Gordilho, coordenadora da Pós-graduação da Escola de Belas

Artes da UFBA, em entrevista à revista Vogue Brasil: “Para se tornar universal, você tem de ser, antes de tudo, regional. Para ser antena parabólica, é preciso conhecer primeiro as próprias raízes” (GORDILHO, 2007, p.47)

O valor de analisar os efeitos de globalização e os encontros/desencontros entre “local” e “global”, consiste na busca pela identidade do povo brasileiro, que afunda suas raízes nessa mescla de raças e culturas com peculiaridades regionais significativas, e por outro lado, recebe influências do processo de globalização com a circulação em tempo real de fatos, acontecimentos, valores e ideologias, com a transferência de novas necessidades, novas possibilidades do mercado e, sobretudo, novas formas de organizar o trabalho e o lazer, a convivência social e a intimidade. Portanto, na constituição dos vínculos conjugais, além de ser necessário que o casal adeque as exigências emocionais e de temperamento, cabe também acertar-se com as mudanças intelectuais e morais existentes no processo de globalização.

Frente às mudanças, tanto em escalas íntima e pessoal, quanto em escala global, torna-se pertinente a busca pela compreensão do “local” brasileiro, da caracterização do povo brasileiro, para assim, poder averiguar as contribuições e alterações ocorridas na realidade brasileira e na construção do vínculo conjugal contemporâneo.

Sérgio Buarque de Holanda no livro “Raízes do Brasil” (1978) denomina o brasileiro de “o homem cordial” (expressão utilizada pelo escritor Ribeiro Couto em carta a Alfonso Reyes), um povo que tem a peculiaridade de transformar as relações em algo intimista. “Seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante.” (HOLANDA, 1978, p.107). Este termo foi criticado nos anos sessenta por ignorar, ou camuflar, a disponibilidade da população em defender seus interesses sociais, assim como por generalizar povos de origens e culturas tão diversas. Entretanto, o conceito de “homem cordial” em nada aparece como uma leitura ingênua da realidade brasileira.

Sérgio Buarque identifica no “homem cordial” a característica expansiva, de vida exterior, contato com o outro. Não é difícil identificar o povo baiano como possuidor destas características, lugar do carnaval, dos contatos, das amizades fáceis e do comunicar com qualquer pessoa que esteja por perto (fila de banco, supermercado, etc). No entanto, não impede o

aparecimento, aparentemente¹ paradoxal, de atos de violência, inclusive nos espaços de vida familiar

Em análise lingüística também podem ser encontrados diversos aspectos como “a terminação ‘inho’, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo” (HOLANDA, 1978). O uso de tais vocábulos é o modo brasileiro de tornar as relações acessíveis ao sentimento.

As relações familiares brasileiras, e, portanto conjugais, também são afetadas por este sentimentalismo típico brasileiro. Os vínculos passam a serem constituídos mais por uma perspectiva sentimentalista, com facilidade ao contato, carícias, mas também, muito mais próximas às investidas das oscilações emocionais.

Darcy Ribeiro no livro “o povo brasileiro” (2006) indica que falar de negro, índios e portugueses não é falar de uma cultura essencialmente brasileira. Mais do que parte de diversas tradições culturais e formações sociais, o Brasil é formado por um *povo novo*, uma mescla que dá origem a uma “etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiça, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos” (RIBEIRO, 2006, p.17). O autor sugere tratar-se de um *povo novo*, porque possui também novo modelo de estruturação societária, e porque se vê e é visto como um novo gênero humano, inclusive pela alegria de um povo que convive com situações de carência e sofrimento desde os registros da sua história colonial.

Apesar das características mencionadas de um *povo novo*, ele também traz no seu âmago estruturas antigas, porque nascem das confluências de expansões marítimas européias, e do contato com povos existentes pré-existentes na terra “descoberta”, ou trazidos como escravos. É nesta mistura que se dá a complexidade da realidade brasileira.

Como afirma Darcy Ribeiro, muitos são os modos de ser brasileiro: “sertanejos do Nordeste, caboclos da Amazônia, crioulos do litoral, caipiras do Sudeste e Centro do país, gaúchos das campanhas sulinas, além de ítalo-brasileiros, teuto-brasileiros, nipo-brasileiros etc.” (RIBEIRO,

¹ Utiliza-se o “aparentemente” porque, Buarque indica o “homem cordial” não como um homem culto e educado, mas que visa relações exteriores, o contato com todos, sem o aprofundamento em si sofrendo na superficialidade pessoal e relacional.

2006, p.19). Ainda assim existe um povo brasileiro, que observado, tanto por Darcy quanto por Sérgio Buarque, forma uma unidade visível, inclusive, na ausência de dialetos.

A constituição da família brasileira contemporânea faz parte de uma intensa trama de relações pessoais, sociais e históricas, que além de estarem vinculadas a um panorama internacional de transformações, possuem também caráter ético e estético pessoal, que, de um lado, afunda suas raízes nessa mescla de raças e culturas com peculiaridades regionais significativas, de outro, recebe influências do processo de globalização com a circulação em tempo real de fatos, acontecimentos, valores e ideologias. Buscar compreender a família colonial é promover um resgate da origem de condutas e normas que projetam suas interferências nas famílias atuais.

“É claro que todo grupo humano se faz dentro de um lugar e a partir de uma história. Como também é evidente que cada história se compõe de muitas faces, por isso corremos sempre o risco de banalizá-la com generalizações apressadas” (PASSOS, 2003, p.20). Mais do que um passeio histórico, trata-se de analisar de forma crítica o processo de uma cultura que viria a ser denominada de brasileira.

O período colonial deixou marcas profundas na psique e na vida coletiva e familiar brasileira. Algumas das condutas difundidas naquele momento histórico não ficaram restritas ao passado. O que hoje se fala sobre luta das mulheres pela valorização enquanto pessoa, busca de maior possibilidade de trabalho e ascensão, faz parte da reação à desvalorização da mulher trazida ao Brasil pelos europeus colonizadores. A discussão que hoje emerge sobre a existência de família nuclear, são crises e críticas a discursos que nascem de geração a geração que tomaram o corpo de verdade a ser seguida. Portanto, compreender a família colonial, é buscar compreender sobre o que se critica na contemporaneidade, do porque da exigência de novas condutas e novos discursos, e também para se compreender se, o que se critica na atualidade realmente compete com o ocorrido, para não cair na desvalorização de fantasias modernas sobre um passado não existente.

O patriarcado sempre teve força preponderante no Brasil colônia no qual indicou um novo caminho a ser seguido e valorizado. Entretanto, a diversidade ocasionada, e as tramas pessoais e sociais, resultaram em composições familiares mestiças, que talvez não pudessem ser ditas, mas existentes (o que inclusive caracteriza o patriarcado, o encobertamento em prol do valor moral e social). A estrutura econômica baseada no modelo agrário, latifundiário e escravocrata,

associada a uma descentralização administrativa local, e em uma dispersão populacional, possibilitou que as decisões fossem de cunho mais pessoal, ocasionando o desenvolvimento de uma cultura paternalista, que ora entra em choque com a contemporaneidade, ora ainda possui valores cultivados.

Gilberto Freyre publicou em 1933 sua obra clássica denominada “casa-grande e senzala”. Nesta obra, Freyre consegue realizar, com grande destreza intelectual uma vasta análise de informações, condutas e costumes do Brasil colônia como: sexualidade, filhos mestiços, alimento.

Uma constante na análise de Gilberto Freyre é a miscigenação ocorrida neste momento do país. Freyre indica que, entre outros fatores, o grave problema de escassez de gente ocorrido tanto em Portugal quanto no Brasil, refletiu diretamente sobre as leis permitindo maior mescla entre os povos, sacrificando a própria ortodoxia católica. “A miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssimas. (FREYRE, 1997, p.9).

Freyre relata a prática do sexo fora do casamento nas mais diversas regiões do Brasil, que muitas das vezes originavam descendentes não legítimos. Minas Gerais contém exemplos que revelam que “os homens ‘não gostavam de casar para toda a vida, mas de unir-se ou de amasiar-se; as leis portuguesas e brasileiras, facilitando o perfilhamento dos filhos ilegítimos, só faziam favorecer essa tendência para o concubinato e para as ligações efêmeras” (FREYRE, 1997, p.307). O afrouxamento das leis para o concubinato vinha também da própria igreja católica. Relatando sobre os festejos de São João (festa até hoje com grande repercursão no nordeste e na Bahia) diz que: “as funções desse popularíssimo santo são afrodisíacas; e ao seu culto se ligam até práticas e cantigas sensuais. É o santo casamenteiro por excelência” (FREYRE, 1997, p.246). Estes festejos noturnos tinham por interesse “a união dos sexos, o casamento, o amor que se deseja e não se encontrou ainda” (FREYRE, 1997, p.247). Nestes trechos selecionados podem ser observados dois aspectos relevantes: o primeiro se refere ao afrouxamento das leis religiosas para as relações fora do casamento, e o segundo a busca pelo casamento como um valor a ser conquistado.

É importante salientar que a miscigenação não trouxe consigo a igualdade dos valores pessoais e culturais. As relações ocorridas em uma cultura patriarcal trazem como aspectos relevantes a assimetria nas relações, tendo no homem a figura do poder, do direito, e dos valores machistas. Assim, muitos atos de sexo fora do casamento foram cruelmente punidos com a extração do

órgão do escravo, assassinato do mesmo, e até o homicídio para com a esposa, filhos e filhas. A discriminação sofrida pelos negros e filhos ilegítimos era clara. “O que se queria era que os ventres das mulheres gerassem. Que as negras produzissem muleques” (FREYRE, 1997, p.317). Muitos desses filhos ilegítimos tiveram até a oportunidade de estudar junto ao menino branco ou servir de companhia na brincadeira do filho de engenho, por isso “desenvolvem-se em muito mestiço evidente complexo de inferioridade (...)” (FREYRE, 1997, p.448).

No Brasil colônia o valor do casamento da classe patriarcal não estava nas relações de amor, intimidade e satisfação, mas sim, na manutenção e/ou obtenção da riqueza das famílias. “É certo que nem sempre os pais foram obedecidos nas suas escolhas de noivos para as filhas. As tradições referem casos, raros, é verdade, de raptos e fugas românticas” (FREYRE, 1997, p.340). A norma era a escolha do pai, o senhor que definia o melhor casamento, tendo os sentimentos pouco valor só restando àquelas que buscavam escolhas próprias, a fuga.

O casamento tinha o intuito de manter a riqueza na família, tendo inclusive como costume os casamentos consangüíneos, ou casamentos para se “estreitar” laços de solidariedade familiar em torno do patriarca. Os casamentos consangüíneos, que incluíam incestuosos, não tinham como meta uma construção sadia do vínculo conjugal, e não é difícil encontrar relatos de brigas entre primos, irmãos, sogros, tios e sobrinhos que chegavam, em alguns momentos, à morte.

Os casamentos se faziam em idade cedo, e sempre era festejado. “O casamento era dos mais espantosos em nossa vida patriarcal. Festas de durar seis, sete dias, simulando-se às vezes a captura da noiva pelo noivo” (FREYRE, 1997, p.349). A imagem da captura se torna um importante simbolismo da relação obtida. Mais do que uma troca de alianças, troca de benção, está o rapto da noiva, uma imagem simbólica bastante significativa para exemplificar o patrono dono da sua senhora.

A cultura européia e católica trouxe como valor a pureza da mulher, o qual se confrontava com as práticas sexuais, normalmente ocorridas com mulatas e negras, o que gerou na cultura a paradoxalidade entre a santa e a puta, assim como a dupla moralidade (liberdade ao homem, contenção às mulheres). “A mãe de família, a moça solteira, a mulher, não só de Minas, como no Brasil em geral, pareceu a Burton ‘excepcionalmente pura’” (FREYRE, 1997, p.450). Mas para isso se concretizar, “a virtude da senhora branca apóia-se em grande parte na prostituição da escrava negra.” (FREYRE, 1997, p.450). No Brasil colônia era clara a dicotomia existente entre

as mulheres para se casar, e as mulheres para gozar - ruptura até hoje presente no discurso popular.

Em relação aos índios, a mescla não foi tão acentuada quanto ocorrida entre brancos e negros. Em regiões como Salvador torna-se visível a predominância de mulatos que de mamelucos.

Os índios tiveram grande dificuldade na aceitação do trabalho agrícola trazido pelos estrangeiros. “Se formos apurar a colaboração do índio no trabalho propriamente agrário, temos que concluir (...) pela quase insignificância desse esforço.” (FREYRE, 1997, p.96). Outra grande distinção foi a de cunho sexual. Os negros com suas danças sensuais e seus alimentos afrodisíacos pareciam não apresentar tantas restrições ao intercuro sexual quanto aos índios, os quais estavam ligadas normalmente à crenças totêmicas. Crenças às quais geravam preconceitos e medo no homem branco, assim como uma degradação moral por serem considerados primitivos e atrasados, o que também contribuiu para o afastamento das culturas. Outro fator de afastamento, está ligado aos traços da personalidade dos negros, considerados mais extrovertidos. “Contrastando-se o comportamento de população negróides como a baiana – alegre, expansiva, sociável, loquaz – com outras menos influenciadas pelo sangue negro e mais pelo indígena (...) tem-se a impressão de povos diversos” (FREYRE, 1997, p.228).

Apesar de tanta segregação, desvalorização e homicídios existiram famílias e relações de índios com brancos, e também com negros, que geraram descendentes, e até casamentos. Muitos índios conseguiram conviver com a cultura católica, principalmente a franciscana, permitindo o intercâmbio cultural e familiar.

Não esquecendo que a chegada dos italianos, poloneses e alemães, principalmente na região sul do país, trouxe novos valores e reforçou a idéia de família tão marcante na cultura européia da época.

Análises e conseqüências contemporâneas

Na atualidade, alguns autores vêm criticando o estudo apresentado por Freyre (CORRÊA, 1994; SAMARA, 1998). Eles questionam que compreender a família brasileira como sendo a família patriarcal, e de engenho, é restringir um maior entendimento sobre a complexidade que o tema exige.

Mesmo na origem, em que tinha as casas de engenho com o regime patriarcal, em que a autoridade da casa estava restrita ao homem, Correa questiona que:

Uma revisão rápida de nossa história bastaria para lembrar que a ocupação do espaço social, a distribuição do trabalho agrário nas terras brasileiras, por um lado, e o controle dos lucros desse trabalho, por outro (produção e circulação de mercadorias), são elementos muito complexos para serem colocados inteiros dentro do engenho, ou nas mãos do bandeirante (CORRÊA, 1994, p.20).

A família da Bahia colônia não se resumia à família do engenho, mas também dos negros que tiveram filhos com brancos, negros com negros, o modelo diferenciado dos mercadores, dos italianos, etc. O Brasil e a Bahia sofreram das mais diversas interferências, sócio-culturais econômicas e políticas. Toda esta repercussão da vida pública, inevitavelmente promoveu interferências na vida privada e na conduta íntima do casal e da família.

Eni de Mesquita (SAMARA, 1998) questiona que, entender a família brasileira como sinônimo de patriarcal, e família patriarcal como família extensa, seria esquecer outros tantos aspectos da vida em sociedade (trabalhadores livres, mulheres que obtiveram valor social, etc.). Inclusive, apresenta o caso da família paulista que tinha uma composição mais simples (sem muitos filhos, escravos e agregados), diferente das famílias de engenho da Bahia.

As críticas feitas à família patriarcal possuem importância no sentido de poder expandir a compreensão dos fatos que ocorreram sem cair no risco da generalização. Entretanto, como diria Manuel Castells “O patriarcado é a estrutura fundante de todas as sociedades contemporâneas”² (CASTELLS, 2003, p.147).

Para Castells (2003), o sinal da crise do patriarcado está na desagregação da família patriarcal, tendo no divórcio ou separação o indicador de confronto com a nova realidade que se apresenta, tendo em voga a transformação da consciência da mulher e do trabalho feminino.

Hoje a valorização do indivíduo está em cena. A valorização do indivíduo em detrimento das normas sociais, coletivas, está cada vez mais presente. “Selecionar e perseguir metas passam a ser considerados assuntos privados protegidos de crítica e de debate público porque se considera o indivíduo como o melhor juiz de seus próprios interesses e daquilo a que vale a pena aspirar” (GOULDNER, 1973, p.64). Esta mudança gera não mais a angústia de ter valores pessoais

² Tradução livre.

reprimidos, mas agora os cônjuges e cada indivíduo precisam aprender a lidar com a falta de um guia. A família que era tida como indissolúvel, e que tinha que esconder as conseqüências de condutas fora do padrão social, tem que aprender agora a lidar com a fragilidade dos seus laços.

O que se observa neste estudo retrospectivo, é a constituição do vínculo conjugal dotado de laços fortemente representativos como: família, honra (principalmente paterna), respeito, preocupação social. Todos estes aspectos continham certo peso na manutenção da relação, mas que gradativamente foram sendo dissolvidos restando ao sustendo do vínculo o desejo pessoal e as emoções humanas.

A família sempre esteve em crise (DONATI, 1998), e isto pode ser facilmente percebido neste rápido resgate histórico. Entretanto, agora a família carrega uma transformação que atinge a sua estrutura mais profunda.

Se no mundo pré-moderno, o matrimônio era uma instituição regulada pelos parentes, e servia para estabelecer entre si um sistema de intercâmbios, hoje se tem convertido em uma eleição afetiva e um sistema de trocas entre pessoas, cada vez menos sujeitadas às garantias da comunidade política, embora não para diminuição da intervenção do Estado, que inclusive está mais decisiva a favor dos direitos individuais na família (DONATI, 1998, p.246).

Embora tenha-se uma compreensão de uma família patriarcal organizada, com valores determinados e condutas a seguir, e por conseqüência uma maior durabilidade das relações familiares, seria interessante um estudo mais aprofundado na perspectiva de que, a família brasileira só agora tenha a possibilidade de se estruturar. Apesar de parecer uma análise paradoxal frente aos estudos apresentados, em verdade não o é. A família tem passado por transformações, e agora chega no seu elo mais profundo, atingindo inclusive a durabilidade do vínculo, mas frente um país tão recente, criado a base de sofrimento, invasões, colonização, em busca de uma compreensão do que pode ser denominado de Brasil e povo brasileiro, talvez, só agora, a família esteja tendo a possibilidade de pensar e re-pensar seus valores.

MODERNIDADE, UM PASSO PARA O SÉCULO XXI

Relacionamentos conjugais, antes de mais nada, são constituídos por dois indivíduos que fazem parte da história. As transformações ocorridas ao longo dos tempos sobre a concepção de sujeito, do que é ser pessoa vem promovendo mudanças significativas nas condutas diárias do homem e das sociedades.

Na tentativa de compreender a construção do vínculo conjugal contemporâneo, vale resgatar as transformações que impulsionaram o pensamento e as condutas atuais. Afinal, se hoje autores apontam uma pós-modernidade enquanto momento de flexibilidade, instabilidade, de constante mutação, no qual os laços constituídos perdem gradativa força gerando abertura a relacionamentos cada vez mais instáveis, “líquidos” (BAUMAN, 2001, 2004; LYPOVETSKY 1983/ 1989, 2004; GIDDENS, 1993), faz-se necessário compreender quais foram as mudanças ocorridas, de tal modo que elucide e torne mais clara as características da cultura contemporânea e seus reflexos na durabilidade e na construção do vínculo conjugal.

Toma-se como marco de resgate sobre as transformações ocorridas no pensamento sociológico sobre a concepção de “eu”, de sujeito, a partir da modernidade. A escolha deste período vem da definição proferida por Stuart Hall, quando diz que nos tempos pré-modernos a concepção e a vivência de indivíduo estavam associados às divindades estabelecidas, tendo na modernidade a libertação do indivíduo “de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2006, p.25)

João Carlos Petrini (2005), estudioso sobre a dramaticidade da família em uma perspectiva mais sociológica, traz a modernidade como momento de crise. Segundo este, os valores individuais começam a ser cada vez mais reconhecidos gerando desvalorização do coletivo e tendo como consequência a fragilidade dos laços solidários, os quais são a base da constituição das relações familiares, conjugais.

O autor caracteriza o primeiro momento da modernidade pela valorização da democracia, liberdade de expressão e de direitos.

O objetivo da sociedade moderna é oferecer uma condição digna de vida, na qual cada um possa realizar as diversas dimensões de sua personalidade, abandonando as restrições impostas pela menoridade, as constrições de autoridade externas e ingressando na plenitude expressiva da própria subjetividade (PETRINI, 2005).

O homem reclama com grande expressividade o seu valor enquanto ser único, enquanto indivíduo produtivo.

O homem que antes vivia sob a égide do poder religioso normativo, agora passa a questionar inclusive a existência de um Deus. As condutas que outrora eram justificadas pela fé, pelas

crenças religiosas e pelo misticismo passam a ser percebidas como limitantes, e o homem passa a ser o centro nas tomadas de decisões. “Subtrair-se à autoridade do Papa e da Bíblia seria a condição para o homem tornar-se, finalmente, autônomo do ponto de vista gnosiológico, ético e estético” (PETRINI, 2003, p.26). A igreja perde grande parte da sua influência gerando gradativa transformação do valor coletivo para o privado, com a valorização da autonomia individual e da razão.

Toda essa transformação sócio-cultural mudou consideravelmente a vida familiar. “a família tradicional arcaica, que se afirmou no contexto da cultura rural, entrou em crise. Os modelos de comportamento que regulamentavam as relações entre os sexos e as relações de paternidade, maternidade, filiação tornaram-se obsoletos e foram abandonados.” (PETRINI, 2003, p.42). A família que era tida como responsável pela transmissão da vida e de seus significados, com valores e critérios de orientação de conduta entra em crise, abrindo espaço à fragilidade dos vínculos e da integração social dos seus membros.

Entretanto, enquanto o projeto de liberdade se apresentava com a apologia do interesse pessoal ao mesmo tempo ela recusava os valores civilizatórios, ignorando a unidade coletiva. Assim, a modernidade que construía seus projetos de sujeitos autônomos e de sociedade justa e igualitária, desenvolvia também o niilismo. “A pessoa vê-se fragmentada em uma multiplicidade de papéis, sem a possibilidade de encontrar nexos entre eles, capaz de reconstruir sua consciência subjetiva unitária” (PETRINI, 2003, p.36).

O Fausto (1806) de Goethe é exemplo simbólico sobre as angústias vividas no período do modernismo. O sábio, o homem racional em seu laboratório que acredita ter chegado à totalidade de seus conceitos científicos se encontra perdido em meio a sua excessiva racionalidade.

Estudei ardentemente tanta filosofia,
direito e medicina
E infelizmente muita Teologia,
Tudo investiguei, com esforço e disciplina,
E assim me encontro eu, qual pobre tolo, agora,
Tão sábio e tão instruído quanto fora um dia!
(GOETHE, 2003, p.26)

O Fausto é a representação do dilema vivido entre os membros da idade moderna, o conflito entre a razão e a falta de crença. A idealização da razão como sendo a plenitude, se decompõe e apresenta sua fragilidade e necessidades além do técnico e racional. O homem não vive só da

razão, e o desencadeamento de suicídios após o lançamento desta obra é uma infeliz demonstração do sofrimento humano pela falta de contato e compreensão dos sentimentos. Jung já abordava o perigo da dicotomia razão x sentimento, em sua obra “tipos psicológicos” (1921).

O mercado prontamente se organizou para suprir as necessidades humanas, censurando os desejos justamente por não conseguir supri-los. “Assim, o mercado pode responder à necessidade de habitação, mas não tem a fórmula para que uma habitação seja também um lar.”, e acrescenta ainda dizendo que “a administração pública pode organizar uma maneira de responder às necessidades sexuais de seus cidadãos, mas não poderá garantir a eles a satisfação do desejo de amar e de serem amados” (PETRINI, 2003, p.38). Assim, junto com a tomada de consciência do homem, com a valorização dos direitos individuais (proposta ideal iluminista), apresenta-se também o utilitarismo que produz uma grande massa consumista – tendo a revolução industrial e o “fordismo” importante contribuição.

O discurso que tinha a família como foco principal para satisfação humana, na qual o casamento redimia o homem, passa agora a vangloriar os ganhos tecnológicos e a possibilidade de obter soluções mais rápidas e eficazes. Em termos de conjugalidade, a construção da relação, o lidar com as dificuldades, saem da fala, do almoço em família para a compra de uma nova geladeira, na modificação do espaço interno da casa, etc.

Karl Marx teve contribuição significativa contra a massificação do homem, quando em 1849 junto com Engels lançou a obra “Manifesto do Partido Comunista”. Neste trabalho que pregava valores coletivos, inclusive tendo o comunismo como movimento produzido por intelectuais em acordo com o movimento operário, buscou a quebra da burguesia. Posteriormente Marx lança “O capital” (obra em quatro volumes, o primeiro lançado em 1867 e o último em 1905) sua obra mais renomada. Neste livro, o autor criticava o capitalismo, o modo de produção. A grande interferência do pensamento marxista na família vem pelo fato de grupos de esquerda perceberem “a família como lugar da reprodução de uma mentalidade conservadora, contrária à militância política e à revolução” (PETRINI, 2003, p.58).

No Brasil, a modernidade é marcada com a chegada da Semana da Arte Moderna em 1922, representando à renovação, a busca de experimentação, a liberdade criadora e a ruptura com o passado. Apesar de tardia, é importante salientar que o pensamento moderno, ao chegar no novo mundo, já vinha com a síntese do processo ocorrido na Europa. Sem esquecer também, que a

crise da modernidade no Brasil é tão recente que ainda hoje se encontram representantes vivos e filhos daqueles que passaram por esta fase.

Frente à intensa trama social e política que se apresentava, a família neste momento da história encontrava-se em segundo plano, e por muitas das vezes, foi criticada como limitante ao desenvolvimento social. Por parte dos esquerdistas a família dificultava o processo revolucionário³ “como lugar da reprodução de uma mentalidade conservadora, contrária à militância política e à revolução” (PETRINI, 2003, p.58), e por parte capitalista como um obstáculo ao progresso. Grupos mais extremistas viam a família como adversária política a ser derrotada, e “para boa parte da psicanálise, a família parecia marcada pela suspeita de desempenhar uma função disciplinadora, responsável por transmitir principalmente modelos e valores contrários à renovação da sociedade e à revolução sexual” e afirma ainda que a família “foi criticada, de modo especial, a figura do pai, com autoritário e repressor” (PETRINI, 2003, p.58). Esta crítica à autoridade do pai se torna evidente quando na contemporaneidade a valorização da mulher produz crise no valor que o homem possui em sua família, tendo como símbolo não mais os homens do faroeste, os jovens de guerra, os machões viris, mas o *Homer Simpson*.

Então, a modernidade apresenta a última das suas propostas de mudança: a revolução sexual. “É significativo o fato de que a última das revoluções tenha sido a sexual, quase a sinalizar o redimensionamento das metas propostas, que anteriormente se orientavam para grandes objetivos políticos e sociais e agora se limitam à esfera individual.” (PETRINI, 2003, p.40).

A sociedade passa a não ser mais compreendida como uma massa, ou como instituição produtora de normas e tradições a serem seguidas, agora, o valor está no indivíduo e no seu direito à escolha. A cultura das normas patriarcais (Pai, Igreja) perde gradativa importância, e os movimentos sociais de massa se transformam em “faça a sua parte” - como pôde ser observado em recentes festivais a nível mundial como o Live 8, e o live Earth.

CONTEMPORANEIDADE E A VALORIZAÇÃO DO INDIVÍDUO

A contemporaneidade, como consequência de um período pós-moderno de intensas crises ideológicas e propostas revolucionárias que destinava a família a ficar em segundo plano, chegam

³ Como representantes da esquerda encontram-se Marx que lançou de 1867 a 1905 os quatro volumes de “O capital, e que juntamente com Engels publicaram em 1849 o “Manifesto do Partido Comunista”.

agora ao período de busca pela preservação e ganhos da própria saúde, tendo no vínculo conjugal o lugar para satisfação pessoal.

A cultura atual, que tem como grande marco a globalização e seus efeitos, é denominada por alguns autores de “pós-modernidade”. Esta terminologia gera certa polêmica por suscitar uma ruptura com o individualismo moderno e o surgimento de uma nova fase, entretanto, ao se falar de vida humana e processo histórico, torna-se quase impossível uma definição exata de onde começa e termina algo. Portanto, o que os defensores da pós-modernidade (BAUMAN, 2001, 2004, LYPOVETSKY, 1983, 1989, 2004) sugerem é que, no modernismo, o que se iniciava com pensamentos de crítica às regras e padrões, o surgimento de um “pós” representa “(...) o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunha à emancipação individual se esboroam e desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio” (CHARLES, 2004, p.23). É o momento em que os ideais da modernidade de equidade e liberdade começam a serem postos em prática. É o tempo da arte-moderna e da psicanálise, no qual a cultura começa a conhecer valores de personalização e da flexibilidade.

O francês Gilles Lypovetsky, autor de livros como “A era do vazio” (1983), “O império do efêmero” (1989), busca compreender a sociedade atual e as relações humanas tendo como ferramentas de análises o mundo *fashion*, o marketing e o mundo psi. Para ele, o período pós-moderno não mais possui a preocupação com a hierarquia nas relações, alcançando maior verticalização, no entanto, apresenta-se como consequência a pulverização dos ideais e a dificuldade de saber qual caminho seguir.

Tradição e valores coletivos passam a serem vistos com desconfiança, restando ao homem a busca pelo próprio prazer, sendo portanto abandonadas as propostas coletivistas da modernidade. “A despolitização e a dessindicalização ganham proporções nunca antes atingidas, a esperança revolucionária e a contestação estudantil desaparecem, a contra-cultura esgota-se, raras são as causas ainda capazes de galvanizarem a longo prazo as energias” (LYPOVETSKY, 1989, p.205). Tudo o que exige tempo e esforço cansa e são deixados de lado, e assim, os vínculos pessoais que, além de esforço necessita também de cuidado e compreensão, são desarmados em troca de relações rápidas com a ilusão da falta do conflito e da satisfação imediata.

Como diria Frei Betto em material apresentada no site Adital (site reconhecido pelo UNESCO) de maneira contundente: “É a cultura do grande vazio respirada pelos jovens de hoje. Caminham de Prometeu a Narciso e, no meio do percurso, deixam à margem o heroísmo de Sísifo. Não lhes importa que a pedra role ladeira abaixo, importa é desfrutar da vida.” (BETTO, 2007)

A norma é a busca pelo novo. “O código do Novo é precisamente o instrumento de que a sociedade individualista se dotou para esconjurar o sedentarismo, a repetição, a unidade, a fidelidade aos Mestres e a si própria e tudo isto com vista a uma cultura livre, cinética e plural.” (LYPOVESTKY, 1983, p.88). Na pós-modernidade a norma é a pluralidade, diversidade, o não apego às estruturas e códigos estáticos.

O tempo da pós modernidade é o agora, o tempo presente, o *carpe diem* e a glorificação da satisfação dos desejos imediatos. O futuro que se tornou ameaçador frente a tantas propostas e desejos como as das guerras que não concretizaram os sonhos tão almejados, e o passado cada vez mais desvalorizado frente a impaciência do consumo e das rápidas produções, restam à sociedade burguesa o estado presente e a incapacidade de um futuro sem desespero. “Hoje vivemos para nós próprios, sem nos preocuparmos com as nossas tradições nem com a nossa posteridade” (LYPOVETSKY, 1983, p.49)

A percepção do passado como limitante ao desenvolvimento do homem pode ser visivelmente observado nos modelos de casa familiares. As casas com seus objetos antigos, vasos, tapetes, relógios de parede, abrem espaço ao modelo de casa *clean*, onde a ausência de objetos, de história dá lugar ao vazio. Vazio repercutido inclusive no número de crianças no ambiente familiar, afinal, a família extensa agora tem os cuidados do “planejamento familiar”.

Segundo resultados apresentados no Censo do ano 2000 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) confirma a tendência da redução do tamanho da família brasileira, a qual em 1991 cada família tinha média de 3,9 pessoa, o Censo de 2000 indica redução para 3,5 pessoas (IBGE, 2000, p.52).

As estruturas arquitetônicas dos novos prédios das grandes cidades se adequam à realidade que exige cada vez menos espaço interno. As antigas construções que vislumbravam apartamentos mais extensos, hoje modificam para edifícios com áreas externas com diversidade em opções (piscina, academia, etc), e espaço reduzido nos apartamentos. Perde-se o espaço da intimidade, das relações familiares, e se investe nas áreas externas.

A busca da satisfação imediata, e a busca incessante pelos objetos são temas constantes da pós-modernidade. As técnicas e ferramentas que começaram a avançar no período do iluminismo passam a serem produzidas em larga escala e com freqüentes inovações. Lypovetsky exprime tais mudanças na velocidade da produção e da necessidade do consumo rápido, de forma bem significativa quando diz que “nos anos 1950, o tempo médio de exploração de um longa-metragem era de cerca de cinco anos, agora é de um ano (...)” (LYPOVETSKYypovetsky, 1989, p. 205). As necessidades individuais passam a ser respondidas em alta velocidade através do consumo e da busca pelos objetos, dificultando o vínculo com a história e o passado. Matéria e homem não são substâncias diferenciadas, mas que interagem, portanto, assim como o homem passa a construir objetos cada vez mais rápidos através de uma ideologia que repercute pelos espaços de trabalho e residências, aqueles que crescem em uma cultura hiper excitada terão que aprender a conviver nesta realidade.

Vínculos exigem limites, aprender a lidar com o outro enquanto diferente, e nem sempre satisfazer as necessidades no momento e da forma desejada. Portanto, em uma pós-modernidade materialista, rápida, e fugaz, que busca o consumo do próprio homem enquanto objeto a ser usado e descartado, entra em conflito com a conjugalidade que envolve o drama da convivência entre dois indivíduos que necessitam aprender a escutar, compreender e respeitar o outro, e a si.

Sem decretar a morte da pós-modernidade, alguns autores reconhecem os sinais emergentes de uma era do *hiper* (hipermodernismo, hipermercado, hiperindividualismo, hipercapitalismo). “Trata-se não mais de sair do mundo da tradição para acender à racionalidade moderna, e sim de modernizar a própria modernidade” (LYPOVETSKY, 2004, p.56). A pós-modernidade que pode ser vista como um momento de transição, com a implantação do consumismo em massa, da prática do novo e da descrença no passado, alcança agora a hipermodernidade com o culto a evolução, o hiperconsumo que não se vincula mais ao “exibir status”, mas às preocupações de uma era que corre para um futuro incerto, sem a criação de metas e perspectivas, época na qual a liberdade e flexibilidade já se encontram instauradas. “É bem verdade que a febre consumista das satisfações imediatas e as aspirações lúdicas-hedonistas não desapareceram de modo algum, pois elas se desencadeiam mais do que nunca; estão, contudo, envoltas por um halo de temores e inquietações” (LYPOVETSKY, 2004, p.71). O consumo não mais está nos objetos a serem valorizados como ganhos e estatos, afinal, hoje todos já possuem o celular de última moda, o

computador e a televisão, mas agora, o consumo se volta à satisfação do eu (saúde, boa forma, viagens, terapias).

As relações que ainda estão entregues ao consumismo e a não durabilidade, hoje começam a se falar do desejo de manter uma relação a longo prazo, mas que não sabem mais como tornar isso possível. O casamento vive o drama da fragilidade das relações que rodeiam os ambientes, com o aumento gradativo das separações, enquanto que paradoxalmente os casamentos continuam acontecendo em larga escala buscando a construção de um vínculo, mas que não sabem como mantê-lo. “Ainda que as uniões sejam mais frágeis e mais precárias, nossa época, apesar de tudo, testemunha a persistência na instituição do matrimônio, a revalorização da fidelidade, a vontade de contar com relações estáveis na vida amorosa” (LYPOVESTKY, 2004, p.74).

As relações aprenderam o valor do divórcio, a possibilidade de se romper o que não mais agrada ao “eu”, para então ficar livre para buscar a satisfação em um outro. O divórcio que antes era mal visto pela sociedade, passa a entrar como possibilidade no casamento, encontrando respaldo jurídico. “Desde sua aprovação no Brasil (1977), o número de divórcios tem aumentado muito; em dez anos, quase dobrou, atingindo, nos dias atuais, a 200.000 por ano, o que representa um divórcio a cada quatro casamentos.” (GRZYBOWSKI, 2002, p.40). Na necessidade da satisfação pessoal, e da contínua busca pelo prazer, o coletivo e o outro tornam-se úteis até quando forem satisfatórios.

Bauman (2001, 2004), em acordo com Lypovetsky (1989, 1983, 2004), também indica a fragilidade das relações humanas frente ao rápido consumo das matérias e do próprio amor. Bauman que teve artigos e livros censurados e tendo sido afastado em 1968 da universidade, hoje é considerado um autor perspicaz, capaz de compreender os tênues limites que as relações humanas estão envoltas nos dias atuais.

A era dos *hardwares*, das máquinas pesadas, dos muros das fábricas abrem espaço para a era de *software*. A busca pelo poder concreto, com a expansão de indústrias como a Ford e seu esbanjar de opulência se entrega à modernidade “leve”, num mundo de contexto rápidos e fáceis. “O capital pode viajar rápido e leve, e sua leveza e mobilidade se tornam as fontes mais importantes de incerteza para todo o resto. Essa é hoje a principal base da dominação e o principal fator das divisões sociais.” (BAUMAN, 2001, p.141).

Para Bauman, o amor e as relações se tornam cada vez mais líquidas, fluidas. A idéia de um amor construído gradativamente, de tempo de maturação das experiências foram rebaixados às quais “noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de ‘fazer amor’” (BAUMAN, 2004, p.19).

A busca por objetos de consumo, pela satisfação imediata carrega no seu âmago a doce e mortal ilusão de que “(...) o próximo amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a que estamos vivendo atualmente, embora não tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois” (BAUMAN, 2004, p.19). Pode se dizer doce porque impulsiona, gera o gosto insaciável da busca pelo prazer, da satisfação plena, mas que nunca chega e assim, vive-se a busca pela “arte de amar”.

Livros, programas de televisão, anúncio em revistas ofertam a receita do amor pleno, ou a possibilidade de acessar uma rede virtual e começar a namorar em 5 minutos. “A definição romântica do amor como ‘até que a morte nos separe’ está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização” (BAUMAN, 2004, p.19). Mais uma vez aqui se apresenta o conceito da quebra de valor da tradição tendo como consequência a fragilidade dos laços humanos.

A incessante busca pelo objeto do prazer, em contradição com o ideal de liberdade pregado na sociedade indica uma necessidade de confirmar a própria capacidade de relação. A sociedade vive a fragilidade de não mais saber enfrentar a dor, a insegurança, impulsionando a vida a uma incessante busca, que só reforça sua fragilidade na manutenção e na construção de vínculos, ou em palavras do analista junguiano Aldo Carotenuto “é como se a própria sociedade fosse estruturada de modo a condenar a possibilidade de atravessar momentos difíceis, estado de sofrimento, de ansiedade e de vazio” (CAROTENUTO, 1994, p.195). A cultura parece não mais querer lidar com os conflitos, buscando limitar o tempo da dor, sem portanto, dar tempo do aprendizado que esta confere, e assim, prefere o caminho individual, ao qual, parece exigir menos esforço, todavia “(...) nada de importante pode ser feito quando não se pagou um preço alto” (CAROTENUTO, 1994, p.195). A vida relacional encontra-se livre de apegos e de conhecimento, fatores propícios ao enfraquecimento dos vínculos relacionais.

A beleza de se viver uma individualidade, de vivenciar e explorar desejos pessoais traz na conjugalidade a dor da não confiança do vínculo. “Assim, você está amarrado, mas seu parceiro

continua livre para ir e vir, e nenhum tipo de vínculo que possa manter você no lugar é suficiente para assegurar que ele não faça” (BAUMAN, 2004, p.112). A consequência deste pensamento trazido por Bauman, não está apenas no percurso da relação, mas até no medo de iniciar uma relação frente tal realidade.

A fragilidade emocional da era contemporânea suscita leveza, condenando a constância. “Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos aos vínculos e a limites, espaciais e temporais” (BAUMAN, 2004, p.65).

Em acordo com a perspectiva de Bauman sobre a fragilidade dos vínculos conjugais, da dificuldade em conseguir manter uma relação, as estatísticas do Registro Civil fornecido no banco de dados do ano de 2003 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), identificaram 473 separações⁴ judiciais encerradas em 1ª instância (IBGE, 2003, 182), e 1.600 divórcios⁵ encerrados em 1ª instância (IBGE, 2003, p.218), na cidade de Salvador.

O IBGE indica aumento gradativo do número de divórcio (44%) e separação (17,8%) comparado os anos de 1993 e 2003. Para tal Instituto, estes números são indicativos da mudança de comportamento da sociedade brasileira, “assim como, o efeito provocado pela legislação mais recente, onde as pessoas separadas de fato passam a ter a possibilidade de agilizar a mudança do seu estado civil, não exigindo a separação legal como condição para o divórcio” (IBGE, 2003, p.34-35).

Entretanto, é importante perceber que o Censo de 2003 do IBGE indica um crescimento de 0,2% no número de casamentos realizados em relação ao ano de 1993. Um dos atributos indicados pelo Instituto para o aumento, vem da iniciativa em realizar casamentos coletivos promovidos na parceria entre as prefeituras locais e a igreja católica. Independente do formato do casamento realizado, percebe-se que o desejo de constituir família, de formar um vínculo conjugal encontra-se presente. Vale salientar que “os arranjos familiares fruto de uniões consensuais não são captados pela pesquisa” (IBGE, 2003, p.31).

⁴ O IBGE considera separação quando os cônjuges são desobrigados da vida em comum ou da coabitação entretanto, sem poderem constituir novo casamento no civil ou no religioso.

⁵ O IBGE considera divórcio os casos de dissolução do casamento conferindo às partes o direito de nova união, tanto no civil quanto no religioso.

Para Gelson Roberto, analista junguiano e presidente do Instituto Junguiano do rio Grande do Sul, o momento é de grandes transformações que merecem novas perspectivas, mas também que apresentam novas respostas. A perda da noção do limite, a fragmentação e a desreferencialização do sujeito são fatores presentes hoje na crise do ser. “Mas a crise não é só de terror e incerteza. No refluxo dialético da vida, uma conspiração renovadora se instaura. Novos movimentos subjetivos se organizam frente aos desafios da vida contemporânea” (ROBERTO, 2005, p.71). Inclusive, cita que, frente nova realidade, novas formas de compreender o consciente e o inconsciente emergem, tendo que dar conta de um universo multiexistencial com “vários níveis, em movimentos horizontais e verticais, atravessados por múltiplas inserções. Uma nova concepção de homem, de psique, de mundo” (ROBERTO, 2005, p.71), seria o momento da criação de novas possibilidades, de novas formas de estar no mundo e em relação, e da reinvenção.

O advento da (re)invenção, das transformações podem ser analisados como indicativos da cultura atual. Em 2005, na Quinta Bienal do Mercosul, foi exposto em Porto Alegre (RS) a mostra de arte moderna identificada como: “(re)invenção do espaço”. “A arte e a vida estariam finalmente unidas nas obras de arte, na arquitetura, no design de produtos e na programação visual, para tornar a existência não apenas mais bela, mas também mais prática e despida de elementos decorativos supérfluos” (DUARTE, 2005). Esta imagem de (re)invenções, de transformações, reflete não só na arte, mas no cotidiano e nas vidas pessoais. Têm-se agora a possibilidade de viver estas constantes construções e desconstruções, o indivíduo pode explorar cada vez mais as suas mais diversas pluralidade e potencialidades, seus inúmeros “eus”.

O sociólogo chileno Pedro Morandé (2005) analisa que as transformações ocorridas de maneira rápida e vertiginosa na cultura e na sociedade, se tornaram novos desafios, e que, apesar das visões excessivamente negativas em torno do tema família, ela é uma instituição forte e necessária à sociedade. Em uma sociedade dotada de fertilização assistida com produção industrial do homem, bancos de gametas de doadores anônimos, com a liberação de alguns estados de clonagem para fins terapêuticos (apesar da distinção negativa com a clonagem reprodutiva), parece que a sociedade buscou meios de cumprir a função familiar. No entanto, o autor salienta que ainda não se encontrou nenhum substituto funcional para esta realidade tão particular da vida humana denominada de família.

Para o autor, a utopia da sociedade sobre uma mentalidade popular que tem como foco a total autonomia do sujeito humano para estabelecer a vontade e satisfazer sua conveniência, se materializa em um pensamento individualista que se torna apenas ilusório. Afinal, toda a autonomia reivindicada pelos sujeitos ao qual se considera o próprio norteador de sua conduta “termina cotidianamente desmentida por qualquer análise empírica que leve como premissa os condicionamentos que expõem as circunstâncias sociais, econômicas, políticas ou culturais” (COURT, 2005, p.16). O homem necessita do outro, tanto em contextos sociais, de relação, quanto para contextos mais naturais, como em momentos de adoecimento.

Morandé levanta a perspectiva de que deve se analisar a família não enquanto função, mas como local em que as pessoas se comunicam em torno do vínculo, na busca pela auto-realização, e não com a finalidade de realizar um determinado objetivo. A família é o ambiente propício para a realização do homem, não em aspecto limitado a jogos de papéis, que não poderiam perdurar neste ambiente a médio e a curto prazo “posto que a natureza das relações familiares indica que todos os seres humanos se envolvem como pessoas e não com a responsabilidade limitada somente a um aspecto determinado de suas condutas” (COURT, 2005, p.20).

Para compreender a família é necessária uma análise ecológica da mesma, tendo a busca pela compreensão da realidade ser realizada dentro de um conjunto de todos seus fatores. Portanto, a seu ver, a família “é um microcosmo humano que reflete o macrocosmo da humanidade. Nela ocorre a ontogênese de cada ser humano que existe, de um modo absolutamente único e singular” (COURT, 2005, p.23). Não pode reduzir o homem em sua ontologia, em todo seu crescimento de vida, e rebaixar os mistérios envolvidos na relação conjugal a apenas um reflexo de um produto social.

“A sociedade pode, evidentemente, através de seus sistemas de comunicação, facilitar ou prejudicar esta experiência de encontro, mas não tem para ela nenhum substituto funcional” (COURT, 2005, p.21). A realização do homem no encontro entre duas pessoas que escolhem caminharem juntos por motivos que até elas desconhecem na sua totalidade, é o exemplo do desejo humano de se unir e dividir com um outro o que há de mais significativo na existência humana, a vida.

As relações conjugais estão envoltas na totalidade da relação, não interessa ao conjugue o cálculo ou a parcialidade do seu parceiro, e é justamente por este motivo que a enfermidade, a frustração,

a dor, o sofrimento, e até a infidelidade e do engano que muitas vezes se apresentam ocultos, são efeito de uma vida compartilhada em totalidade. Ninguém pode negar a existência da dor, da violência e da frustração na vida intrafamiliar, todo ser humano é livre para fazer e praticar o que lhe convir, e assim, a família não estaria longe desta opção, afinal, “o ventre materno pode chegar a ser hoje para o ser humano o lugar de maior risco entre todos os que existem no mundo” (COURT, 2005, p.26). Este é o reflexo de uma vida realizada em sua totalidade, afinal, não se estabelece um vínculo conjugal com um mero substituto funcional, mas sim com uma pessoa.

O discurso que se propaga traz à família o bojo de relações consumistas ou com a ênfase nos papéis adotados frente o Estado e a sociedade, entretanto, a família é mais do que uma unidade de convivência, de habitação e de recursos públicos. “A família representa para a vida social e pessoal uma experiência única de sociabilidade humana, não comparável com nenhuma outra forma de vida institucional.” (COURT, 2005, p.20). A família representa uma realidade que se apresenta distinta das pessoas que as configuram, além de possuir sempre formas particulares a cada novo laço que se constitui. A família, portanto, seria “como um testemunho de solidariedade intergeracional que tem com função o cuidado da vida humana, de cada vida humana que lhe foi confiada, em sua imponderável dignidade e grandeza (...)” (COURT, 2005, p.27)

O que vem sendo discutido e percebido é que as relações conjugais, imersas em um manancial de possibilidades, e de novos caminhos, têm que lidar com o culto ao prazer individual, perdendo portanto a importância na manutenção durável da relação. As transformações que desencadearam o que se chama de “pós-modernidade” ou “modernidade em crise” trouxeram a fluidez, a fragilidade e a liquidez às relações, entretanto, a busca pela satisfação pessoal e os discursos da re-invenção podem vir a constituir uma conjugalidade não mais presa a valores normativos coletivos, mas à constante re-construção do laço estabelecido.

AMOR ROMÂNTICO, RELACIONAMENTO PURO E AMOR CONFLUENTE

Sobre as transformações ocorridas nos vínculos conjugais, na intimidade do casal, o sociólogo Anthony Giddens (1993) afirma que um dos motivadores para tal transformação teria sido a entrada do conceito de amor romântico em detrimento do casamento por laços familiares.

Segundo o autor, com o ideal de amor romântico veio o que denomina de “*amour passion*”, ou seja, a paixão amorosa, inserindo assim no contexto dos laços conjugais a liberdade e a auto-

realização. “O complexo de idéias associadas ao amor romântico pela primeira vez vinculou o amor com a liberdade, ambos sendo considerados como estados normativamente desejáveis” (GIDDENS, 1993, p.50). O amor romântico, que tem início coincidindo com a emergência das novelas, passa a contar a história do relacionamento, “mas esta história tornava-se agora individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos” (GIDDENS, 1993, p.50).

O amor romântico trouxe ao casamento, aos vínculos constituídos, certo grau de “autoquestionamento”. O casal passaria portanto a levantar questionamento sobre o andamento e profundidade da relação, e sentimentos pessoais. Para Giddens, o amor romântico presume uma comunicação psíquica, o encontro entre almas, trazendo a característica do outro enquanto reparador das dores e do vazio do indivíduo. A história conjugal torna-se compartilhada, o que “ajuda a separar o relacionamento conjugal de outros aspectos da organização familiar, conferindo-lhe uma prioridade especial” (GIDDENS, 1993, p.56).

Com o advento do amor romântico foram surgindo novos elementos como a maternidade associada a feminilidade, e com a divisão de tarefas envolta na relação entre os parceiros, veio a “subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior” (GIDDENS, 1993, p.54). O amor romântico passa a ser identificado como de características femininas e adocicadas, separando o conforto do lar com a sexualidade das amantes e prostitutas.

O pensamento de Giddens sobre a transformação do vínculo conjugal, tendo no amor romântico a idéia da mudança de um nós para um lugar do eu, entra em acordo com autores previamente citados neste trabalho como Gilberto Freyre, Petrini e Bauman.

Recentemente, com o crescimento da saída das mulheres das casas dos pais em busca de construir a própria vida, e não mais apenas para casar, tem promovido uma nova categoria denominada por Giddens de “relacionamento puro”. Para o autor, relacionamento puro:

“refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfação suficiente, para cada um individualmente, para nela permanecerem” (GIDDENS, 1993, p.68-69).

Com a separação entre casamento e as raízes tradicionais, o valor individual, o desejo pessoal de querer manter ou não uma relação passa a receber maior peso. O relacionamento puro passa a ser

uma reestruturação da intimidade, no qual faz paralelo com o desenvolvimento da sexualidade plástica, com a homossexualidade e a busca pelo prazer nas suas mais diversas maneiras, abrindo espaço para o mundo dos *fetiches*.

Com o vínculo da relação com o sexo, e com a necessidade na relação de igualdade na doação e recebimento emocional, o amor passa a tomar ares de um “amor confluyente”. Os vínculos relacionais, e portanto conjugais, que tinham no amor romântico a identificação projetiva entre os parceiros com o ideal de totalidade, no qual um preenchia o espaço do outro, o amor confluyente introduz a realização do prazer sexual recíproco como fatores de dissolução ou manutenção da relação. Como diz Giddens, “o amor só se desenvolve até o ponto em que se desenvolve a intimidade, até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e está vulnerável a esse outro” (GIDDENS, 1993, p.73). Assim como Bauman (2004), Giddens traz a percepção de que as relações passam a sofrer interferências diretas do objeto sexo, assim como a valorização do eu, de até que ponto o sujeito está preparado a encarar a relação.

Assim como nos relacionamentos puros, o amor confluyente não tem identificação exclusiva com a heterossexualidade, sendo portanto estendida ao amor homossexual, não necessariamente andrógino. Torna-se portanto fundamental o conhecimento das particularidades do parceiro. “É uma versão de amor em que a sexualidade de uma pessoa é um fator que tem de ser negociado como parte de um relacionamento” (GIDDENS, 1993, p.74). Este projeto não se destina a falar dos casais homossexuais e outras derivações das relações contemporâneas, entretanto, sugere como de grande importância esse tema para estudos mais aprofundados.

Em acordo com o pensamento de Giddens, Singly (2000) também compreende a conjugalidade nos tempos atuais como sofrendo da progressiva valorização do indivíduo. Para Singly (2000), a idéia do casal atual na vivência da união entre dois indivíduos que reclamam cada vez mais do papel em primeira pessoa na relação foi sendo construída culturalmente, e exige conseqüências, tanto ao indivíduo quanto à conjugalidade. “O elemento central não é mais o grupo reunido, são os membros que a compõem. A família se transforma em um espaço privado a serviço dos indivíduos” (SINGLY, 2000, p.15). Tal perspectiva gera na família a aparência de uma instância forte, devido a satisfação de desejos pessoais, inclusive na escolha do parceiro, mas, em contra partida, os casais não conhecem com maior proximidade a durabilidade da relação.

DOIS INDIVÍDUOS E UMA CONJUGALIDADE

Durante todo o trabalho que vem sendo observado é o complexo jogo entre relação (enquanto instituição, entidade formal e estruturada a qual exige esforço e cuidado) e a busca pela satisfação pessoal. Féres-Carneiro (1998) ao apresentar o pensamento de Caillé, ilustra este conflito como um delicado jogo equacional no qual “um e um são três”. O casal na sua dinâmica encerra “duas individualidades e uma conjugalidade”.

“Para Caillé, cada casal cria seu modelo único de ser casal, que ele chama de ‘absoluto do casal’, que define a existência conjugal e determina seus limites. A sua definição de casal, contém portanto os dois parceiros e seu ‘modelo único’, seu absoluto” (FÉRES-CARNEIRO, 1998). O que Caillé define como “modelo único”, é que está sendo indicado neste trabalho como “conjugalidade”.

Na construção do vínculo conjugal contemporâneo, homem e mulher dividem intimidades, particularidades, constroem objetivos de vida, e necessitam lidar com algo que os une (o vínculo inconsciente e consciente existente na relação, assim como as exigências sociais) que irá formar a identidade conjugal. “O casamento tende a ser erroneamente compreendido como a união de dois indivíduos. O que ele realmente representa é a modificação de dois sistemas inteiros e uma sobreposição que desenvolve um terceiro subsistema” (MCGOLDRICK & CARTER, 1995, p.18)

Compreendendo esta formulação de um e um são três, torna-se clara a dificuldade encontrada na manutenção de uma conjugalidade contemporânea que se apresenta no contexto de inversão de um “nós” para um “eu”. Valorizar o indivíduo é fazer pender a balança da relação para um lado, o da satisfação pessoal, perdendo inevitável valor no outro e na relação. “A relação conjugal vai se manter enquanto for prazerosa e útil para os conjugues. Valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades” (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Féres-Carneiro (1998) comenta ao longo do texto que o luto vivenciado pela ruptura de um vínculo afetivo pode ser tão doloroso do que a morte, visto a trajetória natural deste último. Na sociedade que possui tantas ferramentas para sanar a dor e buscar o prazer imediato, esquece-se de que a ruptura de um vínculo, mais do que o prazer de um resgate da liberdade, carrega o sofrimento de uma relação sonhada e construída, que não alcançou seu objetivo.

Salem (1989) ao estudar o ideal contemporâneo de “casal igualitário”, no qual homem e mulher teriam direitos iguais, afirma que: “sem negar-lhe peculiaridades, creio que o casal igualitário dramatiza princípios que regem a ordem social individualista e exprime dilemas que lhe são inerentes” (SALEM, 1989, p.35). Portanto, em acordo com autores previamente citados como Bauman (2004), Salem também indica a valorização contemporânea no indivíduo e o enfraquecimento dos vínculos de intimidade como consequência.

Entretanto, apesar de Salem abordar que o casal atual cultiva a diferença, e a necessidade do valor próprio, individual, carrega também em si um paradoxal desejo de buscar uma relação igualitária. No exato momento que ganhos pessoais apresentam-se com grande veemência, a busca pelo outro, e a preocupação com o respeito compartilhado também tornam-se realidades

Colocando em outros termos, o ideal de conjugalidade em pauta não promove uma emancipação progressiva dos cônjuges com respeito à relação matrimonial. Até pelo contrário, ele expressa um modelo forte de existência conjugal levando a que a parceira apresente uma inclinação para ‘ser um só’, ou seja, para compor uma unidade (SALEM, 1989, p.35)

Afinal, a valorização pessoal, o reconhecimento da capacidade própria tem como resultado uma maior auto-estima, uma maior satisfação pessoal, o qual pode ser traduzido pelo casal como maior qualidade de vida a dois. Porém, também precisa aprender a lidar com a diminuição do tempo em família (visto a busca pelo trabalho fora do ambiente do lar), e muitas vezes o cansaço e o estresse da atividade realizada.

Assim, a busca pela valorização do indivíduo na relação não só pode representar a fragilidade do vínculo conjugal, mas pode também, apresentar o desejo de construir uma unidade na qual o prazer pessoal e o vínculo tenham valor. Afinal, na valorização apenas da conjugalidade, os desejos e vontades pessoais, o desejo pessoal pela busca da sua pluralidade se tornam abafadas, e a relação pode pender para um esgotamento pessoal, e em contra partida, a valorização do indivíduo, que pode ter como resultado o enfraquecimento da relação, pode também construir uma relação satisfatória para ambos os cônjuges. Ou seja, a relação conjugal está inserida na eterna busca do homem pelo ideal de harmonia.

“(…) um casamento só se realiza e se sustenta se tem como fundamento algo maior que as duas pessoas que se unem. Algo tem que ser proposto e buscado que é mais importante que um e que o

outro. E aqui voltamos à noção de transcendência e de caminho de individuação” (POAIN, 1987, p.126).

CAP. 02

Subjetividade e a Construção do Vínculo Conjugal Contemporâneo

EROS, PSIQUÉ E A BUSCA DO OUTRO MÁGICO

O drama da construção do vínculo conjugal é de tal forma complexo que pode ser identificado como um mito tanto de cunho pessoal quanto social. A construção do referido, em uma relação a dois, está envolto em aspectos conscientes e inconscientes, portanto, também factível de sofrer interferências arquetípicas. Torna-se de grande relevância analisar alguns dos símbolos arquetípicos presentes na cultura e que podem contribuir para a maior compreensão do processo de construção de um vínculo conjugal e sua complexidade e drama.

Eros e Psique é um dos mitos gregos de maior repercussão na cultura atual. Tendo em Eros o símbolo do amor, não seria de se estranhar, em uma cultura de culto ao desejo e ao prazer, tamanha importância a este deus. Entretanto, o valor desta análise vem do resgate à complexidade e ao drama vivenciado pelos personagens na construção de uma relação mais consciente.

O analista junguiano James Hollis, diretor do *C.G.Jung Educational Center*, compreende que: “Em nossa época decadente, Eros degenerou, passando da paixão cheia de energia e de sofrimento para a criança gorducha vestindo fraldas drapeadas e segurando arco e flechas de brinquedo (...)” (HOLLIS, 2002, p.39). Em uma conjuntura de consumo pelo consumo, o amor encontra-se estampado em cartões de Natal e em camisas de lojas sem o peso das responsabilidades adquiridas em um relacionamento. “Cupido se transforma em cupidez, desejo exacerbado” (HOLLIS, 2002, p.39), marca de um deus que se torna neurose pelo distanciamento entre amor e sofrimento, trazendo desequilíbrio na polaridade.

Além do enfraquecimento nas relações, ocasionado pela tentativa frustrada de não aceitar o sofrimento inerente, Eros é reduzido ao meramente erótico. “Em definição simples, Eros é o desejo ardente de ligação, união, conexão. Sem dúvida, pode-se incluir a sexualidade nesse desejo, mas ele é de riqueza e amplitude diferente e pode ser encontrado em muitas situações” (HOLLIS, 2002, p.39). Nesse contexto, a busca por uma relação em torno apenas do sexo e prazer é limitar uma experiência profunda de intimidade.

Para Hollis, todo relacionamento começa por uma projeção. É a fantasia do “Outro Mágico” que preenche em primeiro momento os vazios da alma pessoal. Os estágios de desenvolvimento do relacionamento como namoro, noivado e casamento podem ser compreendidos como ritos sociais que podem ajudar a percepção gradual do cônjuge da realidade inerente à vida conjugal. Viver a dois, em primeiro momento, pode vir acompanhado por este ente mágico, por este ser que

arrebata e mobiliza, que gera pulsões e vontades, mas, para além do lado mágico e sublime da relação, existe também a necessidade de aprender a conviver dia a dia com um indivíduo com subjetividades, histórias e desejos que muitas vezes podem entrar em desacordo com o parceiro.

Não encarar a projeção é viver a bel prazer dos caminhos inconscientes e o “deixa a vida me levar, vida leva eu” (tão cantado por Zeca Pagodinho) é seguir por caminhos sem escolhas, sem tomadas de decisões ou como diria o analista junguiano Marcus Quintaes, fundador do grupo Himma, em palestra proferida no III Simpósio da Associação Baiana de Estudos Junguianos (ABEJ) “‘deixa a vida me levar, vida leva eu’, é a caracterização máxima de uma neurose, da falência de qualquer projeto de individuação, ou seja, assumir seu próprio destino” (QUINTAES, 2007).

Resgatar Eros como força arquetípica, mitológica é uma ligeira tentativa de aprofundar-se em um mundo tão profundo e complexo que só pode ser observado através dos olhos limitados da consciência, entretanto, é uma tarefa necessária e enriquecedora. Como diz James Hillman, analista junguiano e fundador da Psicologia Arquetípica: “Por trás de cada interpretação da lenda está a lenda. A lenda fornece o pano de fundo invisível contra o qual todas as análises desfilam seu brilho. O mito está por trás de cada explicação do mito e ele próprio não se explica.”. O mito não é criação do mundo visível, ele não veio de algo visto ou realizado, são experiências do invisível a qual tateando tenta-se alcançar seu significado. “O mito se apóia na invisibilidade. Mostra uma face encantadora, mas quando se vai olhá-lo por trás, não há nada. Ficamos perdidos no mato.” (HILLMAN, 2001, p.105). Como ser possível traduzir o invisível? Este é o questionamento que o homem carrega em si, em mitos, lendas, religiões, filosofias, mas todas estas são questões motivadoras da alma humana.

A simbologia do casamento

Eros é o amor personificado e vem do verbo grego *érasthai* que significa desejar ardentemente, enquanto Psique seria a personificação da alma. *Psykhé* do verbo *psykhein* significa tanto sopro quanto princípio vital. Portanto, o mito conta mais do que a união apaixonada entre dois seres em busca da satisfação carnal. Fala do encontro entre o desejo e a alma, o aprofundar da relação, sair dos limites do apenas prazer para a busca pela ampliação da consciência relacional, a busca pelo aprofundar da relação e dos parceiros envolvidos.

O professor de língua e literatura portuguesa e grega, Junito Brandão, no volume II do livro *Mitologia Grega*, traz o mito em questão a partir do autor latino Lúcio Apuleio (nascido em 125 D.C). Entretanto, Brandão fez algumas retiradas do que ele chamou de “indumentárias romanescas”. O texto encontra-se no formato original, com o percurso e peripécias transcorridas, mas em alguns momentos sem o rebuscamento e floreios do texto original⁶. Um dos aspectos mais interessantes do mito grego é a sua complexidade e o envolvimento de inúmeros personagens que compõem a trama (Afrodite, Zeus, as irmãs de Psique, além de todos os outros deuses e seres envolvidos). Este aspecto é importante de se mencionar porque, diferente do que se tenta imaginar, são inúmeros os fatores envolvidos numa relação e inúmeras as influências e interferências. As relações das imagos paterna e materna (imagem de pai e mãe desenvolvida na criança), os conflitos, os complexos, a traição e os jogos de interesses são aspectos da vida humana os quais os cônjuges terão que aprender a lidar ao longo do percurso em comum.

Desde o momento do casamento o mito é repleto de simbolismo e alusões às vivências psicológicas encaradas por homens e mulheres, masculino e feminino. O casamento de Eros e Psique se dá pelo rapto da donzela que Eros deveria encaminhar para a morte a fim de satisfazer a ira da sua mãe: Afrodite. Para o masculino o casamento é o enfrentamento do conforto e da inveja da mãe que deseja o filho para si. No feminino o casamento é o rapto, a saída da proteção paterna para lidar com um novo homem que irá “deflorar-lhe” - mesmo hoje com a virgindade não mais sendo pregada como algo necessário, muitas mulheres sentem o casamento como uma violação por parte do masculino. “O velar-se da noiva é sempre o velar, o encobrir do mistério e o matrimônio, como as núpcias da morte, é um arquétipo central dos mistérios femininos” (BRANDÃO, 2005, p.222).

Pode-se sugerir hoje que o declínio do uso do véu em consonância a desvalorização da obrigatoriedade da virgindade da mulher no momento do casamento sejam representações simbólicas de uma maior conscientização do feminino na cultura contemporânea. O casamento, apesar de ainda carregar o mistério para o feminino, hoje perde muito desta influência. Ou seja, o casamento pode não mais ocorrer em nível de mistério, da inconsciência para o feminino, mas

⁶ O professor Junito mantém alguns trechos do original, portanto, as vezes que o texto de Lúcio se fizer presente, este estará apresentado entre aspas e em itálico.

agora ela pode olhar frente a frente o companheiro sem esconder-se atrás de um manto de pureza. Entretanto, casamento e relação humana sempre estarão envoltos em uma penumbra inconsciente e é por este fator que a conjugalidade permite a construção, desconstrução e reconstrução, e o viver em conjunto se torna uma arte complexa de ser manejada.

Junito Brandão, no volume I de sua obra, lembra que o termo casar, no latim, se dá de forma diferenciada entre homem e mulher. Para ele, casar teria a conotação de *ducere uxorem*, ou seja, “conduzir a mulher (para casa)” e, para a mulher, seria *nubere*, “encobrir-se com um véu, velar-se, ocultar-se”. Em aspectos de masculino e feminino o ato tem simbologia e significado distinto. O feminino carrega o mistério, a chegada do macho como marca de sua identidade e possibilidade da filha que vira mãe. Para o masculino era antes um seqüestro, uma aquisição. O casamento grego-latino era representado simbolicamente pela fuga simulada da noiva no qual o marido perseguia e a conduzia às núpcias. “No mundo moderno ainda se usa, de certa forma (...), mas, ao que tudo indica, o atraso intencional da noiva em chegar ao local do casamento se configuraria numa simulação simbólica de fuga” (BRANDÃO, 2005, p.223).

Nesse contexto, Eros que já tinha Psique como esposa, manteve a relação de início com a oratória de que sua mulher não poderia olhar para ele. Psique estava protegida em um palácio, numa região cercada por bosques. Uma região de magistral beleza “servida não por escansões e criados em carne e osso, mas por uma multidão de Vozes, que lhe atendiam até os desejos não formulados” (BRANDÃO, 2005, p.211). É o momento inicial do casamento, o esposo que encontra sua mulher linda e viçosa, a mesma mulher que tem no seu amante o deus que a leva ao paraíso mais perfeito. Tudo é encantamentos, sonhos e realizações de desejos.

Entretanto, por mais belo e duradouro que seja este momento, a relação não está protegida de quedas, intrigas e dificuldades. E assim, mesmo afastada do mundo terreno, a *Fama* (do grego Phéme, é a divindade que simboliza ‘a voz pública’, deus que tudo via e ouvia) divulga a Psique as tristezas das irmãs casadas e infelizes. E assim, ela, que apesar de feliz com seu esposo, já se sentia sozinha.

A saída do paraíso

Viver a mágica da relação, seu encantamento, o estado de inconsciência sobre o outro é sempre agradável, mas solitário e perigoso. Ficar na fantasia é estar inconsciente das relações e situações enfrentadas no cotidiano e não seria de se estranhar que uma mulher que vive no mais belo dos

paraísos seja arrastada para um jogo de intriga por suas irmãs infelizes. Saber identificar as dificuldades pessoais e do outro é sempre um percurso longo de auto-reflexão, mas uma caminhada necessária.

Todo conflito tem um motivo ao qual se realiza. “Todo paraíso, no entanto, tem sua serpente e a felicidade ‘noturna’ da esposa não poderia durar para sempre. O intruso, a serpente venenosa desse Éden, é representado pelas irmãs, cuja irrupção deflagra a catástrofe, que, também aqui, equivale à expulsão do paraíso.” (BRANDÃO, 2005, p.225). Nesse contexto, as irmãs simbolizam o sintoma matrilinear que repudia o masculino, afinal, ambas (as duas irmãs) odiavam os maridos que a conservavam em regime de “escravidão do feminino”. Mas, “por mais paradoxal que possa parecer, as irmãs-sombra (...) representam um aspecto da consciência feminina que marcará todo subsequente desenvolvimento de Psique.” (BRANDÃO, 2005, p.227)

E a noite, consumida pela dúvida de que aquele que a encontrava poderia ser um monstro, a donzela hesita. “*Psique num corpo odeia o monstro e ama o marido*” (BRANDÃO, 2005, p.213). Este momento é de intenso drama para a protagonista, pois é o momento de decisão em que Psique se prepara para uma transformação. Encarar o marido seria então ver a sua face, e não apenas a persona, aquilo o que Eros (o ego) gostaria que ela olhasse. Ver o rosto do marido é enfrentar o companheiro, sair do maniqueísmo, da vivencia das polaridades de bem e mau, ou seja, é perceber o companheiro não como um deus sedutor que a leva ao prazer mais sublime, nem o terrível medo de ser uma “serpente imunda”, mas enfim, poder enfrentar e olhar o cônjuge como ele é.

Assim, Psique dotada de um candeeiro e um punhal vira para Eros, que dormia tranquilamente ao seu lado, e aproxima a luz para o rosto do seu companheiro e então “*viu a mais delicada, a mais bela de todas as feras*. Eros, o deus do amor, ali estava diante de seus olhos” (BRANDÃO, 2005, p.213). Psique fica atônita com a beleza do deus ao seu lado e no sentimento de culpa tenta matar-se. Com o resvalar do punhal em sua mão ela se fere acidentalmente nas flechas do deus e sua paixão então inflama ainda mais. Ela curva-se sobre o esposo, beija-o ardentemente e, por descuido, derrama uma gota de óleo fervente no ombro de Eros que “desperta num sobressalto e, ao ver desvendado seu segredo, levantou vôo no mesmo instante; sem dizer uma só palavra, afastou-se rapidamente da esposa.” (BRANDÃO, 2005, p.214).

Esta cena acolhe uma grandeza mítica, um drama da profundidade e do poder de transformação. É o despertar do feminino que estava aprisionado e agora emerge do inconsciente ao encontro do masculino. “Conscientizada, ela experimenta uma transformação radical: descobre que a dicotomia entre monstro e marido não é válida. Atingida pela faísca do amor, tenta apunhalar-se, em outros termos, *fere-se com a flecha de Eros*. (BRANDÃO, 2005, p.230).

Enfrentando os complexos

Psique agora não é mais uma menina ingênua e infantil. Nesse momento seu marido realmente some, porque ela enfim não se deitará mais com o amor invisível, inconsciente com o qual ela vinha se relacionando. “Seu Eros interior, imagem de seu amor, é, na realidade, uma forma superior e invisível do Eros que dormia placidamente ao seu lado. Tal forma superior e invisível pertence à Psique que deixou de ser criança.” (BRANDÃO, 2005, p.230). A perda do amante é a verdade trágica da separação, da conscientização. O casal agora é lançado para o processo de reconhecimento um do outro, não mais necessitando viver no caos, na forma indistinta e indivisível da relação.

O ato de Psique não é restrito apenas a ela, mas, inevitavelmente, seu parceiro também recebe o chamado para percorrer o seu próprio processo de ampliação da consciência, seu processo de individuação. Eros, que também tinha sido flechado pelo amor, agora se choca com a liberdade assumida pela sua parceira, com a autonomia de um Eu que não mais quer viver uma relação parcial, de penumbra, mas que deseja a totalidade, estar diante do seu companheiro.

O óleo que lhe queima é a base da luz, que deve inflamar para poder purificar. Jung, ao estudar textos alquímicos, identificou este processo como “*calcination*”, ou seja, é o processo no qual o fogo queima a matéria para então poder ser transformada, como o símbolo mítico da ave Fênix que renasce das cinzas.

Importante ressaltar que Eros era o filho-amante da sua mãe Afrodite, que transgrediu as regras da Grande Mãe⁷. O casamento de Eros com Psique não foi oriundo de uma relação construída ao longo do tempo, mas de um rapto ocasionado em confronto com sua relação filho-mãe. Portanto, mais do que uma descoberta do feminino, o ato de Psique possibilitou que o próprio esposo

⁷ Grande Mãe é a personificação arquetípica de imagens de mães construídas no decorrer da história universal. São imagens não pessoais, são símbolos de representação de mães, que no caso de Afrodite, representa as mães que não querem largar seu filho, que buscam mantê-los sobre sua superproteção.

entrasse em contato com seus complexos maternos ainda não resolvidos, assim como possibilitar também à própria Afrodite a re-significar seus atos.

Psique com sua atitude interfere no mundo dos imortais, ou seja, interfere em estruturas arquetípicas que muitas vezes encontram-se firmadas em gerações familiares. Afrodite, neste momento do mito, é identificada como a bruxa má ou a sogra desagradável (tão comum em piadas contemporâneas). E em sua explosão castradora Afrodite atira em Eros palavras felinas: “*porventura desejas impor-me uma rival como nora? Julgas, realmente, devasso, asqueroso, sedutor intolerável, que somente tu podes ter filho e que, por causa de minha idade, não mais poderia conceber?*” (BRANDÃO, 2005, p.215). A fala de Afrodite é um reflexo de uma mãe devoradora, castradora e narcisista. Uma mãe que sucumbiu aos vínculos inconscientes, a qual ainda pensa que os atos dos filhos são afrontas diretas a ela e a sua beleza.

Vale aqui ressaltar as palavras de Hera e Deméter à colérica Mãe: “Quem entre os deuses e os mortais te permitirá semear paixões entre os homens, se proíbes teus próprios familiares de usufruírem os encantos do amor e os exclus de todas as alegrias proporcionadas pela fraqueza da mulher, um prazer que é permitido a todo mundo?” (BRANDÃO, 2005, p.234). Confrontar o arquétipo da Grande Mãe é confrontar a imagem de mãe, os laços que prendem o filho em um berço de comodidade.

Psique, na procura dolorosa por seu esposo, busca por informações entre os deuses que não lhe conferem ajuda com receio de irritar Afrodite. Como último recurso, Afrodite e Psique se encontram. Ao ver a bela Psique, Afrodite a humilha e a insulta entregando-a a duas de suas criadas, *Inquietação* e *Tristeza*. Esta é uma imagem belíssima do sofrimento vivido, não um sofrimento humano, mas um sofrimento que alcança o mais profundo, o reino dos céus. Uma inquietação e uma tristeza provocadas pelos deuses e suas servas. Afinal, todo casal que já se deparou com um momento de transformação profunda, de dúvida sobre a relação, sobre o outro, sabe o que Psique passou. Essa análise mais profunda do caso nos faz pensar nas mulheres que precisam ir à busca de maridos alcoólicos, envolvidos com outras mulheres, mas que mesmo na dor, no sofrimento unem força para ir ao encontro do seu parceiro e assim poder renascer.

Seqüenciando essa contextualização, Afrodite impõe a Psique cinco provas⁸. Cabe mencionar que, para conseguir alcançar todos os objetivos em suas provas humanamente impossíveis de serem realizadas, Psique contou com a ajuda das mais diferentes espécies. Diante disso ela conseguiu reconhecer sua dificuldade, sua fraqueza e limitação e só assim foi humilde para acolher a ajuda e assim seguir em frente na sua busca.

Da morte à redenção

Na última prova Psique desce ao mundo inferior. “Foi então que Psique compreendeu que, na realidade, seu fim estava próximo. Não havia mais enigmas: enviavam-na, claramente à própria morte.” (BRANDÃO, 2005, p.217). Psique com seu auto-sacrifício prepara-se para a “morte certa”. A descida ao mundo inferior é o último dos estágios, o momento decisivo entre o seguir em frente ou sucumbir ao inconsciente e aos complexos. E já nesta fase, após tanto sofrimento, Psique na saída do Hades (nome que se designa o mundo inferior) abre a caixa que continha a beleza imortal de Perséfone (a Rainha do mundo inferior) e cai em sono letárgico. A impossibilidade de voltar-se para trás, de não se distrair em desejos é o último estágio para a construção de um ego forte, concentrado. “Através da descida, ela irrompeu a esfera matrilinear e, em seu amor consciente por Eros, alcançou a esfera psíquica” (BRANDÃO, 2005, p.246). Colocar nas mãos de Psique a caixa da beleza imortal é um ardil muito inteligente de Afrodite, deusa conhecedora da feminilidade.

O paradoxal fracasso do feminino provoca a intervenção de Eros, que agora se apresenta forte, um homem, e não mais como um jovem irresponsável e aventureiro. “O salvador de uma Psiqué em outro nível.” (BRANDÃO, 2005, p.248). Eros se transformou no percurso de sua esposa. Vendo o enfretamento e a batalha de sua amada, assim como seu sofrimento e sua queda, possibilitou a Eros o seu ato. Ele não poderia estar passivo frente a tanta mudança, caso ocorresse, o feminino estaria adormecido, submerso em um inconsciente, em um mundo inferior. Para poder elevar-se ao reino dos céus Eros precisa provar que também está fortalecido.

Um casal não se realiza apenas na vida individual de cada um dos parceiros. Ambos precisam mostrar o seu valor, a sua contribuição, o seu enriquecimento. Só assim o masculino e o feminino podem mostra-se fortes e não sucumbir às forças inconscientes dos complexos.

⁸ Apesar de ser muito rico o processo envolvido pelas provas não seria pertinente suas análises neste trabalho, ficando como sugestão para um próximo estudo.

Eros, que neste momento encontrava-se curado do ferimento causado pelo óleo fervente e com saudades da esposa, segue a seu encontro e com um leve toque da sua flecha a desperta. Eros então se dirige a Zeus, o deus supremo do Olimpo que reunido com outros deuses confere a união imortal dos jovens apaixonados. No discurso Zeus clama: *“ele escolheu uma donzela e roubou-lhe a virgindade. Que ele a possua, que ela o conserve para sempre, que ele goze de seu amor e tenha Psiqué em seus braços por toda a eternidade.”* (BRANDÃO, 2005, p.219).

O arquétipo do amor, da paixão, da vida íntima encontra-se em cada indivíduo e é documentado em livros, filmes e na vida cotidiana. O que deve ser dito e lembrado é que o amor, além de prazer, é também construção e dor. Conviver em relação com o outro exige uma dinâmica de doação, de retorno e, sobretudo, de entrega para a compreensão de que amar necessita de tempo.

Em palestras proferidas em Belo Horizonte, no XII Simpósio da AJB (Associação Junguiana do Brasil), a americana Lyn Cowan afirma que: “Quando o lindo deus Eros deixa-nos, perdemos a centelha divina que nos permite sentirmos conectados ao mundo e às outras pessoas, e para algum senso do Self” (COWAN, 2004)⁹. Cowan apresenta seu trabalho consoante à mostra do filme “Beleza Americana”, *American Beauty*, EUA/1999, direção: Sam Mendes, e expõe o vazio sofrido na relação conjugal pela perda do Eros.

Nesse contexto paixão e vontade são motivadores afetivos relacionais, mas que nem sempre fazem parte do cotidiano do casal. O cotidiano é difícil e pode tornar a conjugalidade entediante e cansativa, principalmente frente às constantes brigas, enfretamento a personas e o lidar com os complexos. E é neste momento que Eros foge e que as provas a serem passadas aparecem. É o momento que a relação entra em crise e os esforços tornam-se necessários para sua manutenção e assim poder esperar o retorno e o despertar do deus do amor.

“Eros reside não somente na alma, mas lá fora no mundo, em tudo que nos atrai, que nos desperta e que promete prazer (...) E isso faz toda a diferença no mundo, imaginar o pôr-do-sol não somente como mais uma rotina inevitável, mas também como um magnífico poema cósmico.” (COWAN, 2004)¹⁰

O mito de Eros e Psique é uma representação arquetípica dos esforços dos cônjugues em permanecer em uma relação não pela fantasia, mas com o intuito de conhecer o outro e a si. Mais

⁹ Tradução livre.

¹⁰ Tradução livre.

do que arte (ou religião), este mito apresenta a condição humana, a necessidade dos enfrentamentos, o drama das relações conjugais. Esta é portanto uma forma simbólica dos dilemas vividos pelos casais que passam pelas mais diversas situações para poderem constituir uma relação madura e honesta.

A PSICODINÂMICA DAS RELAÇÕES

A constituição do vínculo familiar se processa numa intensa trama que perpassa diversas camadas da vida humana (social, antropológica, psicológica etc.), um verdadeiro mito contemporâneo com estruturas profundas e dinâmicas. Carl Gustav Jung, ao abordar o tema do matrimônio enquanto relacionamento psíquico, alerta desde o início que “é algo complicado, sendo constituído por uma série de dados subjetivos que em parte são de natureza muito heterogênea” (JUNG, 1986, p.195).

A construção do vínculo conjugal encontra-se no drama da construção da identidade individual, no processo de ser, estar, no mundo. A construção da identidade é caracterizada na psicologia junguiana como processo de ampliação da consciência (processo de individuação), portanto, uma busca pelo autoconhecimento, por aprendizado de estar no mundo, um processo de aprender gradativamente a lidar com as manifestações do inconsciente no dia a dia e com a realidade do mundo externo. Apesar de ser um processo de busca por autonomia, visa o retorno ao mundo, estar mais presente e consciente de si para estar mais presente no outro, um processo que Carl Roger (1977) denomina de “tornar-se pessoa”.

O casamento para Jung é compreendido como uma relação no qual se encontra presente a consciência, mas que também sofre interferências do inconsciente. “A suposta inconsciência total certamente não ocorre nessa medida; contudo, existe a inconsciência parcial em amplitude nada desprezível. Na medida em que existirem tais inconsciências, também se reduz o relacionamento psíquico” (JUNG, 1986, p.195). Todo ser humano possui alguma parte não compreensiva da psique, mas, quanto maior for a negligência do homem frente ao inconsciente, maior será a influencia deste na relação, assim como menor será o controle e a compreensão do que ocorre. Este aspecto torna-se bastante evidente quando em um momento de crise o casal não se dá conta dos motivadores que geraram o conflito, e menos ainda saberão como modificá-los, correndo o risco da projeção de sombra em um dos cônjuges.

Para Jung, a construção da relação exige a consciência de eu, tendo, por conseguinte a necessária distinção do outro. “Apenas onde existe essa distinção, pode aparecer um relacionamento”

(JUNG, 1986, p.195). A construção de relações conscientes são passos longos e trabalhosos que se fazem necessários para que, cada vez menos, a relação passe a sofrer os efeitos do inconsciente. Seria, portanto, um processo de busca pela autonomia, não um individualismo, mas uma busca por maior compreensão de si e do outro para poder trilhar uma jornada a dois com maior clareza. “Não existe nenhum relacionamento psíquico entre dois seres humanos, se ambos se encontrarem em estado inconsciente” (JUNG, 1986, p.195). Entretanto, torna-se relevante o fato de que a consciência não vem dada a priori, mas antes, é uma função desenvolvida ao longo do tempo na relação do eu com o mundo.

Portanto, para Jung, os jovens teriam menor clareza dos aspectos que interferiram na escolha do cônjuge em relação aos casais adultos. Mas vale ressaltar que o processo de autoconhecimento, apesar de ser um caminho natural do homem, é também uma escolha, e, portanto, um trabalho. Assim sendo, é comum observar adultos que envelheceram e não amadureceram, os conhecidos *Puer Aeternus* (eternos jovens), ou no caso feminino, a *puella*. A analista junguiana Maire-Louise Von Franz, considerada uma das principais colaboradoras de C. G. Jung, estes adultos que vivem sobre a influência do arquétipo pueril podem trazer a alegria da juventude, a vivacidade, a busca pela satisfação, mas também a imaturidade e o narcisismo, impedindo um desenvolvimento pessoal e, portanto, relacional. Os arquétipos do *puer* ou da *puella* trazem dificuldades em lidar a relação com seriedade e compromisso, pois enfrentar o outro é sair do mundo infantil e entrar no mundo adulto, uma obra que não estaria nos planos deste, como bem representado no mito de Peter Pan. Para Von Franz, estes seriam adultos que não conseguiram a separação psíquica da mãe, a qual ainda a procura em todas as parceiras, e que, portanto, “eternamente sonha com a mulher maternal que o tomará nos braços e realizará todos os seus desejos. Isto é freqüentemente acompanhado pela atitude romântica da adolescência” (FRANZ, 1992).

Nas relações de *puer* ou *puella* não só a relação conjugal sofre as interferências, mas também a relação com os filhos. Torna-se freqüente notícias e debates sobre pais que querem ser os jovens da família, tendo, por conseguinte, a necessidade do filho em ser pai dos próprios pais. Mais do que papéis sociais, a vida do adulto teve chance de passar por maiores experiências, assim como pelas fases de desenvolvimento da psique humana, enquanto que o adolescente encontra-se na fase do despertar da sua consciência. Portanto, uma luta do filho, que além de ter que lidar com o próprio desenvolvimento, de construir a própria identidade, ainda necessita lidar e cuidar do próprio pai, a quem arquetipicamente espera-se um posto de autonomia e responsabilidade.

No oposto enantiodrômico¹¹ do *puer* se encontra o arquétipo do *senex*, do velho. Enquanto no *puer* a alegria, a descontração e a não responsabilização dos atos estão em voga, as relações do *senex* vem como o velho, o desgastado e sofrido. Quem teve a experiência de estar junto a pessoas que, independentemente da idade, apresentam condutas de excessiva norma, seriedade, sabe o quão distante dos sentimentos e afetividade tais pessoas se encontram. Esta figura do *senex* pode, em uma relação conjugal, tirar o brilho e a energia, a vivacidade da relação, tornando-a fria, quase técnica.

O que estes escritos de Von Franz vêm acrescentar é que na construção do vínculo o casal sofre de influências de sua história, incluindo a infância e as relações com as imagos paternas (imagens de homem e mulher formadas na relação com os pais). Concordando com esta afirmativa, James Hollis diz que “o Outro Mágico é sobrecarregado com todos os detritos da nossa história psíquica. Se há um inimigo que nos tem em suas mãos, esse inimigo é a força dessa história (...)” (HOLLIS, 2002, p.45.). Para este autor, o Outro está escrito em inicial maiúscula “para lembrar que a outra pessoa pode assumir uma posição eminente, cósmica, em nossa mitologia psíquica” (HOLLIS, 2002, p.13). Ou seja, estar em relação, constituir um vínculo, envolve uma complexa gama de influências conscientes e inconscientes que se entrelaçam no drama da vida cotidiana a dois. Em outras palavras, “Com pouco conhecimento de nós mesmos, procuramos nossa identidade no espelho do Outro, como uma vez fizemos no espelho da mãe e do pai. Com todas as feridas dessa perigosa condição, procuramos porto seguro no Outro que, aliás, procura o mesmo em nós” (HOLLIS, 2002, p.36). O casal vive uma eterna aventura, uma viagem de possibilidades e descobertas que não se esgota.

Para Hollis, a humanidade persegue uma fantasia da existência de um Outro Mágico, a imagem de uma alma gêmea, a pessoa ideal que irá restaurar todos os sofrimentos vividos na história pessoal. “Atrás da busca do Outro Mágico está a força arquetípica das imagos parentais. A primeira experiência de nós mesmos se relaciona com esses Outros Primordiais, geralmente pai ou mãe” (HOLLIS, 2002, p.43). O homem se relaciona com o Outro, constrói laços, vínculos, baseado tanto nas suas boas quanto más experiências com os Outros primordiais.

Muitos casais se relacionam por encontrar no seu parceiro a realização de um complexo. Inúmeros são os exemplos sobre a necessidade inconsciente de procurar no outro o

¹¹ Enantiodromia – Conceito utilizado por Jung para exprimir a idéia de que a exacerbação da força psíquica voltada para um pólo, produz uma força inevitável igual e contrária.

relacionamento pai/mãe. “É incontável o número de crianças agredidas que se relacionaram com agressores, reproduzindo impotentemente o paradigma primordial” (HOLLIS, 2002, p.44). Não é a aparência externa do parceiro que atrai ou o pensamento consciente de querer alguém como o pai/mãe, mas sim a psicodinâmica, a dinâmica psicológica envolvida na relação. É devido a estas interferências que a psicologia analítica se preocupa com o processo de desenvolvimento da consciência, visto sua influência nem sempre positiva nos vínculos relacionais. “Não crescer durante o casamento é desastroso. A mera longevidade no casamento não é necessariamente algo para celebrar (...)” (HOLLIS, 2002, p.52)

VÍNCULO: UMA REALIDADE HUMANA

Quando se inicia um vínculo? Qual a sua extensão? O vínculo é uma realidade da vida humana transcendente, mas que lida com o cotidiano e com a frustração. Construir um vínculo conjugal é gerar um eixo que põe nova ordem na dinâmica da vida pessoal, um eixo que desloca a pulsão de vida para a relação.

O ser humano é relacional por natureza, o homem necessita se relacionar e constituir vínculos. Desde o momento em que o homem ainda é feto necessita de um outro, não só em forma de preservação da espécie para sua proteção e alimento, assim como para se desenvolver. “Sabemos que os bebês que não recebem carinho ou confiança sofrem do que se chama de depressão anaclítica. Eles têm maior tendência ao retardo mental e fisiológico e a doenças graves do que aqueles que recebem atenção emocional” (HOLLIS, 2002, p.18). O vínculo, portanto, tem força preponderante na vida humana, tanto no sentido destrutivo quanto positivo e é devido a este valor que Ana Carvalho afirma que “é no outro e através do outro que o ser humano individual, bem ou mal, se constitui” (CARVALHO, 2005, p.189).

O compartilhar cria vínculos, cria interações. É na busca e na relação com o outro que se descobre um mundo novo, uma nova forma de se relacionar com as situações da vida interna e externa, e também, é através do outro que o homem descobre a si mesmo. E então, pergunta Ana Carvalho: “Pode-se conceber alguma sociedade humana onde não existam vínculos interpessoais?” (Carvalho, 2006). O vínculo é uma resposta pessoal à necessidade de vivenciar, de partilhar e de aprender a viver. O vínculo, além de possibilitar a interação social, é uma necessidade fundamental do homem.

No primeiro capítulo deste trabalho foi abordado de forma sintética o tema sobre a valorização contemporânea do indivíduo e a escolha dos próprios caminhos, este aspecto traz a possibilidade de um enriquecimento para homem descobrir sua forma de ver o mundo, de estar e de agir, mas também a perda de estar com o outro, de aprofundar em um contexto de intimidade e construção de vínculo. Sobre este drama da busca pela satisfação pessoal e o estar com o outro vale salientar uma simples nota usada por James Hollis no posfácio de “O projeto Éden”, no qual ele cita uma frase encontrada na escrivania da Administradora da Fundação Jung de Ontário: “O casamento interior é ótimo, mas não esquentar os pés à noite” (HOLLIS, 2002, p.174). Ou seja, estar consigo, buscar a si é sempre enriquecedor e frutífero, mas não ajuda a lidar com o mundo, com o apoio que eventualmente se precisa e com o sentimento de solidão, de estar só no mundo.

A diversidade do tema vínculo

Ana Carvalho, Anamélia Franco e Isabella Politano, no texto sobre vínculo interpessoal apresentado no I Seminário Internacional Família Contemporânea citam alguns estudos abordando o tema vínculo. Entre os autores pesquisados encontram-se Freud, Elizabeth Badinter, Bowlby e Moreno.

“Édipo tem complexo de Édipo?” (CARVALHO, 2006). Com esta reflexão as autoras iniciam uma jornada de análise sobre o vínculo, o destino humano, a impossibilidade de controlar o destino e sobre a existência universal do vínculo.

As autoras recorrem em grande parte do texto a análises sobre o vínculo entre mãe-filho, principalmente ao citar o autor Bowlby e Badinter (autora esta conhecida por ter criticado de forma radical a universalidade do amor materno). Vale ressaltar que, apesar de se compreender a importância deste tema (vínculo mãe-filho), ele não é objeto de estudo específico neste projeto, ficando como sugestão para um próximo. Entretanto, ao longo do texto, importantes reflexões são lançadas sobre o tema vínculo, assim como considerações sobre o vínculo não específico na fase mãe-filho.

Ao introduzir o pensamento de Moreno, as autoras indicam a preocupação deste com o encontro humano. O homem seria, portanto, compreendido como um “ser de relação atuante no aqui e agora, através de sua espontaneidade e criatividade” (CARVALHO, 2006, p.11). Este conceito levou o autor a desenvolver técnicas de dinâmica de grupo baseadas no teatro tendo como

preocupação a relação do homem com o mundo. Diferente de Moreno, Bowlby e Freud tinham como foco o indivíduo circunscrito no consultório.

No entanto, mesmo vindo de tradições convergentes (Bowlby – biológica; Moreno – quase anticientífica), aponta-se o fato do vínculo ser tratado pelos autores como uma realidade primeira, matriz da individualidade do homem. As autoras concluem que:

Afirmar que o vínculo interpessoal é universal é uma hipótese sobre uma das especificidades da natureza humana. Não implica, no entanto, nenhum conceito simplista de instinto, de determinismo biológico, de ausência de diversidade. Por sua própria natureza, o vínculo requer uma relação particular entre a preparação biológica do ser e sua experiência no mundo – no caso, no mundo social, na interação com o outro. (CARVALHO, POLITANO, FRANCO, 2006, p.13).

Muitos são os pontos de vista sobre o vínculo interpessoal, o que indica sua complexidade, assim como a interferência do contexto histórico e cultural. No entanto, a diversidade alcança o limite do ser humano, “a presença da diversidade é intrínseca ao modo de vida humano, que é um modo de vida sociocultural. No entanto, a diversidade cultural é limitada pela nossa humanidade” (CARVALHO, POLITANO, FRANCO, 2006, p.13). Ou seja, o vínculo interpessoal é uma exigência humana, uma necessidade do homem que varia de pessoa para pessoa, de cultura para cultura, mas ainda sim, uma realidade humana.

Vínculo, Totalidade e Mistério

Autores como Hollis e Petrini concordam com a conclusão apresentada por Ana Carvalho, Anamélia Franco e Isabella Politano, visto que, também reconhece no casamento, na relação de intimidade uma realização de totalidade do homem, o outro indispensável para a satisfação pessoal, o outro que conduz a realidade humana a um encontro sagrado.

A partilha existente na relação perpassa pelas mais diversas camadas da realidade humana, desde o dia a dia com o lidar com filhos, trabalho, dinheiro, família, como na satisfação pessoal e de estar com o outro e na solidão. “O maior presente que levamos ao relacionamento somos nós mesmos, como somos, singulares na solidão.” (HOLLIS, 2002, p.73). Partilhar torna-se a ação necessária para lidar com a constante tensão entre os opostos existentes no relacionamento: de um lado a alteridade, o crescimento, o estar com o outro simplesmente por ser o outro, mas também o desgaste e o sofrimento de reconhecer as falhas desconhecidas em si.

Como visto anteriormente, o mito de Eros e Psique não é simples e mágico como gostaríamos em nossa busca contemporânea pelo não sofrimento e eterna alegria, mas é cheia de espinhos, sofrimento e reviravoltas. “Quem não está disposto a sofrer, como sugeriu Goethe¹², é apenas hóspede perturbado sobre a terra.” (HOLLIS, 2007, p.77).

Estar em relação é estar em contato com o mistério. “Em linguagem mitológica, o assombro diante do outro traz indício dos deuses, pois estamos na presença do mistério. *Deus* é a palavra que geralmente denota esse mistério, e sentimos a sua presença no encontro com o outro que encarna essas sagradas energias do cosmo.” (HOLLIS, 2002, p.72). Estar com o outro não é uma busca pela cura dos sofrimentos internos, pois isso tornaria o amor um objeto, como identificado no modelo Eu-isso denominado por Bubber. “Quem diz Tu não possui coisa alguma, não possui nada. Ele permanece em relação” (BUBBER, 1974, p.5).

Bubber, ao abordar a relação Eu-Tu, apresenta um texto um tanto poético, e teria forma mais próxima de se falar de vínculo, de relação que não seja pela arte, poesia, criatividade? “A relação com o Tu é imediata. Entre o Eu e o Tu não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em que passa dos detalhes à totalidade.” (BUBBER, 1974, p.13). Martin Bubber fala da relação de estar com o Tu, de estar com o outro pelo fato de ser o outro, sem desejos, vontades e querer. “Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos acontece o encontro” (BUBBER, 1974, p.13). É através deste encontro que casais podem relatar a vivência de estar em comunhão mesmo no silêncio.

Petrini, ao abordar o tema da totalidade, indica que “o vínculo matrimonial, antes de adquirir a dimensão jurídica, é constituído pelos aspectos da existência que são partilhados, expressando densidade humana extraordinária” (PETRINI, 2007, p.216). Na cultura da banalidade na qual são valorizados relacionamentos parciais, ocasionais, tendo limitadas proporções de prazer, o vínculo conjugal emerge com a consolidação das experiências humanas, a divisão das responsabilidades e da cooperação.

Para Petrini, a construção de um vínculo conjugal faz parte de um projeto de vida em comum. A conjugalidade é uma relação a longo prazo, sem perspectiva de término. Afinal, não se contrai

¹² Aqui Hollis se refere ao texto de Goethe “o Fausto”, obra bastante citada por Jung ao se referir ao drama da vida humana da busca psicológica pelo auto-conhecimento e descida ao submundo do inconsciente.

um matrimônio pensando no seu término, se estabelece uma relação com perspectiva de crescimento, investimento, companheirismo.

No entanto, vínculo de intimidade envolve o drama da tensão entre dois pólos: um formado pela realização e autonomia individual, outro pela busca do encontro, de estar em relação. Este dilema que outrora tinha no patriarcado as decisões e os caminhos a seguir, na atualidade, emoções e desejos individuais ganha prioridades.

(...) o pólo constituído pelo ideal da autonomia, percebido como valor indispensável para a realização individual, provoca tensão e conflitos que no passado eram resolvidos, muitas vezes, com atitudes autoritárias ou com o apelo a direitos e deveres institucionalmente definidos. Atualmente, o limiar entre esses dois pólos encontra-se em estado fluido e, em grande medida, é delimitado por decisão subjetiva (PETRINI, 2007, p.218).

Por conseguinte, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos casais contemporâneos é a de equacionar o delicado jogo entre impulsos individualista e a não repressão de desejos pessoais, e por outro lado a busca pela integração e coesão. Cada casal cria sua própria realidade e maneira de enfrentar esta situação: alguns fazem uso de técnicas autoritárias, sendo necessária a submissão de um dos cônjuges para que a relação se mantenha, outros compreendem a satisfação pessoal como fruto da realização de vida a dois. Em geral, os casais utilizam-se de uma multiplicidade de recursos como apoio, religião, filhos.

EGO E RELAÇÃO

A dramaticidade da relação conjugal encontra-se fadada a tantos encontros e desencontros desde a sua formação mais primária - a complexidade da psique humana. A psicologia analítica contribui nos estudos sobre o drama da relação humana desde o momento que busca a compreensão do homem enquanto ser multifacetado que se encontra com um outro tão complexo quanto ele.

O indivíduo se relaciona com o mundo e consigo não apenas a nível da consciência, mas também (e principalmente) por meio de fatores inconscientes. “A consciência é como uma superfície ou película cobrindo a vasta área inconsciente, cuja extensão é desconhecida” (JUNG, 2003, p.4). O que Jung e seus sucessores abordam é a compreensão de que a consciência que o homem tem sobre si e o mundo é apenas uma percepção limitada de uma realidade interna e externa muito maior e complexa.

Portanto, na psicologia analítica o ego é compreendido como um complexo. O ego é o centro das atenções e desejos, o qual atrai conteúdos inconscientes e do mundo. Ou seja, o ego é uma fonte de energia que faz o homem crer o que ele pensa que é, sendo esta crença apenas uma fonte limitada das suas mais diversas possibilidades. Entretanto, o ego é de extrema importância para o homem, visto que a perda do controle deste abriria caminho para a esquizofrenia.

“Os junguianos vêem a psique não como monarquia, como seria do gosto do ego, nem como agência central de inteligência, mas antes como entidade polifacetada, polimorfa, polissêmica, politeísta” (HOLLIS, 2002, p.36). É devido a esta realidade psíquica plural que a pós-modernidade - abordada por Bauman e Lipovetsky – aparece tão estimulante e difundida. A sedução da pós-modernidade está na vivência da pluralidade que se torna viável, pelo fato da psique se sentir impulsionada a descobrir sempre mais. Como diria o escritor conde Leon Tolstói no clássico Guerra e Paz: “o intelecto humano não pode compreender as causas dos fenômenos na sua integridade, mas a necessidade de procurar as causas é inerente à alma humana” (TOLSTOI, p.665)

Esta observação sobre a multiplicidade da psique humana e da necessidade de uma organização, gera nas relações uma crise paradoxal. De um lado o homem se sente compelido a descobrir e a buscar mais e mais, a conhecer novas realidades, correndo o risco da falta de um ideal frente a tantas possibilidades, e de outro encontra o desejo de aprofundar nas suas vivências.

Baseando-se neste pensamento junguiano de diversidade existencial que o analista Marcus Quintaes levanta o questionamento:

Quando eu amo, quem ama em mim? Não se trata de pensar no ‘que’ amo ou ‘por que’ amo, e sim ‘quem’ ama em mim, afinal?, e continua aferindo que há algo em mim que ama à revelia da minha vontade consciente, esta se faz independente da consciência, sendo assim, poderíamos dizer por vezes que o inconsciente ama em lugares insuportáveis para a consciência em seus traços de identidade, isto é, para a Persona (QUINTAES, 2007).

A experiência amorosa portanto, é mais do que escolhas, é vivência, é o que vem do inesperado.

Frente tamanha complexidade, a construção do vínculo estaria em camadas profundas da experiência humana. São inúmeros os fatores aos quais a limitação da consciência não consegue abarcar em sua totalidade, seria um olhar finito para um horizonte infinito. Tendo esta

perspectiva, cabe então um outro questionamento: é possível um vínculo tão profundo como o conjugal ser rompido? Quando ocorre uma separação, o que se rompe?

A conjugalidade favorece tornar o homem mais consciente de si e do outro. É na relação conjugal que o indivíduo tem a oportunidade de entrar em contato com seus sentimentos e pensamentos de forma não utilitarista. Ou seja, quando um indivíduo encontra-se vivendo diversas relações ele não consegue se aprofundar com um outro, as relações se tornam úteis, funcionais, (Eu-isso como diria Buber). O outro se torna apenas objeto de satisfação de desejos. Na conjugalidade o sujeito estará em contato com o seu parceiro nos dias bons e ruins, com suas qualidades e deficiências. Isto permite que busquem soluções para os problemas e se reconheçam enquanto causadores daquela situação, proporcionando o enfrentamento com a sombra e a busca pela integração.

Pelo fato da consciência ser tida como um ponto de uma vasta possibilidade externa e interna, o ego não é visto como uma entidade estrutural, mas sim como dotada de passível desenvolvimento ao longo de toda a história de vida. Portanto, a conjugalidade é uma relação em que os sujeitos inseridos devem estar cientes da existência da história de vida pessoal, da forma particular de vivenciar e compreender o mundo e que, inevitavelmente, transformações irão ocorrer ao longo do percurso.

Lidar com as transformações nem sempre é fácil. Pelo fato do ego ser tão flexível é que reclamações como “eu me casei com um homem, e agora ele é outro” se tornam tão presentes. Mas é no modelo de vínculo construído que será possível deparar-se com o outro enquanto ser de possibilidades ou com alguém que não satisfaz as expectativas.

A conjugalidade permite o que na psicologia junguiana chama de “processo de individuação”, o caminho para ampliação da consciência do homem. Como visto anteriormente, a consciência não é tão ampla quanto o homem gostaria que fosse, portanto, a relação pode ter aspecto de aprendizagem, (tanto pessoal quanto coletiva). Mas pode ser compreendida como uma estrutura limitante que impede o florescimento de novas possibilidades nos mais diversos âmbitos da vida individual.

COMPLEXO DA HARMONIA

Casamento é desarmonia. Pensar em casal, relação familiar e ainda manter a idéia de felicidade, como objetivo de família, provavelmente a relação não duraria por muito tempo. Viver a dois, a três ou quantos mais sejam é uma experiência de grande intensidade, sacrifícios e alegrias.

O casamento possibilita aos seus membros um lugar de grande ampliação da consciência, e portanto, um caminho para a individuação. É com o outro e, principalmente, nas relações de maior intimidade, que se pode ter a chance de entrar em contato com a sombra e complexos, e estes não são aspectos simples e fáceis de serem absorvidos.

O casamento não é confortável e harmonioso; antes é um lugar de individuação onde uma pessoa entra em atrito consigo mesma e com um parceiro, choca-se com ele no amor e na rejeição e desta forma aprende a conhecer a si próprio, o mundo, bem e mal, as alturas e as profundezas. (CRAIG, 1980, p.71)

A idéia de um casamento em harmonia, feliz, pode ser destrutiva na construção de um processo de vida, e não é de se estranhar que em uma cultura de culto ao prazer o casamento perde seu valor de durabilidade. A vida e a relação conjugal não possuem apenas o amor e a alegria na sua gênese, mas também todo o sofrimento e angústias de dois indivíduos que se relacionam por inteiro. No casamento, diferentemente de outras relações como as de trabalho por exemplo, o sujeito se apresenta não enquanto ser funcional, mas na sua totalidade, mesmo não deixando de desempenhar funções relevantes.

Na família um homem não é só o gerente ou escrivão, mas é pai, esposo, aquele que tem certos hábitos dos quais se discordam ou que se aproximam. No casamento, homem e mulher apresentam-se em toda sua forma paradoxal, ambígua, às vezes de maneiras negativas outras positivas, como é de característica própria do ser humano. “O homem e mulher, portanto, complementam-se entre si só parcialmente. O casamento pode ser na verdade compreendido propriamente só quando nos libertamos do ‘complexo da harmonia’” (CRAIG, 1980, p.71).

Jung e os pós-junguianos, vêm há muito apresentando a importância da observação do lado sombrio da realidade humana. Viver é uma eterna luta. Filósofos como Schopenhauer, Friedrich Nietzsche, Soren Kierkegaard ou escritores como Oscar Wilde, Goeth, Kafka, além da própria sagrada escritura (lembrando o livro de Jó), são exemplos exímios em descrever a dor do homem. Negar esta afirmativa é não possibilitar a ampliação de uma consciência.

Não aceitar o lado sombrio da relação, de que na vida o sofrimento e a dor fazem parte do processo de crescimento e de vivencia da vida possibilita a não integração de conteúdos sombrios da própria psique, deixando-os livres para agir da forma que lhe convier. “Como se sabe, não é o sujeito que projeta, mas o inconsciente. Por isso não se cria a projeção: ela já existe de antemão.

A conseqüência da projeção é um isolamento do sujeito em relação ao mundo exterior, pois, em vez de uma relação real, o que existe é uma relação ilusória.” (JUNG, 1988, p.7).

CASAL IGUALITÁRIO

As transformações do homem com a sociedade e suas relações conjugais, podem ser bem observadas no texto da Anália Torres e Ana Moura (2004), apresentado no V Congresso Português de Sociologia. Este texto resultou da pesquisa *Contextos Conjugais e Divisão do Trabalho entre Homens e Mulheres*, que tinha como objetivo compreender as assimetrias e simetrias nas relações conjugais em Portugal.

A estas autoras interessava observar se o ideal difundido de simetria entre homem e mulher, que consta, entre outras coisas, o compartilhar de valores e atividades (inclusive domésticas), é realmente encontrada na vida cotidiana.

Um dos grupos pesquisados é o de jovens casais da Pequena Burguesia Intelectual e Científica¹³, que se encontram na cidade do Porto. Dessas relações conjugais, foi percebido que a assimetria do casal era bastante atenuada. Entretanto, a figura da “empregada doméstica” é um dos principais fatores colaboradores na simetria do casal sobre as tarefas diárias da casa. “Com maiores possibilidades econômicas estes casais contam com a ajuda paga, que vem facilitar substancialmente a vida do casal e da mulher em especial, sobretudo no que diz respeito às tarefas mais pesadas (limpeza da casa, passar ferro)” (TORRES, MOURA, 2004).

Neste grupo, os homens claramente mostravam o desejo de evitar as tarefas domésticas, entretanto, colaboravam com tarefas mais específicas como: cuidar dos filhos, do carro, do jardim e, esporadicamente, cozinhavam para amigos no fim de semana.

Entretanto, no caso dos jovens casais de Lisboa, não só o discurso, mas a prática do casal se mostra ainda mais igualitária da divisão das tarefas domésticas. Nos relatos prescritos mostram a preocupação mutua em não haver uma sobrecarga de tarefas entre os parceiros.

Este dado aponta as transformações nos modelos de conjugalidade, visto que, nos casais da Pequena Burguesia com mais de 20 anos de casados, a assimetria entre os membros eram mais significativas que nos jovens. Tanto em Porto quanto em Lisboa não foram percebidas

¹³ Apesar das autoras trabalharem com um grupo intitulado de Operários, foi selecionado apenas o grupo de Pequena Burguesia Intelectual e Científica por se aproximar com o grupo a ser analisado por esta pesquisa.

modificações quanto à assimetria nos casais de relação mais antigos, apresentando em ambas as regiões um modelo tradicional, no qual “a responsabilidade de organizar o trabalho da casa é delas” (TORRES, MOURA, 2004).

Apesar de este trabalho ter como conclusão que “em casa, elas fazem sempre mais do que eles” (TORRES, MOURA, 2004), vale salientar as mudanças ocorridas. Foi possível observar que modelos estereotipados de homens e mulheres exercendo papéis assimétricos, hoje, com os novos casais, começam a sofrer reformulações. Assim, a perspectiva de homem no trabalho e mulher em casa, modifica-se para a realização de práticas igualitárias.

“Amor é responsabilidade de um EU para com um TU: nisso consiste a igualdade daquele que amam”. (BUBER, 1974, p.17).

CONFLITO TRABALHO-FAMÍLIA

Compreendendo o vínculo conjugal enquanto relação de totalidade em que dois sujeitos encontram-se envolvidos nas mais diversas realidades pessoais e conjugais, o trabalho torna-se um importante fator a ser analisado. No Brasil, o aumento do número de mulheres exercendo atividades remuneradas, a tentativa de conciliar vida profissional e conjugal, a instabilidade do mercado de trabalho, são alguns dos fatores envolvidos diretamente na relação conjugalidade-trabalho.

As vivências do trabalho e das relações familiares promovem constantes influências mutuas. A dinâmica vivida no trabalho, os desgastes, sofrimentos ou alegrias são deslocadas para o ambiente familiar, e vice-versa. São diversos fatores que se entrelaçam e que podem provocar na relação conjugal maior fortalecimento ou desgaste.

No ano de 2005 foi concluída no mestrado em psicologia da Universidade Federal da Bahia a dissertação de Márcia Fraser a qual debatia sobre “vivências cotidianas do conflito trabalho-família”. A autora analisou a interação do conflito entre o ambiente familiar e o trabalho, tendo como aspectos principais de análise: conflito baseado no tempo, conflito trabalho-família baseado no desgaste ou estresse, conflito trabalho-família baseado no comportamento, estratégias de enfrentamento, suportes, impactos.

A autora salienta a intrínseca conexão entre trabalho e vida familiar, conjugal, apresentando informações relativas a fatores que podem estar servindo de suporte ou serem causadores de maior estresse aos membros da relação.

No quesito “conflito baseado no tempo”, este é compreendido como agente de desordem quanto à disponibilidade em realizar tarefas numa esfera (trabalho ou família) deixando a outra sem a assistência devida. “Acontece frequentemente em situações, nas quais, a rotina e a organização do trabalho não permitem que o trabalhador tenha o controle do seu tempo” (FRASER, 2005). Comumente causada por excesso de horas extras ou jornada longa de trabalho com inflexibilidade do tempo.

Os desgastes ou estressores podem vir do ambiente do trabalho produzido por “clima de insegurança, mudanças no ambiente de trabalho, dificuldades no relacionamento interpessoal, nível de responsabilidade e participação nas atividades e remuneração incompatível com o cargo e/ou com as necessidades financeiras da família” (FRASER, 2005). Em contrapartida, segundo a autora, a pressão por ganhos financeiros, doenças, conflitos na relação conjugal e desacordos na divisão de tarefas ou nos papéis realizados, são os agentes de maiores desgastes gerados na família que podem também afetar ao trabalho.

Estratégias de enfrentamento são os recursos pessoais que facilitam lidar com situações potencialmente estressantes. Diniz (1999), ao estudar casais brasileiros, identificou quatro modelos de como lidar com conflitos entre trabalho e conjugalidade: uso de recursos pessoais (humor, responsabilidade etc.); uso de recursos interpessoais (diálogo, relação afetiva); uso de recursos ambientais (contratação de empregadas domésticas, utilitários domésticos etc.); e falta de estratégia.

Apesar da categoria “uso de recursos ambientais” utilizada por Diniz (1999) se aproximar do que Fraser (2005) denomina de “suportes”, este último autor vai ainda além, inserindo temas como: políticas públicas e/ou organizacionais (licença maternidade, flexibilidade de horário, licença em caso de doença na família etc.); suporte familiar, no qual pertence a rede familiar de apoio, além da “compreensão do cônjuge, a solidez e a satisfação no casamento” (FRASER, 2005).

No quesito gênero, Fraser cita que as informações encontradas não são conclusivas, frente à discordância entre autores. Enquanto alguns apontam a mulher como maior vulnerável na relação

família-trabalho, considerando as expectativas sociais e a chamada “dupla jornada”, outros apontam os homens frente às exigências desses para o sucesso profissional.

Apesar das duas alternativas apresentadas, a autora apresenta uma terceira na qual “presume que o efeito do estresse causado pelos papéis sociais depende de características específicas dos contextos do trabalho e da família e do grau de envolvimento das pessoas em ambas as esferas. Neste caso, os efeitos podem ser similares em mulheres e homens” (FRASER, 2005). Além de apresentar alguns estudos sobre o tema, os resultados encontrados pela pesquisadora, mesmo tendo número reduzido de pesquisados, também indicaram que o sofrimento na relação trabalho e família pode estar relacionado ao nível de envolvimento pessoal, sendo similar entre homens e mulheres.

O que estes estudos têm apresentado, é a clara relação entre o trabalho e a vida conjugal, indicando portanto que a construção do vínculo perpassa pelas relações humanas das mais diversas maneiras. A busca por uma construção conjugal envolve uma complexa trama de fatores, tendo o apoio, o enfrentamento como mantenedores dos laços estabelecidos.

A ARTE DO DIÁLOGO

A comunicação é a condição fundamental para a constituição de uma família, de um casal. É através do diálogo, da comunicação que o casal se encontra, cria seus laços e se desenvolve. A comunicação do casal reflete a mecânica das relações estabelecidas. Mais do que troca de informações, é o lugar no qual o cônjuge pode se sentir acolhido, compreendido ou rejeitado. Portanto, aprender a conviver em casal é também aprender a dialogar.

Como disse a Presidente da Sociedade Cubana de Psicologia, Patrícia Ares Muzio: “A família existe graças a capacidade humana de comunicar-se por gestos e também por intercâmbio de palavras (...)”¹⁴ (MUZIO, 2004, p.51). É através da comunicação que se torna possível inferir intenções a terceiros, e responder aos quesitos que aparecem, portanto, comunicar-se é relacionar-se.

A comunicação familiar, mais do que por palavras, é expressa por gestos, carícias, sorrisos, risadas ou choros. Afinal, ser humano é sentir emoções, e se comunicar através. Afinal, antes

¹⁴ Tradução livre

mesmos de aprender a falar, o bebê já é capaz de expressar emoções, e aprender a responder aos estímulos ofertados pelos adultos. “Alguns teóricos têm indicado que a comunicação não verbal representa 50 por cento de nossa comunicação”¹⁵ (MUZIO, 2004, p.51). É com esta capacidade de perceber e retribuir os estímulos de emoções que o trama das relações familiares se desenrolam, afinal, até o silêncio se torna uma forma de comunicação.

Devido à importância relacional, aprender a transmitir e receber informações de maneira adequada é um dos pré-requisitos fundamentais na busca por melhor qualidade de convivência com o familiar, com o parceiro. Quanto mais clara for a informação, maior será a possibilidade dela ser decodificada corretamente. O homem é capaz de intuir e compreender o que um outro sente, entretanto, é necessária que a informação esteja sendo passada de maneira clara, direta e honesta.

Pode-se dizer que o diálogo é uma arte que envolve cuidado e atenção. “Não se trata só de falar, nem de ouvir as palavras, nem de tomar decisões e de atuar. Se trata, principalmente, de refletir sobre o que a outra pessoa tem expressado e de compreender o significado de sua mensagem”¹⁶ (MUZIO, 2004, p.52). Cada pessoa percebe e compreende o mundo à sua maneira, e em uma cultura de culto ao individualismo não é de se estranhar que o psicólogo humanista Carl Rogers lembre que é comum o pensamento de que “todas as pessoas deveriam sentir, pensar e acreditar nas mesmas coisas que eu” (ROGERS², 1977, p.32). Entretanto, quando se decide compartilhar e escutar, as pessoas sentem-se compreendidas e valorizadas, e isto fortalece o vínculo. “quando alguém compreende como sinto e como sou, sem querer me analisar ou julgar, então, neste clima, posso desabrochar, crescer” (ROGERS, 1977, p.66).

Para Patrícia Arés, a comunicação defeituosa de um casal pode causar distorção nas noções de limite, espaço e papel familiar, assim sendo, a comunicação interfere em diversos âmbitos da relação familiar. “Por tal motivo, o tema da comunicação não pode ser compreendido desligado de estes outros”¹⁷ (MUZIO, 2002, p.20).

Compreender o parceiro como um simples repetidor de informação é tornar o cônjuge um objeto, e palavras como “você sempre” e “você nunca” acabam por tornar-se freqüentes. Este tipo de comunicação não envolve um diálogo, mas sim a repetição de padrão anteriormente aprendido.

¹⁵ Tradução livre

¹⁶ Tradução livre

¹⁷ Tradução livre

Para os *desconstrucionista* franceses Deleuze e Guatarri, essas palavras não reflexivas, reproduzidas sem uma conexão entre o pensar e o sentir. Tornam-se palavras de ordem, e assim “em toda palavra de ordem, mesmo de um pai a seu filho, há uma pequena sentença de morte – um Veredito, dizia Kafka” (DELEUZE, GATARRI, 1997, p13).

Conversar é estar frente a frente com o outro, e muitas vezes sendo o outro seu próprio espelho. Escutar com atenção e perceber a reação do que se fala a um terceiro, é estar frente à possibilidade de entrar em contato com informações que o sujeito não gostaria, mas que é necessário.

Na relação conjugal é comum se observar casais que ao longo do tempo possuem uma escuta tendenciosa e de pouca qualidade. Muitos casais preferem não entrar em certos assuntos como tentativa de amenizar a relação. Muitos parceiros preferem não apresentar seu desejo com medo de uma não aceitação, ou porque aquele desejo irá mexer na vivencia do casal. Todos estes aspectos, que a primeira vista parecem construir para uma relação sadia, em verdade, está alimentando uma sombra grupal, uma sombra relacional a qual não permite o dizer de vontades e desejos. Assim, não é de se estranhar que em um dado momento o casal se pergunte espantados ao ver sua relação esgotando: “mas como foi que chegamos aqui?”.

Como afirma a Patricia Arés, comunicar envolve saber transmitir a informação, escutar e compreender de forma adequada a mensagem recebida, reflexionar e assim expressar a própria mensagem. Em consonância às falas de Arés, Godbout ao expor a idéia sobre o dom relacional, apresenta também a necessidade do cuidado com o diálogo.

A arte a conversação deve permitir que cada um fale. Deve portanto conceder a cada um o prazer de dar aquilo que, embora aparentemente não custe nada, não deixa de ser menos precioso: palavras, palavras simples, palavras bonitas ou então feias, ou idéias raras, fórmulas bem elaboradas que tenham chance de permanecer no espírito dos interlocutores (GODBOUT, 1999, p.21).

Falar, escutar e ser escutado, principalmente em relações de intimidade, envolve sentimentos, níveis de interesse sobre o que o outro tem a me oferecer, e também apresenta a sombra envolvida na relação. Como Godbout aborda, é uma relação de dádiva, uma relação de troca, no qual se oferta um pensamento, uma idéia, que poderá ser devolvida e então retribuída, é um jogo relacional, portanto, uma importante fonte para o casal perceber o nível de interesse na relação, no outro, e em si. E assim, se procede a trama do diálogo, a arte do convívio.

DÁDIVA

Em uma relação é imprescindível a troca entre os membros. A troca é parte integrante do vínculo de intimidade, pois é através dos atos de dar, receber e retribuir que os laços se fortalecem, ou enfraquecem (a depender do que se oferta ou retribui). A esta troca que não se insere valor de mercado é denominado de dádiva.

O conceito de dádiva foi apresentado por Marcel Mauss em seu “Essai sur lê don” de 1924. Marcel Mauss apresenta a dádiva como trocas feitas em civilizações mais antigas sob forma de presentes, teoricamente voluntários, mas que serviam para firmar contratos, adquirir prestígio, marcar posições. Como afirma Mauss em análise das relações constituídas pelos Pigmeus “Esses presentes não servem para o mesmo fim que o comércio e a troca nas sociedades mais desenvolvidas. O objetivo é, antes de tudo, moral, o objetivo visa produzir um sentimento amigável entre as duas pessoas em jogo” (MAUSS, 2001, p.79-80). Autores contemporâneos tratam o conceito de dádiva não apenas como uma representação antropológica, mas como uma realidade das relações modernas.

No dom, o que importa não é o valor mercantil ou análise econômica do fato, mas o valor implícito no ato de oferecer algo de forma espontânea e livre. O valor do vínculo não pode ser mensurado (quanto seria o valor de um gesto de gratidão?), mas exprime a relação existente. Vínculo e dádiva têm uma relação essencial na construção da conjugalidade. “O valor do vínculo é o valor simbólico que se junta à dádiva, ligado ao que circula em forma de dádiva” (GODBOUT, 1999, p.201).

A dádiva, que pode vir a ser representada enquanto um presente, uma oferta, ou um ato de gratuidade afetiva tem a capacidade de unir pessoas num laço de solidariedade. O interesse da dádiva não são os bens materiais , mas essencialmente os bens relacionais, a hospitalidade e a afetividade.

Passa a existir um nexos entre a pessoa que doa e a que recebe o dom, a qual, por sua vez, se obriga a retribuir o dom recebido, que tem uma multiplicidade de significados, jurídicos, religiosos, militares, mágicos, etc. Configura-se uma aliança de vida, um pacto de amizade, confirmado e consolidado sistematicamente através dos dons, aceitos e retribuídos. (PETRINI, 2006, p.09)

No entanto, vale salientar que mesmo na gratuidade do ato de dar, a dádiva exige um ciclo de ir e vir. A maior função do dom é estabelecer relações, o que lhe exige um movimento circulatório de dar e receber. A dádiva aparece sem a exigência do retorno, se oferta algo pelo prazer de presentear, ela não está ligada aos interesses utilitários, entretanto, o vínculo exige a troca, o compartilhar. “Podemos considerar a palavra ‘obrigado’ como uma espécie de eclipse para dizer que o fato de receber um presente pode resultar em alguma dependência, nos colocar a mercê de quem o oferece” (GODBOUT, 1999, p.17).

A conjugalidade é a união de dois indivíduos que se relacionam em busca da construção de um percurso de vida em comum. O apoio mútuo, a partilha tornam-se fundamentais para o reconhecimento do valor de estar ao lado daquela pessoa escolhida para constituir a nova família.

A família, aliás, se fundamenta ela própria numa dádiva, na criação de um vínculo de dádiva: a união de dois estranhos para formar o núcleo daquilo que será o lugar menos estranho, o lugar da própria definição do que não é estranho: a família (GODBOUT, 1999, p.41)

As relações familiares diferem de outras relações sociais porque apresenta características próprias como o aspecto da consangüinidade, a multiplicidade dos papéis assumidos, as relações emotivas e de convivência. “(...) a família é o lugar básico para a dádiva em qualquer sociedade, o lugar onde ela é vivida com maior intensidade, o lugar onde se faz o aprendizado dela” (GODBOUT, 1999, p.40-41). É na família que um estranho se transforma em ser familiar, na qual irá se relacionar com a sociedade e perpetuar os aprendizados destas vivências.

Na relação familiar, conjugal, o outro se torna na vida de cada um dos membros uma peça fundamental, o que torna as relações tão dramáticas. Justamente pela importância e vínculo íntimo os desgastes e expressões de violência se tornam visíveis e marcantes. A falta do diálogo, a falta da troca de afetividades abre espaço para a entrada do sistema mercantil, onde a comunicação familiar gira em torno de renda, produção, capital. Tais elementos podem ocupar o espaço destinado às relações de gratuidade e espontaneidade. Estas relações podem chegar a tal ponto de utilitarismo, que se torna necessária a entrada do Estado (divórcio, guarda do filho, etc.) e o uso do cálculo para separar uma relação formada, no princípio, pelo dom.

Não se pode inferir que uma relação conjugal não envolva valores mercantis, pois estes existem e se fazem necessários. Os cônjuges encontram-se inseridos em um mundo de valores, taxas,

impostos, pagamentos de contas e débitos, temas que também fazem parte do cotidiano. No entanto, o vínculo se fortalece na gratuidade, no dar, receber e retribuir o melhor de si. “Encontramos, portanto, o estranho no lugar onde menos o esperaríamos: no centro das relações pessoais, como fundamento da própria esfera doméstica” (GODBOUT, 1999, p.41).

CAP. 03

Nota Metodológica e Análise de Dados

METODOLOGIA

Delineamento da referência bibliográfica

Propõe-se a compreender a construção do vínculo conjugal na contemporaneidade, visando analisar a delicada relação entre a valorização da busca pela autonomia individual em contraste com a busca pelo outro, pelo relacionamento, pela vida a dois.

Para tal estudo, o trabalho encontra-se subdividido em duas partes. A primeira, tem-se como ponto de partida a Sociologia Contemporânea; a segunda, utiliza-se de recursos teóricos oriundos da Psicologia Analítica.

A escolha pela Sociologia Contemporânea decorre do interesse em compreender como as relações e a conjugalidade têm sido abordadas nos tempos atuais. Assim, tem-se a possibilidade de refletir sobre os contextos sócio culturais que os cônjuges encontram-se inseridos, quais os valores e os ideais incentivados pela cultura que servem tanto para fortalecimento quanto para o enfraquecimento do vínculo.

A escolha pela Psicologia Analítica deriva tanto da aproximação e do conhecimento prévio do pesquisador bem como por esta se propor a compreender o sujeito enquanto objeto complexo, multifacetado, passível de transformações, que se constrói na relação com o outro. Para tal, abrange o sujeito nos aspectos conscientes e inconscientes da psique.

O trabalho inicia-se através de considerações referentes à conjugalidade no Brasil, tendo como foco de discussão o processo histórico que orientou a constituição dos vínculos e a influência nos dias atuais. Este estudo vislumbra abarcar as particularidades brasileiras dos vínculos conjugais, assim como possibilita averiguar as transformações ocorridas ao longo do tempo.

Outro momento sócio-histórico-cultural de grande importância para o delineamento da cultura e da sociedade contemporânea foi a modernidade. Período este marcado por transformações econômicas, do pensamento, religiosas, culturais, militares, entre outros, tendo como importante consequência a valorização do “eu”, do indivíduo, em detrimento dos valores coletivos. Esta mudança de paradigma repercute diretamente nos laços estabelecidos na atualidade que passam a ser estudados através da sociologia.

Partindo dos autores atuais, analisam-se as conseqüências da valorização do indivíduo que repercutem nos laços matrimoniais, tendo em vista a satisfação pessoal, a durabilidade do vínculo e o cuidado com a relação.

O sociólogo Anthony Giddens (1993) indica como uma importante transformação na intimidade do casal a entrada do amor romântico. Este conceito traz a busca pela satisfação do desejo pessoal, relacionando-o com a durabilidade do vínculo. Giddens então denomina “relacionamento puro” como marco da dinâmica dos laços contemporâneos que se mantêm unidos enquanto forem prazerosos aos seus membros.

A relação conjugal é então compreendida como o dilema entre duas individualidades e uma conjugalidade. Os vínculos conjugais são constituídos por dois indivíduos com particularidades e histórias de vida distintas que constroem uma relação a dois. Assim, vive-se o drama de balancear o valor pessoal, o outro e o laço que os unem.

Dando início ao segundo capítulo, que visa maior aprofundamento nos aspectos psicológicos, o trabalho inicia-se com o estudo do mito de Eros e Psique. O interesse em analisar tal mito decorre do fato deste tratar da necessidade arquetípica do casal de enfrentar o parceiro, as decepções, a queda da fantasia, para poder reconhecer a realidade humana dotada de falhas, que necessita de cuidado, construção e enfrentamentos.

No jogo relacional, fatores inconscientes interagem a todo o momento com a realidade consciente do casal. Compreender a relação humana necessita também do cuidado em averiguar a psicodinâmica pessoal e conjugal, as influências da história pregressa do indivíduo e o vínculo como parte constituinte do processo de individuação.

Aprofundando o tema “vínculo”, este será abordado em três partes: a primeira visa analisar a exigência humana de estar em relação; a segunda busca apreender o tema à luz de alguns autores da Psicologia através dos estudos de Ana Carvalho, Isabella Politano e Anamelia Franco; na terceira parte, será analisado quanto ao seu mistério e sobre a exigência de totalidade que os laços afetivos de intimidade exigem, tendo a presença dos cônjuges não enquanto função, mas como pessoas que se encontram nos afetos e que se apresentam nos mais diversos papéis sociais.

Partindo do vínculo, chega-se agora ao ponto mais específico da conjugalidade: a consciência humana. Uma relação pressupõe a existência de duas consciências que se interagem, mas que também são atraídas pela diversidade, por novas descobertas. Compreender a consciência como

uma realidade complexa e multifacetada possibilita entender as transformações que o casal e o indivíduo vivem ao longo do tempo.

Delineamento da pesquisa

O presente estudo, que visa compreender o dilema entre a autonomia individual e a busca pelo outro na construção do vínculo conjugal na contemporaneidade, consiste em pesquisa qualitativa com aplicação de entrevistas seguindo modelo semi-estruturado, utilizando relato oral dos participantes.

A escolha de Entrevista Semi-Estruturada para a coleta de dados deriva da necessidade de utilizar uma formulação flexível, com a seqüência ficando por conta do discurso dos entrevistados e da dinâmica que acontece naturalmente. Como o projeto visa avaliar a construção dos vínculos conjugais na contemporaneidade e lida com aspectos subjetivos, este mecanismo de pesquisa torna-se bastante eficaz, pois como afirma Zélia Biasoli-Alves:

as questões nesse caso são abertas e devem ‘evocar’ ou ‘suscitar’ uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas face aos temas localizados; frequentemente elas dizem respeito a uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos. (BIASOLI-ALVES, 1998, p.145)

Como expressado por Biasoli-Alves, neste tipo de entrevista torna-se necessária a “verbalização”, por conseguinte, o uso do Relato Oral. No uso deste material, a estratégia que se define depende da relação entre uma pessoa que pergunta e uma segunda que responde, sendo esta última detentora da informação, “portanto, através do estabelecimento da empatia o pesquisador torna-se o receptor dos dados que seus informantes lhe passam, o que dá a esta estratégia uma especificidade que nenhuma outra prevê quando se faz pesquisa com seres humanos” (BIASOLI-ALVES, 1998, p.143).

Para análise dos dados foi utilizado o Método Qualitativo. Este se caracteriza como um sistema de apreensão de significados das falas dos sujeitos interligando aos contextos com os quais a pesquisa se propõe. Tais análises têm em vista a qualidade dos dados aferidos e não o limiar de representatividade. “Sua função seria apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural bem como captar os diferentes significados de experiências vividas, auxiliando a compreensão entre o indivíduo no seu contexto” (BIASOLI-ALVES, 1998, p. 150).

Alguns estudiosos (BIASOLI-ALVES, 1998; SILVA, 1998), ao abordarem o tema do estudo qualitativo, alertam sobre o risco dos “vieses ideológicos que o pesquisador pode ter ao introduzir ou conduzir a investigação” (SILVA, 1998, p. 167). Assim sendo, existe o risco do resultado da pesquisa sofrer distorções a depender de interesses pessoais do pesquisador.

Devido à existência deste risco, os autores indicam alguns caminhos a serem percorridos, entre estes se encontram: construção do roteiro, execução das entrevistas e registro literal dos dados, transcrição literal, leituras das gravações realizadas, sistematização dos dados com o afinamento dos resultados em função do referencial conceitual e redação. Vale ressaltar que todas estas fases foram realizadas no decorrer da realização da pesquisa.

Participantes

Fizeram parte deste estudo dois casais com cinco anos de casados e um casal com mais de cinquenta anos de casados, heterossexuais, de classe média (sendo indicado para tal, grau universitário completo), vivendo em coabitação, sendo residentes na cidade de Salvador – BA.

Um dos entrevistados era divorciado até se unir com a atual esposa. A causa da separação não será abordada nem analisada neste trabalho por motivos de desconforto do entrevistado e por introduzir outra problemática no universo da pesquisa. Do casamento anterior o entrevistado possui dois filhos e da na nova relação um filho. O outro casal com cinco anos de união não possuem filhos, enquanto o casal com maior tempo de convívio teve nove filhos.

A existência de filhos no casamento não foi critério de seleção dos participantes na entrevista, visto o foco ser o vínculo constituído. Assim sendo, o filho poderia vir a fortalecer ou enfraquecer a relação a depender da forma que esta foi constituída. A pesquisa não teve como objetivo compreender a relação pais e filhos, mas os aspectos que podem interferir nos laços de intimidade.

Nos casais com cinco anos de união as idades variavam de 32 a 44 anos e no casal com maior tempo de conjugalidade ambos tinham idade superior a 75 anos. Todos os homens possuíam idade superior à mulher.

A escolha por casais com cinco anos de matrimônio decorre da necessidade de compreender o vínculo conjugal em relação aos valores da cultura contemporânea. Casais com cinco anos de relação já possuem algum tempo de casados, o que retira o atributo de “novidade”. O uso de

entrevistados com maior tempo de experiência de matrimônio vem como comparativo entre uniões ocasionadas em momentos sócio-culturais distintos.

Como forma de resguardar a identidade dos casais entrevistados, em alguns casos a profissão não será revelada, principalmente a pedido de um dos entrevistados.

Todos os nomes apresentados são fictícios não correspondendo aos nomes reais.

Todos os participantes afirmaram ser católicos, tendo na família de origem algum nível de tradição religiosa. Apesar de alguns indicarem menor frequência nas celebrações eucarísticas, ainda designam à religião importante valor.

Dos cônjuges mais novos, dois indicam a constituição de novos laços de seus progenitores. Um tem como motivo a viuvez, sendo inclusive o entrevistado filho da segunda união. O outro indica ruptura do casamento de seus pais, devido a união do genitor a uma outra mulher e posteriormente a genitora também assume novo vínculo. As duas entrevistadas indicam pais vivos e casados até o presente momento.

Material

Foram utilizados dois instrumentos de investigação previamente elaborados. Um roteiro para entrevista inicial de caracterização dos participantes e outro que abordou temas mais específicos sobre a relação conjugal e aspectos importantes para a construção do laço de intimidade. Entre estes temas encontram-se: Percurso escolar e profissional influenciando o vínculo; Família de origem; Namoro; Noivado; Saída do domicílio parental; Conjugalidade; Religião; Dádiva; Situação doméstica; Intimidade e sexualidade; Filhos; Relacionamento com terceiros; Questões complementares; Temporalidade.

O roteiro foi elaborado com o auxílio da revisão da literatura (PETRINI, 2003, 2005; TORRES, 2000, 2004; MUZIO, 2004; FÉRES-CARNEIRO, 1998; HOLLIS, 2002) e das experiências profissionais do autor na área de conjugalidade.

Procedimentos

O primeiro passo para a realização do estudo foi pesquisar em livros, anais e artigos, assuntos referentes à construção do vínculo conjugal na contemporaneidade, tendo como linha de pesquisa aspectos subjetivos envolvendo a Psicologia, mais especificamente, mas não exclusivamente, a Psicologia Analítica e, por outro lado, uma perspectiva sociológica tendo como base autores

como Anthony Giddens (1993), Bauman (2001, 2004), Lypovetsky (1983, 1989, 2004), Morandé (2005), Petrini (2003, 2005, 2006, 2007).

O segundo passo para a realização da pesquisa consistiu no envio do projeto para o Comitê de Ética da Universidade Católica do Salvador. Após aprovação os instrumentos construídos foram testados, tendo sido realizado estudo piloto com um casal.

Dois casais foram selecionados através dos arquivos do grupo de jovens da Igreja Nossa Senhora da Vitória, localizada no bairro da Vitória, Salvador-BA e um terceiro casal foi recomendado através de contatos com estudiosos da área de família e da psicologia.

As entrevistas foram realizadas na casa dos entrevistados, exceto uma cuja pesquisada estava em ambiente de trabalho. Todas as entrevistas foram realizadas com cada membro do casal em separado.

As entrevistas foram gravadas e transcritas e a cada casal entrevistado análises preliminares dos dados colhidos foram realizadas para maior controle e fidedignidade. Com todas as entrevistas concluídas, transcritas e previamente analisadas, foi feita nova fase de análise com maior intensidade do que as anteriores (lembrando que as análises seguiram modelo qualitativo), tendo sido, por fim, realizada redação dos resultados comparando à literatura pesquisada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo realizado entrevistas com dois casais com cinco anos e com um casal com 55 anos de casados, a análise feita utilizou dois focos de estudos: o primeiro se preocupou em compreender como os casais lidam com o delicado jogo entre a individualidade e o vínculo conjugal e quais características que contribuem para a manutenção do vínculo; o segundo, em compreender as particularidades envolvidas entre os dois grupos de entrevistados (casais novos e casal com maior tempo de convivência).

Durante as análises realizadas os casais mais novos são apresentados como foco principal, tendo em vista a busca pela compreensão do vínculo na contemporaneidade e os dilemas característicos neste momento. Portanto, qualquer referência feita ao casal com maior tempo de experiência será indicada. O casal com maior tempo de convívio é apresentado principalmente, mas não exclusivamente, como comparativo na compreensão das diferenças entre conjugalidades constituídas em momentos diversos.

Importante mencionar que todos os entrevistados apresentaram grande satisfação no fato de estarem casados. Este aspecto veio tanto da fala dos participantes quanto pela observação de momentos que emocionaram os entrevistados ao lembrar de situações especiais para o casal (como se conheceram, por exemplo), ou por perceberem a importância de estarem unidos, de contar com o apoio do parceiro e de também poder apoiar o outro.

A pesquisa teve como principal interesse a compreensão sobre a delicada relação entre a individualidade e a união a dois. Compreender como os vínculos conjugais contemporâneos lidam com a individualidade dos seus membros, assim como o fato de estarem casados. Portanto, este será o ponto principal que orienta a análise dos dados.

Liberdade a dois

Terezinha Féres-Carneiro (1998) aborda o tema da relação conjugal como um delicado jogo de convívio entre duas individualidades e uma conjugalidade. Para a autora, os vínculos de intimidade contam com a presença da particularidade de cada um e da história precedente de cada cônjuge que se unem na construção de uma história a dois.

Em consonância ao tema abordado por Féres-Carneiro (1998), todos os entrevistados indicaram referência ao valor de manter a individualidade durante a união, assim como também cuidar do laço de intimidade que os unem.

“A palavra-chave é harmonia, cada um tem que ter sua individualidade harmonicamente com o outro. Eu sempre falo com Fernanda, ela tem que ser uma só e nós enquanto casal temos que ser um mais um, temos que ser algo maior que individualmente”. (Roberto).

A relação então vira um jogo que lida com as particularidades dos sujeitos e o vínculo que os conectam. *“(...) é como se surgisse um terceiro indivíduo na brincadeira, você não é você todo, nem ela é ela toda, embora vocês sejam um todo juntos (...)”* (Victor).

A vida em relação é o constante lidar com o equilíbrio dinâmico entre particularidades de cada um e com a relação, uma matemática inexata de um e um são três (como indicada por Caillé no texto de Feres-Carneiro). É um delicado dilema que envolve a totalidade de seus participantes, com suas inteligências, potencialidades, dificuldades, liberdades de escolha, afeto, entre tantas outras coisas que jamais dão por óbvia a qualidade da relação.

É importante ter individualidade, mas a individualidade vai ter momentos de resistir. A gente, às vezes, tem que renunciar a individualidade, é necessário, mas não sempre, porque se não mexe com o casal a ponto de declinar a relação porque ninguém pode se anular num casamento. Se você optar por se anular em seu casamento você vai ser uma pessoa extremamente infeliz e vai fazer o outro infeliz, então a gente tem que estar sempre buscando fazer o que gosta, mas, claro, respeitando o outro, não vai passar por cima do outro.
(Fernanda)

O que Fernanda apresenta se aproxima da proposta apresentada por Féres-Carneiro (1998) ao indicar que, numa união, homem e mulher se unem com seus gostos, suas escolhas próprias, necessitando manter um delicado equilíbrio com os desejos do outro.

Aprender a abrir espaço para a satisfação dos desejos pessoais pode permitir o prazer, a realização, mas pode se tornar uma experiência dolorosa quando a relação é percebida como limitante.

Eu dou muita importância à minha individualidade. Muitas vezes você agride sua individualidade porque a gente vive em grupo, muitas vezes esta deve ser sacrificada embora eu dê muita importância a ela. Muitas vezes me chateio, fico muito aborrecido em ter que sacrificar minha individualidade, mas quando você não faz isso você está sendo egoísta. (Victor)

Lidar com a individualidade de cada um dos membros não é tarefa fácil, como bem afirmam os casais, exige renúncia, compreensão e dedicação. Entretanto é feita a partir da escolha de estar em matrimônio.

Vale destaque especial a fala da entrevistada Carla que sugere a relação conjugal não enquanto uma situação que tolhe a liberdade do indivíduo, mas que permite construir uma liberdade a dois. *“Eu deixei de ter aquela liberdade plena em alguns aspectos, para uma individualidade em casal, uma liberdade a dois.”* (Carla)

Assim como Carla, a entrevistada Fernanda, ao abordar o tema noivado, caracteriza o vínculo como constituinte de uma liberdade a dois, a independência através da escolha de ser um só.

“Vamos unir nossas independências, ser um só, mas ser um só com nossas características. Foi nesse momento que a gente entendeu, não houve aquela coisa de jantar, pedido, de joelhar, não teve isso.”

Apesar da valorização contemporânea da individualidade, este tema também se encontra presente no casal com maior tempo de convívio. Para estes, a individualidade apresenta-se através da maneira especial e particular do outro, necessitando de compreensão e cautela.

A gente não pode se deixar apagar (nem um, nem outro). Você tem que guardar seu temperamento, suas preferências, suas escolhas (...) O que a gente não pode fazer no casamento é o enfrentamento com o outro, dizer que está errado, que isso não é justo. Não vai levar a nada, mas devagarzinho a gente consegue as coisas (Denise).

O casamento na contemporaneidade

Neste delicado dilema entre individualidade e conjugalidade, autores como Bauman (2004) indicam que a predileção contemporânea pelos ganhos pessoais tem ocasionado aos relacionamentos uma vivência que o autor denomina de “amor líquido”. Ou seja, os vínculos são tidos como realidades frágeis que podem ser rompidos com certa facilidade.

Todos os entrevistados relatam alguma história de separação ou divórcio de pessoas próximas. No casal com maior tempo de convívio esta realidade é encontrada na própria família, como indica Denise:

“Quando você me perguntou se eu acredito que o casamento é para sempre, eu vou fazer uma ressalva. Eu acredito que o meu foi para sempre, porque no dos filhos eu não estou vendo isso.”
(Denise).

Para ela e para seu esposo que possuem filhos divorciados (alguns até mais de uma vez), estas situações apresentam-se como uma dor muitas vezes tida como incompreensível.

Os filhos têm uma variedade de nora que eu nunca vi. A gente se afeiçoa àquela pessoa e aí partem pra outra. Não dá pra gente sair de um relacionamento com uma nora e pegar outra totalmente diferente e se desmanchar de alegria, de amizade com ela e tudo. Tem que dar um tempinho pra gente. E isso tem maltratado a gente, porque é uma coisa que não podemos resolver. Achamos ruim, mas a gente não está se metendo muito nisso. Eu acredito que duas pessoas que se casam têm de manter este esforço. (Denise).

A fala da entrevistada indica a discordância entre uma cultura que tinha na relação o peso da responsabilidade, do cuidado e a contemporaneidade com o elogio à velocidade, ao consumo e à troca.

(...) mas eu penso que falta uma preparação mais séria, falta um amor mais profundo, mais fundamentado. O pessoal hoje começa a namorar, já quer ficar, que eu não sei bem ainda o que é. Já pejei pra uma pessoa me dizer o que é ficar, mas ninguém me diz claramente. Eu fico imaginando que é tudo. Eu acho que o ficar é uma atitude irresponsável que não vai assumir nada e pode fazer tudo. Eu penso que é isso, mas não sei. (Denise)

O casamento, para Denise, é tido como uma “construção a dois” que necessita esforço. Para ela, mesmo antes do casamento, torna-se necessário o preparo dos indivíduos para a responsabilidade do ato de estabelecer um matrimônio, indicando que, assim como existe o preparo com o enxoval, para os festejos, seria indispensável também o aprendizado e disposição para compreender a relação com seriedade e doação.

Se não oferece nada não pode receber tudo. Tem que dar para receber. Eu estou satisfeita com o meu. A gente lutou muito, trabalhou bastante pra criar estes filhos todos. Eu dei a ajuda que pude dar como esposa dentro de casa e como professora no colégio. Agora é uma coisa que machuca a gente com certeza, não que a gente viva triste, choroso por causa disso, mas machuca.
(Denise).

Entretanto, os jovens casais entrevistados indicam que, apesar do aumento do número de divórcios, o prazer para eles não está na troca do parceiro, mas em descobrir e re-descobrir a

intimidade, em aprofundar uma relação e contribuir para a felicidade e enriquecimento de si e do parceiro.

As pessoas ficam buscando a perfeição, buscando o outro, nunca estão satisfeitos. Sempre querem outro, e outro, e outro e de repente o gostoso é você conhecer cada vez mais uma pessoa, você se dar a esse trabalho de fazer feliz o outro. Procure fazer feliz o outro, porque você vai se sentir feliz assim, às vezes a gente se sente mais feliz fazendo o outro feliz do que o contrário. (Fernanda).

As relações contemporâneas vivem livres dos laços familiares e do valor de estarem casados como uma importância social, como indica Donati (1998), Anthony Giddens (1993) e Castells (2003). A cultura contemporânea lida com o valor do indivíduo e da busca do prazer, assim, conhece com maior frequência a fragilidade dos vínculos, mas também, o casamento se torna um lugar da satisfação a dois, de aprender a conhecer o outro.

Você pode estar curtindo algo que você adora com a pessoa que você ama, é legal a gente conseguir fazer com que isso ocorra o maior número de vezes possível. Então vai ter momento que não curto tanto, mas vou até aprender a gostar porque ele gosta, e ele idem. Ele vai abrir mão de momentos a sós pra curtir coisas que eu gosto e nesse momento acaba por descobrir que gostava de coisas que nem sabia. (Fernanda)

Com o outro, a pessoa tem maior capacidade de expandir e ser capaz de gostar de coisas que até então não lhe eram prazerosas (como o caso citado por Fernanda). Tem-se a possibilidade de entrar em contato de forma profunda e íntima em uma nova realidade, com novas experiências e uma nova forma de ser.

Entretanto, também pôde ser identificada a presença do ideal de que o vínculo só se faz necessário até quando for prazeroso aos seus membros. Neste contexto, as falas dos entrevistados se aproximam do que Giddens (1993) trata como “relacionamento puro”.

A verdade que, se o casal estiver sendo infeliz junto, eu não acho que tenha que ficar ao lado da pessoa porque casou para sempre, porque é um rótulo que casamento tem que ser para sempre. Eu acho que acima da tradição e do rótulo, está o sentimento. Eu acho muito melhor que você tenha um ex-marido que seja seu amigo e que tenha um relacionamento feliz, do que um casamento infeliz. (Carla).

Como indica Giddens (1993), com a entrada do amor romântico na relação, o vínculo passa a girar em torno do sentimento e da busca pela felicidade. Não mais importa o vínculo enquanto instituição, mas como local que se deve investir enquanto for prazeroso.

“Eu acho. Se você se decidir que seja pra sempre e se o outro também se decidir que seja pra sempre. Então casamento é pra sempre quando as duas pessoas pensam assim, se uma não acreditar nisso não é pra sempre, porque ninguém anda sozinho (...)” (Carla).

A relação é então encarada como um ambiente de cuidado que envolve uma ampla conexão de fatores, aproximando-se assim do conceito de “totalidade” abordado por Petrini (2005). Uma relação a longo prazo não pode estar estabelecida tendo como base apenas as emoções, mas que deve ganhar respaldo também em outros aspectos que necessitam ser valorizados na vida a dois, como aborda o entrevistado Victor:

“Não só o amor, porque o amor não é tudo, a compreensão, unidade, solidariedade, são princípios de valores fortes que deve haver num casamento” (Victor)

Vale mencionar que o vínculo tornou-se uma construção a dois, uma escolha, uma realidade que não se mantém apenas por características sócio-culturais, mas também pela vontade e desejo de seus integrantes em construir algo que seja positivo.

(...) é como eu canso de dizer, ‘amar é um verbo que a gente conjuga’, não é um verbo por si só. Você pode amar e não ser amada, mas não é um amor completo, então se você e o outro se decidem a estarem juntos, a casar, assim será. Mas, se um fraquejar e o outro não estiver fortalecido para reconstruir aquilo e fazer com que o outro perceba, não vai. Mas hoje eu digo, pra mim casamento é para sempre e enquanto ele acreditar que também é, será. (Fernanda)

Mesmo encontrando ampla valorização do desejo pessoal, estes casais se distanciam do contexto de contemporaneidade apresentado por autores como Lypovestky (1983, 1989, 2004) e Bauman (2001, 2004), pois todos os entrevistados apresentam-se dispostos a trabalhar pela durabilidade da relação em que se encontram, encarando a responsabilidade e o cuidado com as exigências e os esforços necessários para a manutenção do vínculo.

“(...) casamento é para sempre. Sempre farei tudo o que tiver ao meu alcance para que o meu casamento seja para sempre. O que tiver que fazer de sacrifícios, de busca no interior, de buscar entender, enfim, tudo o que tiver ao meu alcance eu farei para que seja para sempre.” (Carla)

Portanto, mesmo tendo a presença da possibilidade de ruptura do vínculo, os entrevistados mencionam este aspecto como um ato imprevisível e não desejado. Mesmo para o entrevistado que já passou pela experiência de separação, estar em relação necessita da crença e da vontade de manter os laços de intimidade ao longo dos tempos.

Assim, nestes casos apresentados, a existência de uma possibilidade de ruptura poderia ser identificada mais como uma fatalidade do que por uma não valorização do vínculo conjugal, como pode ser bem percebido na resposta de Roberto à pergunta: “você pensaria em terminar o casamento por algum motivo?”.

“Muito difícil, salvo algum desastre, se ela me apunhalar muito forte” (Roberto).

Confiança no vínculo

Uma história bastante peculiar foi apresentada pelo casal de maior tempo de experiência conjugal indicando valor na confiança do vínculo e na superação. Durante o período do namoro, o pai da Sra. Denise apontava certas restrições ao casamento. Entretanto, a crença no laço que os unia e a vontade de construir uma família serviram como suporte para lidar com tal situação

“Houve um período em que as coisas se tornaram um pouco dificultosas, obscuras, porque dificuldade é obscuridade. O pai de Denise não foi de uma abertura imediata, chegando a adotar atitudes pessoais não confirmadoras da nossa pretensão, mas Denise tinha uma disposição muito firme” (Bruno).

Este relato se aproxima da representação arquetípica do confronto entre as escolhas do indivíduo e os laços familiares. Assim como apresentado no mito de Eros e Psique, Denise teve que lidar com seus pais, com as imposições limitantes ao seu desenvolvimento em fazer crescer a relação madura desejada.

Então eu tive que enfrentar dentro de casa e eu que nunca tinha enfrentado a vontade do pai, porque papai era aquele pai mandão, o que ele dizia era pra ser feito e todo mundo na casa, os filhos todos obedeciam. Mas aí, quando Bruno surgiu, ele disse que não, que não concordava e eu então o enfrentei, mas nunca o enganei. Tenho a consciência assim tranqüila que sempre falei claro para ele. (Denise)

A fala desta entrevistada apresenta o momento da transição ocorrida entre uma cultura patriarcal, que tinha o pai como autoridade central, para uma nova situação familiar que visa o que Giddens

(1993) indica como “amor romântico”. É a luta do casal que visa à construção de uma relação por escolha própria, em prol de uma união desejada, enfrentando assim a autoridade paterna.

O respeito a si e ao pai foram fundamentais para o crescimento desta conjugalidade de maneira saudável. Enfrentar uma situação não envolve a ruptura e tentativa de esquecimento do fato, principalmente quando se leva em conta uma relação pai-filha, mas, torna-se necessário o diálogo e a compreensão dos limites e crenças de cada indivíduo. Assim, pais e filhos podem permitir o crescimento pleno, como um mito que alcança seu objetivo.

“Depois de algum tempo eu que tinha tomado esta atitude resolvi tomar a atitude de retorno e enfrentei de novo pra voltar, pra ter relações de novo com meu pai. E aí acabou! Ele serenou e gostou muito de Bruno depois e gostou muito dos netos também. Foi tudo tranqüilo.” (Denise)

Assim como Psique contou com a ajuda de outros deuses, o casal Denise e Bruno relata o apoio de outros familiares, além de creditar importância à religião (posteriormente o tema religião será melhor abordado).

Ele chegou a ser um sogro muito querido e estabelecemos uma relação doméstica íntima, grau dez. Então, vale a pena considerar que a família de Denise e a minha família eram formadas catolicamente e acredito que as orações de todos serviram como veículo produtor de um clima de confiança, de graça, de maneira que eu não podia penetrar neste pré-casamento e acredito que a graça de Deus foi tamanha que tudo nos levou a nossa consagração pelo matrimônio naquela etapa. (Bruno)

Casal igualitário

Com as entrevistas também foi possível identificar a busca pela igualdade entre os membros da relação. Homens e mulheres passam a dividir direitos, tendo ambos a possibilidade da realização de atividades profissionais fora do ambiente doméstico, assim como o apoio mútuo no cuidado com o lar, com os filhos, alimentos e nas contas a pagar.

Este dado de pesquisa se aproxima aos apresentados por Anália Torres e Ana Moura (2004) no caso dos jovens portugueses que buscavam uma relação de igualdade e parceria. Nos entrevistados, os papéis estereotipados de homem e de mulher perdem gradativo espaço, entrando em voga a divisão de tarefas por afinidade.

Não tem muito estresse entre nós dois. Por uma questão de não ter sentado para fazer isso a gente vai dividindo. Então viajar: ora eu pago, ora ele paga, ora os dois pagam. Eu pago o hotel, ele paga as despesas de ligação, então é uma coisa muito sem regra, em minha opinião. A gente participa muito do que o outro faz. (Carla)

Nas divisões das tarefas no cotidiano contemporâneo perdem-se cada vez mais os estigmas das atividades destinadas aos homens e às mulheres, permitindo maior troca e a criação de parcerias.

Eu gosto de ir pra cozinha, de levar uma comidinha diferente para a gente comer, mas já não gosto de lavar prato, não gosto de lavar louça. Então eu não tenho, assim, essa preocupação mais doméstica, ele tem mais, ele liga mais pra isso. Agora por exemplo, essa questão de administrar é com ele, ele gosta como ele vê, ele percebe que eu não me ligo muito, ele assume essa parte. (Fernanda)

Entre os entrevistados, foi interessante observar a presença das divisões de tarefas como sendo realizadas mais por afinidades do que por padrões sociais previamente estabelecidos.

Na verdade eu transfiro para ela tarefas do homem, tem que contratar pedreiro, eletricista, isso e aquilo, não gosto de mexer com isso. Ultimamente quem tem feito isso sou eu, mas até outro dia, por exemplo, teve a reforma, não vou me meter na reforma, dei o dinheiro e não vou me meter. Não quero saber de obra, quebra-quebra, poeira, sujeira não é minha praia, não fiz faculdade para engenheiro. Mas, ultimamente, acho que eu cuido mais da casa, e também sou mais organizado, gosto de ver tudo arrumadinho, bonitinho (...). (Victor)

Vale indicar que um dos homens dispunha de maior tempo nas atividades domésticas que a própria esposa.

Não tínhamos empregadas nos primeiros anos, a gente optou por isso pra ter uma intimidade maior. Como ela não sabia fazer as coisas e eu sabia, eu que assumi mais, só que eu assumi a parte do homem e da mulher, eu assumi tudo praticamente. Ela só fazia comida, ela cozinhava melhor do que eu, mas eu cuidava muito da casa, lavava, passava, depois a gente contratou empregada, pois eu já não estava conseguindo dar conta. (Roberto)

Assim, o jogo entre masculino e feminino na relação conjugal toma novos rumos nos quais não mais se encontram papéis previamente estabelecidos, mas uma nova realidade em que homem e mulher necessitam aprender o cuidado doméstico no decorrer da vida cotidiana.

Ele melhorou muito sobre a questão de tomar iniciativa porque eu comecei a pressionar também, falei assim “oh, tem que chamar o chaveiro, ele que chame o chaveiro”. Então, ou Victor se movimentava ou as coisas iam ficar quebradas mesmo, eu tive um over book mental, não dava, era coisa de mais

para administrar. Ele passou a ajudar em tantas coisas, como chamar o encanador. (Carla)

Vale salientar que todos os casais possuíam empregada doméstica (diarista, cuidado aos filhos) como facilitadora das atividades do cotidiano, entretanto, a qualidade do trabalho desta, quem a contrata, é indicado como parte do trabalho da casa que necessita de cuidado e atenção.

Os casais com cinco anos de união apresentaram como importante a existência de conta conjunta (ou mecanismo similar) destinada aos pagamentos das necessidades diárias (alimento, escola, empregada doméstica entre outros), mas também indicam valor da renda em particular.

O meu salário é conta conjunta, o dela não é porque o estado não deixa, mas eu fico com o cartão e a senha dela. Normalmente a gente só paga as contas e guarda o resto que sobra do mês. Nenhum dos dois liga pra dinheiro, a verdade é essa, então quando ela quer alguma coisa ela compra, só quando é alguma coisa mais cara a gente senta pra conversar. (Roberto)

Estes dados reiteram o que Torres e Moura (2004) afirmam sobre a busca pela igualdade entre os pares mais jovens. Para estes, as responsabilidades passam a ser divididas, tendo em vista o cuidado mútuo e a não sobrecarga do cônjuge.

Estudo e trabalho

Assim como a divisão de tarefas em casa, o casal também lida com o fato da mulher poder trabalhar fora de casa. Todos os casais jovens, tanto o homem quanto a mulher, possuem trabalhos fora de casa chegando, em alguns casos, o homem ter maior tempo no ambiente familiar. Todos os entrevistados creditaram importância ao trabalho de ambos, assim como apoio e estímulo à cultura e ao estudo.

A gente sempre teve esse respeito de um com o outro, de dar espaço para que o outro pudesse ter, da melhor maneira possível, chances e oportunidades profissionais. Então, neste aspecto, eu sinto um incentivo dele com relação a meu trabalho e a meus cursos, se eu precisar hoje viajar, ele me apóia. Quando a gente viajou e chegamos das férias, na primeira semana de trabalho me disseram que eu precisava viajar. Pensei, “já vou ter que dizer a ele que já vou viajar”, mas tranquilo, recebeu muito bem, sempre foi assim esse entendimento, talvez porque haja confiança, sem confiança fica difícil os incentivos. (Roberta)

O casal, portanto, apresenta no incentivo ao trabalho a confiança e o desejo de satisfazer tanto a si quanto o outro. Como afirma a autora Márcia Áran (2003):

Independente da vida familiar, o trabalho feminino se tornou um valor. Não queremos dizer com isso que as mulheres não sejam mais as principais responsáveis pela organização do lar, mas a necessidade de trabalhar 'fora' se caracteriza, também, como um desejo de autonomia, em que a identidade feminina não exclui uma vida profissional de sucesso. (ÁRAN, 2003)

Para um dos casais jovens entrevistados, o trabalho contribui de maneira positiva para o vínculo, pois ambos atuam na mesma área profissional, permitindo assim a partilha também de saberes técnicos. Em escala mais ampla, o trabalho neste caso influenciou inclusive nas relações familiares, visto que não só a esposa, mas alguns membros da família dela também atuam na mesma área.

Vale salientar também a história do casal com maior tempo de conjugalidade, pelo fato de Denise ter tido a possibilidade de ter trabalhado e contado com o apoio do marido. Apesar de áreas diferentes, ambos atuaram na atividade de ensino, mesclando a vida profissional com a vida familiar. Lembrando que quatro dos filhos do casal foram gerados no período de faculdade, atrasando um pouco a formatura, mas não impedindo a sua conclusão.

“Então minha vida sempre foi assim: unindo o casamento, o nascimento de filhos, com a profissão. E sempre procurei fazer da melhor maneira que eu podia fazer. Nós temos 9 filhos. Os que nasceram durante o período do curso foram os 4 primeiros.” (Denise)

Contudo, a realidade entre trabalho-família também apresenta suas dificuldades, como é o caso apresentado por um dos casais que indica a maior crise no matrimônio quando a cônjuge estava cursando o mestrado, o que gerou certo afastamento afetivo devido à dedicação ao trabalho e a tensão sofrida.

Deste modo, assim como o trabalho trouxe a dignidade à mulher, também pode ser identificado como fator de enfraquecimento do vínculo. Não apenas pelo fato de se ter um emprego, mas a possibilidade de ter uma renda, de se sustentar e de ter o direito à escolha, assim, a mulher pode romper o vínculo com muito mais segurança que outrora.

(...) o termômetro hoje da tolerância num casamento é o fator financeiro, as mulheres antes separavam menos porque elas eram do lar. A mulher tem que trabalhar, tem que dividir, tem que contribuir com o sustento da família, ela

tem que ter a participação dela. Mas antes, quem provia o lar era o homem, por isso que antes, na separação, os filhos ficavam com as mães, porque era a mãe que tinha tempo para dedicar aos filhos enquanto o marido estava na rua ganhando dinheiro. Hoje ambos estão na rua, por isso que o nosso direito absorveu o a guarda alternada dos filhos e no meu caso quem está mais em casa sou eu. (Victor)

O vínculo conjugal é então compreendido como um espaço em que ambos os cônjuges possuem direitos e deveres. Mulher e homem disputam o mercado de trabalho, encontrando na família o apoio afetivo. Assim, o vínculo tem a possibilidade de se manter mais por vontade de estar em relação do que pelo medo de não conseguir se sustentar fora do ambiente da casa.

A importância da vida sexual

Não só a divisão de tarefas se tornou uma realidade partilhada, mas também o sexo e a escolha de ter ou não filhos. Autores como Bonzo (2004) e Diehl (2002) indicam que o percurso do sexo, que antes impulsionava às mulheres a um ciclo de gestação e parto, chega ao momento contemporâneo com o uso dos métodos contraceptivos, pós-movimento feminista, possibilitando à relação conjugal controle e maior possibilidade de escolhas. “Em algumas décadas, essas novas gerações desaprenderam o medo da gravidez não desejada que pesava sobre a sexualidade feminina das gerações anteriores e sobre todos os seus projetos de vida” (BOZON, 2004, p. 44). O sexo que, no casamento possuía o título de gerar, procriar, passa a servir, por sua vez, como fonte de prazer (não excluindo a possibilidade do prazer do sexo em gerações anteriores).

Em modelo comparativo, esta realidade torna-se observável entre os casais com 5 anos de conjugalidade e o casal de maior tempo de relação. Enquanto nos jovens casais todos indicam o uso de métodos contraceptivos e o número reduzido de filhos, levando em conta que um dos casais ainda não possui filho, só durante o período da faculdade de Denise, quatro foram os nascidos (em nenhum momento o número de filhos foi identificado como um peso).

O sexo hoje, além de servir como fonte de prazer, passa também a ser indicado como de fundamental importância para a relação, tendo, inclusive, um dos entrevistados indicado como ponto de segregação da relação. Este dado de pesquisa se iguala ao pensamento de Bauman (2004) que sugere que o sexo passa a ser um aspecto relevante na manutenção do casamento. Conquanto, vale salientar que o sexo para estes casais é visto como um fator que está envolto em temas como: cumplicidade, conversa, compreensão e cuidado.

“(...) eu acho que se no momento o sexo não está bom o resto sustenta. Se as outras coisas não estiverem boas o sexo pode ter um papel pra ajudar, então assim, é como nas historinhas, tem que ir regando pra ficar bom.” (Carla)

Para estes casais, o sexo, então, é tido não apenas como um ato de obtenção de prazer, mas também como medidor do vínculo conjugal. Para eles, o sexo merece atenção e cuidado, além de ser um indicador da qualidade da relação conjugal.

É muito importante, porque é o momento de maior intimidade do casal. É a única coisa que o casal faz entre si que não pode fazer com mais ninguém e, quanto melhor a intimidade do casal, melhor o sexo. O sexo não consegue ter a mesma qualidade, quando a coisa externa não está boa. (Roberto)

O sexo na relação conjugal pode, então, ser compreendido como um aspecto relevante no processo de individuação do casal e dos seus membros. A sexualidade, como aborda Adolf Guggenbühl-Craig (1980), seria uma realidade rica em simbologias, fantasias, nas quais os cônjuges podem aprender a se relacionar gradativamente, além de fazer parte de um conjunto complexo de fatores envolvendo bem estar, satisfação de estar com o outro.

Num casamento que é, acima de tudo considerado como um caminho para a salvação, a sexualidade é, naturalmente, o campo ideal para a busca de individuação. Em tal casamento a sexualidade não serve ao propósito de reprodução, nem meramente à relação interpessoal e ao amor mútuo, mas à paixão pela individuação. (CRAIG, 1980, p.112)

Agora o sexo não pode suplantar o amor, uma relação de respeito ao outro, então quando você pergunta assim, é fundamental, é importante? É difícil dizer, eu acho que é fundamental, mas é fundamental dentro desse critério, de não ultrapassar, por exemplo, a vontade do outro, de não forçar a vontade do outro. (Fernanda)

Nesta perspectiva, a sexualidade vivenciada pelo casal passa a ser compreendida como uma realidade de satisfação e, por este motivo, um momento de encontro com o outro, de reconhecer o parceiro no momento de maior intimidade. Não seria portanto o sexo o causador da ruptura de um vínculo, mas, serve como indicativo de que algo na relação não está confortável aos cônjuges.

Amadurecimento e vínculo

O matrimônio proporciona ao indivíduo a possibilidade de crescimento, tendo em vista o fato de que, em momento de crise, o espaço da casa ainda é partilhado, assim como a cama, induzindo

ambos na busca pela solução do conflito. Afinal, os conteúdos sombrios da psique, os aspectos não desenvolvidos aparecem justamente nos momentos de maior intimidade, pois é no dia-a-dia, na relação que as personas, as máscaras, são postas de lado, e o indivíduo se apresenta com maior intensidade.

“A gente só sabe quem é mesmo depois que a gente começa a ter que se relacionar com alguém tão intimamente como é no casamento” (Roberto).

Como indicado pelos autores junguianos como Craig (1980) e Hollis (2002) o vínculo faz parte do processo de individuação, faz parte de uma via de encontro consigo e com o mundo, uma esfera de descoberta e, portanto, um caminho nem sempre fácil.

Mas quando a gente casa tem que lidar com os defeitos do outro de forma mais intensa. Você não vai para casa (se referindo à casa dos pais) quando você discute, você tem que dormir junto, então tem que resolver, tem que superar para resolver. Tem que encontrar um meio de mostrar de que as coisas estão machucando. Tem que olhar mais para o casamento, para o relacionamento e para você também, então você cresce muito nessa busca e o relacionamento cresce muito. (Carla)

Numa relação de intimidade a longo prazo como o casamento que conta com a presença de inúmeros fatores interferindo diretamente na relação (familiares, trabalho, filhos, situação econômica) e que absorve as mais diversas histórias e situações ao longo do tempo, as adversidades são inevitáveis e podem ser encaradas tanto como obstáculos a serem enfrentados quanto por desgastes.

Todos os três casais relataram alguma história peculiar que permitiu mostrar o afeto, o companheirismo e ao final do percurso, fortalecer o vínculo através da superação. Neste ponto, as relações podem ser comparadas ao mito de Eros e Psique que indica luta, encontros, momentos de dúvidas, descida ao mundo inferior, entrada em contato com o medo e com o desespero, mas que também permite a redenção, o reencontro.

“A gente amadureceu muito. Quando ele se chateava saía e batia a porta, hoje ele não tem mais essas atitudes, isso é legal. Conhecer o outro, trabalhar, conversar, trazer as coisas que a gente conhece, falar, nossa, acho que eu melhorei muito o conviver com ele” (Fernanda).

Um dos casais relata uma situação inesperada e difícil, exigindo parceria. Em certo momento eles tiveram que cuidar de duas irmãs de um dos cônjuges que até então eram desconhecidas. Pelo

fato das meninas encontrarem-se em situação de abandono, o casal teve que assumir com esta responsabilidade. A dificuldade estava em ter que reconhecer uma história da vida familiar que não era conhecida, assim como em ter a incumbência de cuidar de duas crianças de maneira inesperada, com toda a responsabilidade que esta situação impõe.

Doença e morte também são momentos marcantes na vida do casal, necessitando o reconforto e a presença um do outro. Estes momentos foram indicados como de enriquecimento para o casal, pois se sentiram acolhidos em uma dificuldade e tiveram a possibilidade de partilhar um com o outro, pois como indica o conceito da dádiva, o partilhar, a doação gera vínculos.

Dádiva

A troca se torna uma experiência vivenciada pelos cônjuges e tida como um bem. A dádiva numa relação pode aparecer das mais diversas formas, apresentando-se por meio da afetividade, no apoio em situações de dificuldade, como também pode ser identificada no ato de oferecer um presente.

“Presentear, não é o valor do presente que importa, mas é o ato de presentear, é o ato de passar por uma loja e dizer ‘lembrei de você’” (Carla).

A dádiva é a arte de doar sem pedir nada em troca, é um ato de gratuidade. A pessoa doa pelo prazer de presentear, de mostrar àquele alguém que ela é importante em sua vida. Não é o presente que conta, mas o fato de lembrar do(a) companheiro(a), mostrar que está atento e o tem como um bem.

Fizemos 5 anos agora, fiz uma festa legal para ela, recebi flores no amanhecer do dia, bolinho, cantei parabéns, e eu não dei nada, passei o dia inteiro e não dei nada. Ela chegou do trabalho, chamei-a para jantar, levei uma garrafa de vinho bom, fomos ao restaurante, paguei a conta. Chegou o fim da noite e dei uma chave para ela, era de um hotel onde passamos a noite de núpcias. Falei que ela não ia para casa, fomos ao hotel, quando ela chegou estava cheio de flores, garrafa de champagne francesa, uma caixa de chocolate, já tinha dado uma carta antes a ela. Quando ela abriu o guarda-roupa já tinha as roupas lá, tudo para ela se trocar, entrou no banheiro, tinha pasta de dente, tudo compradinho, novinho, no que ela vacilou e olhou para trás tinha uma caixa de jóias esperando-a, que eu tinha comprado para ela, uma jóia, foi uma noite, acho que essas coisas fazem. (Victor)

No entanto, assim como aponta Goudbout (1999), a dádiva pode também carregar o veneno. Afinal, um presente pode trazer a marca da ostentação ou a dor de um presente não aceito.

Quando a gente começou a namorar eu dava uma rosa todo dia 21, ela então foi fazer a besteira de reclamar, "poxa você só dá rosa não tem criatividade", com isso eu nunca mais dei uma rosa, eu me arrasei. O presente não era eu dar uma rosa, o presente era todo dia 21 dar uma rosa, é diferente, (...), tinha outros presentes nos dias diferentes, eram outras coisas. Ela se arrependeu de ter feito isso, "você nunca mais me deu uma rosa", eu disse, "você disse que não queria rosa, ficou esnobando". Quando a gente fez sete meses de casado eu dei um buquê de sete rosas, eu hoje faço assim, um buquê de oito rosas, e nem é sempre. (Roberto)

O ato de ofertar não pode ser compreendido apenas como um "fato em si", não é apenas a ação de dar o presente que conta, mas como este ato é interpretado pelo outro. A dádiva carrega a marca da ambigüidade, porque sempre será necessário passar pelos critérios e valores adotados por cada indivíduo na análise do que se recebe ou do que se oferta.

No casamento, o cotidiano pode se tornar um obstáculo, tendo na dádiva um momento para demonstrar o prazer de partilhar o vínculo.

Quando se está namorando você tem o foco de agradar e quando você fica muito tempo com a pessoa não importa, mas dentro do relacionamento você, se não ficar atento, o apelo excessivo da vida, principalmente quando você fica mais velho e fica vendo o problema de todo mundo ao seu redor pode, evidentemente, te tirar do seu foco. Então eu acho que a gente deva estar atenta ao casamento, normalmente fazer uma surpresa. Eu tenho sorte que meu marido é bem romântico e faz surpresas pra mim também, fazer uma cartinha, dar cartão, escrever o que sente. (Carla)

Diálogo

O diálogo foi marcado na trajetória dos casais como o aspecto de maior relevância para a durabilidade da relação conjugal. Como tem sido percebido ao longo dos resultados colhidos e das pesquisas bibliográficas realizadas, muitos são os fatores que podem contribuir para o fortalecimento do vínculo conjugal, assim como para sua dissolução, tendo na comunicação uma valiosa ferramenta na busca pelo equilíbrio da relação.

A comunicação possui um papel fundamental, visto ser esta a responsável pela transmissão de mensagens positivas como um "eu te amo", "eu confio em você", "preciso de você", mas que pode também carregar as mágoas das situações vividas (tanto na relação conjugal quanto pelas

marcas trazidas na história pessoal). Assim, o diálogo precisa ser franco e aberto, para que o casal consiga entrar em contato tanto com as felicidades quanto as tristezas de cada um dos seus membros.

(...) e quando não estiver bem, dizer que não está bem e porque não está bem, porque, quanto mais o casal vai guardando coisas, aí que a coisa estoura e chega um momento que não tem diálogo, que diálogo não é suficiente, por quê? Porque o casal guardou rancor, mágoa, coisas que gostaria de fazer e o outro não deixou por tanto tempo que a coisa desenrolou. (Fernanda)

A arte da conversa, como afirma Patrícia Arès (2004) e Goudbout (1999), deve permitir que cada um fale e seja escutado. A arte do diálogo é um aprendizado no qual o casal deve construir em parceria, independente ao fato de gênero.

“A gente conversa muito, só que é mais fácil eu conversar com ela do que ela comigo, eu tenho dificuldade de ouvir, não é que eu seja surdo não, eu tenho dificuldade de ouvir, ela ouve muito mais. Mas eu venho treinando, venho me policiando” (Victor).

“A gente conversa, mas ela provoca mais, ela dá a centeia mais vezes, mas eu nunca me opus a conversar” (Roberto).

Como apresentado anteriormente, o diálogo e a comunicação do casal fazem parte de uma arte a qual não existe uma métrica, mas parte de uma troca em que cada um pode ajudar seu parceiro a desenvolver os aspectos necessários para um diálogo franco, assim como também respeitar a si e ao outro na forma de ser.

Meu perfil, tanto com meus amigos como no meu relacionamento é muito mais de escutar do que falar. Não, veja, é uma coisa do perfil meu, não é apenas porque Victor não ouve, mas porque eu sou muito de tentar resolver meus problemas e resolver primeiro interiormente do que antes de procurar o outro e dividir e Victor é muito mais de falar dos seus problemas, mas assim, eu me sinto escutada dentro das minhas necessidades, quando eu preciso ser escutada eu acho que sou escutada. (Carla)

Família

Um dado valioso a ser analisado é a interferência da família de origem no vínculo conjugal dos entrevistados. Os aprendizados que tiveram na observação e nos diálogos da relação com os pais (não necessariamente pais originais) servem de experiência e modelo a seguir na atualidade.

O convívio com a família, a célula mátria. O papai reunia sempre os filhos em casa, aos sábados e aos domingos, a dedicação à mulher, a fidelidade, a lealdade, a solidariedade, são os princípios que ele passou, tinha natureza diferente, todos nós temos naturezas diferentes. Esses princípios foram passados de forma muito forte para cada filho. Tanto que meu casamento era para o sempre, houve uma separação, casei de novo e continuo casando para o sempre. Quando eu penso em coisas que papai me ensinou, eu lembro dessas coisas, estar com os filhos, estar presente, conversar, participar da vida dos filhos, da vida da mulher, fazer viagem. (Victor)

Cuidado, atenção, carinho, preocupação e dedicação foram algumas das palavras abordadas que definiam as vivências em casa e que creditavam confiança no vínculo e na vontade de fortalecê-lo.

Não deixa de influenciar esse coleguismo, essa cumplicidade, acho que eu procuro ter essa relação com Roberto também, além do casamento de ter essa preocupação de ajudar, de montar as coisas juntos eu me preocupo com isso, quando isso não acontece eu digo: Roberto a gente precisa estar mais juntos, de vez em quando eu chamo a atenção dele, não podemos ser só feijão com arroz, a gente tem que ser café com leite, que mistura. Eu converso com ele porque eu sinto que é importante isso, ir construindo juntos, você tem individualidade, respeita a individualidade mas também constrói junto. (Fernanda)

Entretanto, não é o aprendizado familiar irrestrito que mobiliza e permite que o vínculo se estenda a longo prazo. Vale lembrar que alguns dos filhos do casal com mais de cinquenta anos de laço conjugal são divorciados, inclusive por mais de uma vez. No entanto, até nos dias de hoje, o casal entrevistado indica o vínculo entre os pais como exemplo.

“A simples convivência no cotidiano doméstico, sem conflitos, sem que um quisesse sobrepor-se ao outro, mas cada qual no seu espaço isso cumpriu sem uma percepção intencional muito na nossa vida social e conjugal também.” (Bruno).

A vida familiar também apresenta suas marcas não agradáveis à vida do indivíduo, como é o caso de Roberto que, aos três anos de idade, teve o pai separado da mãe para estabelecer uma nova união. As marcas desta separação ainda podem ser observadas, tanto na fala do entrevistado quanto na demonstração de emoção ao tratar do tema.

“Interferiu bastante em mim, porque eu tenho pavor de traição, dessas coisas. Quando eu penso na possibilidade de um dia eu me encontrar numa posição dessa eu... depois de tanta besteira que ele fez, de acabar com a família e com tudo, eu nem dou chance” (Roberto).

Um apoio fundamental na vida do entrevistado foi o padrasto. Para Roberto, este veio como apoio à família, uma pessoa que permitiu uma re-organização familiar.

“Eles sempre resolveram as coisas muito no diálogo entre eles, acredito, porque sempre estavam bem, nunca vi minha mãe e meu padrasto com problemas a ponto de interferir no resto da família” (Roberto).

Como Jung (2000) apresenta, a família de origem e/ou cuidadores possuem papel marcante na vida do indivíduo. A criança constrói a partir de suas fantasias e na vida cotidiana imagens representativas dos pais, que vão edificando a imagem de ser homem. As representações de pai e mãe possuem energia arquetípica, portanto, como indica Jung, “constituem um bem inalienável de toda a psique” (JUNG, 2000, p.94).

As representações arquetípicas não necessariamente são apresentadas enquanto transtorno, salvo quando não se apresentam em seus devidos lugares. Portanto, a relação pais-filho é fundamental no desenvolvimento de um indivíduo, podendo pender para um rico aprendizado ou para a constelação de complexos negativos, nestes casos, denominados de complexos paternos ou maternos.

Na vida adulta, homem e mulher têm a possibilidade de confrontar essas imagens que, muitas vezes, apresentam-se inconscientemente nas atitudes, pensamentos e fantasias. A vivência conjugal, portanto, necessita lidar com estas representações que podem vir como apoio à superação de obstáculos, mas também como marcas limitantes para o desenvolvimento pleno do indivíduo e, portanto, da relação.

Religião

A religião foi apresentada pelos entrevistados como um indicativo de fortalecimento do vínculo. A crença em um Deus, assim como os ensinamentos passados através da religião servem de exemplo na manutenção do vínculo, na busca pelo cuidado do outro e na superação dos obstáculos.

Na vida familiar muitas são as limitações e dificuldades. Para os entrevistados, a crença vem como um apoio, um reforço a manter-se firme perante a vida e ao sofrimento. Este aspecto pode ser observado no relato de um dos casais, quando um dos filhos sofreu grave acidente, necessitando de cirurgia. Por se tratar de uma criança de pouca idade esta situação mobilizou o

casal, mas como indica a entrevistada, a crença na fé foi fundamental para lidar com este fato da melhor maneira possível.

Isso abala profundamente, você vê seu filho de um ano todo ensanguentado, fazendo cirurgia, entubado. Eu só fazia ter fé, “meu Deus obrigado, porque poderia ter sido muito pior, só foi o nariz, poderia ter sido o olho, o rosto, obrigado meu Deus por ter posto a mão”. Não tive revolta, essa busca de não ter revolta vem de muita fé. Eu agradeço mais do que me revolto. Claro que você pode ter revolta no momento quando dói, mas sei que Deus está ali me ajudando, como sei que ele me ajuda em tudo. (Carla)

Outro relato, apresentado por um dos casais, indica que o maior contato com a religião trouxe à relação maior aprofundamento do vínculo. O casal conta que, com a chegada mais efetiva do ideal de se casarem, Fernanda apresentou o desejo de firmar o matrimônio na igreja. Para seu companheiro, este fato seria uma hipocrisia caso eles não vivenciassem a religião. Assim, a partir da sugestão de um dos familiares, o casal teve a possibilidade de fazer parte de um movimento de jovens da Igreja Católica.

Sei que nós fomos, participamos do movimento juntos, então começou um vínculo maior, o vínculo espiritual. A gente começou a falar a mesma língua também em matéria de crença, eu acho isso importante. (...) é muito bom quando você tem as mesmas crenças, as coisas caminham de uma forma mais fluida, o ajudar o outro e trabalhar fortalece o relacionamento. O grupo nos ajudou, porque a gente fez muita coisa junto, a gente estudou a questão do aprofundamento, fizemos um grupo de casal, isso fortalece demais a relação. Ver que problemas acontecem e a gente vai fortalecendo também. (Fernanda)

Na psicologia junguiana, a religião é compreendida como uma realidade *sui generis*, ou seja, uma necessidade do homem que o move para o equilíbrio do ser (WINCKEL, 1985, p.38-39). Para Jung, a religião, ou como adota por *religere* ou *religio*, é tida “como uma atitude do espírito humano” (JUNG, 1987, p.10) e teria como uma das funções a re-ligação entre a consciência com o inconsciente.

Jung, ao se propor estudar a religião, afirma categoricamente que “na medida em que o fenômeno religioso apresenta um aspecto psicológico muito importante, trato o tema dentro de uma perspectiva exclusivamente empírica” (JUNG, 1987, p. 7). Portanto, este trabalho não aborda questões de origens metafísicas, filosóficas ou teológicas, mas “a psicologia do *homo religiosus*,

do homem que considera e observa cuidadosamente certos fatores que agem sobre ele e sobre seu estado geral” (JUNG, 1987, p.11).

A religião, para Jung, carrega o mistério e fala diretamente através dos símbolos com o inconsciente. “Não estamos psicologicamente desenvolvidos o suficiente para entender a verdade, a verdade extraordinária dos ritos e dos dogmas. Por isso esses dogmas nunca deveriam ser submetidos a qualquer tipo de crítica.” (JUNG, 1998, p. 270).

Para o entrevistado Victor, a crença em uma religião é tida como um fator relevante ao casamento, um objeto de união e fortalecimento.

“Acho que a religião, seja qual for, tem que ser olhada como um canal para um casamento saudável. Um homem tem que ter Deus, seja qual Deus for, tanto o homem, quanto a mulher tem que ter Deus” (Victor).

Todos os entrevistados creditam importância à religião para o fortalecimento do vínculo, sendo ela através da crença em um Deus, pela fé ou o fato de possuir momentos de partilha, de troca, de contato mais íntimo e profundo um com o outro. Para Jung (1998), a religião se funda originalmente por duas maneiras: ou pela experiência do numinoso ou pela fé, fidelidade e na mudança de consciência que desta experiência resulta.

Com certeza a espiritualidade é algo precioso dentro do casamento. Casais que não acreditam em nada, que não dialogam ou que têm convicções totalmente contrárias, isso leva ao conflito no casamento, podendo não destruir totalmente, mas o casamento não fica completo, quando você e o outro têm convicções totalmente opostas. (Fernanda)

A religião, portanto, aparece como uma partilha de ideais, crenças e objetivos. Cada religião processa em si um conjunto de fatores que correspondem ao que se denomina de dogmas. Nos casais, a vivência da religião pode ser compreendida como o partilhar de um dogma, de compreender de maneira profunda, e muitas vezes intuitiva as escolhas e decisões do parceiro.

Tanto para os casais mais novos quanto para os de maior tempo de relação, a religião aparece como um fortalecedor do vínculo seja pelo compartilhar de um mesmo ideal ou pela transformação ocorrida no contato mais profundo consigo.

A fragilidade do corpo não significa a do espírito. Ao contrário, o espírito tem que ser forte, mãos postas para que esta proteção não se fragilize, a confiança

em Deus para que não nos abandone (e não vai nos abandonar), e também a presença de Nossa Senhora em nossa vida. (Bruno)

CONCLUSÃO

Muitos são os fatores que interagem na vivência de um laço conjugal. O termo “vivência” torna-se bastante pertinente tendo em vista a compreensão do tema conjugalidade enquanto experiência rica e complexa, uma realidade *sui generis* na vida do indivíduo. Mais do que compreender, analisar, interferir, um estudo sobre a vida conjugal evidencia a existência de fatores conscientes e inconscientes das mais diversas naturezas.

A questão impulsionadora para a realização deste estudo foi a busca pela compreensão do delicado jogo entre a individualidade e a conjugalidade. Não foi fácil selecionar o caminho da investigação, tendo em vista a multiplicidade de contribuições e enfoques encontrados a respeito da vida conjugal.

A contemporaneidade vem sendo abordada como período de grande valorização da individualidade com seus ganhos pessoais, da satisfação e realização de si. Inevitavelmente, é o momento em que a cultura conhece, de maneira cada vez mais presente, o divórcio, as separações e os relacionamentos de curta duração.

Entretanto, um dado interessante e inesperado como resultado das análises das entrevistas realizadas foi o ideal de “liberdade a dois”. Os cônjuges indicaram o vínculo conjugal como uma riqueza humana que dá acesso ao partilhar da vida e da intimidade, a companhia, a conquista de uma identidade mais madura e extensa. Apresenta-se como positiva a percepção da família como ambiente de crescimento a dois, mas, para alguns, este fato coexiste com a percepção do vínculo enquanto limitação que tolhe a individualidade e a satisfação plena.

A busca da satisfação pessoal passa a não ser considerada como um fragilizador do vínculo, mas como possibilidade de crescimento e de realização. Incentivo aos estudos, à prática de esporte, ao cuidado com a alimentação e com a saúde foram alguns indicativos apresentados pelos casais como sinais da positividade do vínculo.

Sem contradizer os sociólogos contemporâneos que abordam a fragilidade dos laços de intimidade, as entrevistas apresentaram casais com vontade de conquistar a durabilidade do vínculo, não como respostas às expectativas dos parentes ou como dever carregado de sacrifícios para o bem dos filhos, mas como escolha própria, como vontade de satisfazer uma exigência maior na sua vida.

Vale, no entanto, salientar a importância da família de origem, ora sendo compreendida como um modelo a ser seguido, ora como modelo a não ser repetido. Para todos os entrevistados, os aprendizados familiares, tanto através do diálogo quanto nas observações dos comportamentos e das atitudes, foram consideradas como de grande importância para construir a própria postura na vida familiar. Mesmo o entrevistado que indicou certa resistência ao pai biológico, a presença do padrasto na relação com a mãe e o diálogo em família foram lembrados como fortalecedores de si e da busca pelo cuidado com o outro.

Sendo o casamento parte da existência de dois indivíduos com suas particularidades, suas neuroses e suas potencialidades, não poderia ser exclusivamente um ambiente de harmonia e tranquilidade. A conjugalidade impulsiona ao crescimento, portanto, o conflito torna-se inevitável e necessário. Mas, são nas escolhas feitas que os casais conduzem a relação para o crescimento ou para seu enfraquecimento. Os entrevistados relatam que o vínculo exige dedicação, vontade e esforço.

Durante as entrevistas foram comentadas, por todos os casais, histórias de pessoas próximas (e até de filhos) que se divorciaram. No entanto, foi surpreendente observar a vontade dos entrevistados em buscar manter a relação. Eles recordaram com emoção momentos como o primeiro encontro ou como obtiveram apoio e dedicação do cônjuge em momentos de necessidades.

A vida partilhada, a parceria, se apresenta nos casais entrevistados como um objetivo desejável a ser conquistado e como merecedor de dedicação à livre expansão de suas personalidades. Homens e mulheres perdem gradativas definições de papéis previamente estabelecidos, dividindo as tarefas mais por afinidade do que por normas sócio-culturais, chegando ao ponto de um entrevistado indicar que, no início da relação, ele cuidava mais da casa do que sua esposa. Uma das vantagens apresentadas neste sistema de parcerias é a redução na sobrecarga de um ou outro membro da relação com as tarefas domésticas, contas a pagar e no cuidado com os filhos.

Paralelamente à divisão das tarefas domésticas encontram-se os resultados das mulheres que trabalham fora do ambiente doméstico. Todas as entrevistadas possuíam alguma atividade remunerada que lhe ocupava tempo fora da residência, afastando-as do cuidado familiar, tendo um dos casais indicado que o homem passa mais tempo na casa que a esposa. Assim, o que pode ser constatado, principalmente nos casais mais novos, é a responsabilidade partilhada. Homens e

mulheres passam a escolher suas próprias atividades em busca da satisfação pessoal e, conseqüentemente, conjugal.

Os entrevistados indicam que o diálogo entre os membros torna-se cada vez mais necessário. Se o novo vínculo se preocupa com a partilha, com a troca, e menos com a hierarquia de gênero, a conversa apresenta-se como um mecanismo apropriado para a troca de experiências, de informações necessárias e também emotivas. Como bem os entrevistados afirmam, a comunicação franca funciona tanto para transmitir valores positivos, de afeição ao cônjuge quanto para a solução de aspectos sombrios da relação, tendo como resultado a solução de problemas e a busca por motivadores positivos.

Nas entrevistas, o sexo aparece como importante fator na relação conjugal, chegando a ser definido como um dos fatores que podem gerar a dissolução do vínculo. Como indica Diehl (2002) e Bauman (2004), entre outros autores, na cultura do prazer imediato, o sexo torna-se uma importante ferramenta nos vínculos conjugais, chegando a ser compreendido como motivador da ruptura do vínculo.

Entretanto, o sexo, para alguns entrevistados, encontra-se diretamente relacionado à situação do vínculo, servindo como indicativo da qualidade se a relação encontra-se satisfatória ou não naquele momento. Portanto, sugerem que não seja apenas o sexo o causador da desagregação conjugal, esta seria uma limitação da compreensão do vínculo, mas a falta de outros suportes como companheirismo, dedicação e cuidado com a família.

Das mais diferentes maneiras os entrevistados afirmaram que o vínculo exige a totalidade dos seus participantes. O homem não enquanto reduzido à soma de suas funções, mas dotado de sentimentos, emoções, vontades, história de vida, encontrando no outro a possibilidade da construção de uma história em conjunto.

A vida conjugal é então compreendida como a vivência de um constante drama, tendo em vista a delicadeza e a inconstância dos sentimentos, das marcas positivas e negativas carregadas na relação com a família de origem e com o mundo, das fantasias de ser casado e do ideal de perdurar uma relação a longo prazo ou não. O vínculo conjugal é então tido como uma experiência rica, envolvendo todas as dimensões da existência humana dos sujeitos envolvidos, sempre carregando em si a marca da individuação e do crescimento, mesmo quando o drama

quotidiano parece encaminhar-se para ruptura. Para tal, são nas escolhas feitas, nas ações realizadas que o vínculo é impulsionado para seu fortalecimento ou enfraquecimento.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Zélia M. Biasoli. A pesquisa em psicologia – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. (IN) *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Org. Geraldo Romanelli, Zélia M. Biasoli-Alves. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.
- ARÁN, Márcia. *Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 11, n. 2, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004
- BETTO, Frei. *Geração pós-moderna*. (on-line) Adital: Notícias da América Latina e Caribe <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=27963&busca=frei%20betto>, 2007.
- BONZO, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.¹
- BONZO, Michel, A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In: Heilborn, Maria Luiza (org.). *Família e sexualidade*. RJ : Editora FGV, 2004².
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 2005, vol. II.
- BUBER, Martin. *Eu tu*. São Paulo: Centauro, 1974
- CAROTENUTO, Aldo. *Eros e pathos: amor e sofrimento*. São Paulo: Paulus, 1994.
- CARVALHO, Ana M. Em busca da natureza do vínculo: uma reflexão psicoetológica sobre grupos familiares e redes sociais. (IN) *Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar* / João Carlos Petrini, Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti (orgs) – Petrópolis: Vozes, 2005.
- CARVALHO, Ana M. A., POLITANO, Isabella, FRANCO, Anamelia L. S. *Vínculo interpessoal: uma reflexão sobre diversidade e universalidade do conceito na teorização da Psicologia*. Anais do I Seminário Internacional: Família contemporânea: desafios à intimidade e à inclusão. Salvador: UCSal, 2006.

- CASTELLS, Manuel. *Il potere delle identità*. Milano: Università Bocconi Editore, 2003.
- CHARLES, Sébastien. O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky (IN) LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- CORRÊA, Mariza. *Repensando a família patriarcal brasileira* (IN) Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil / Antônio Augusto Arantes [et al.], Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994
- COURT, Pedro Morandé. *Família e sociedade contemporânea* (IN) Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar / João Carlos Petrini, Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti (orgs) – Petrópolis: Vozes, 2005.
- COWAN, Lyn. *When eros Leave; When Eros Returns*. Belo Horizonte, 2004 (on-line) <http://www.rubedo.psc.br/artingle/wheneros.htm>
- CRAIG, Adolf Guggenbühl -. *O casamento está morto, viva o casamento*. Editora: Símbolo. São Paulo:SP, 1980.
- DIEHL, Artur. O homem e a nova mulher – Novos padrões sexuais de conjugalidade (IN) *Família em cena: tramas, dramas e transformações* / Adriana Wagner (Coord.) – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- DINIZ, G. Homens e mulheres entre a interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. (IN) FÉRES-CARNEIRO (org.) *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Nau, 1999.
- DONATI, Pierpaolo. *Manual. Manual de sociologia de la familia*. Ediciones Universidad de Navarra, Espana, 1988.
- DUARTE, Paulo Sergio. *A (re)invenção do espaço: esculturas e instalações*. Bienal do Mercosul: Porto Alegre, 2005.
- FÉRES-CARNEIRO, Teresinha. *Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade* (IN) *Psicologia: Reflexão e crítica*, v.11, n.2, Porto Alegre, 1998 [aula magistral proferida em 25/05/98, PUC-RJ]
- FRANZ, Marie-Louise Von,. *Puer Aeternus: a Luta do Adulto Contra o Paraíso da Infância*. São Paulo: Paulus, 1992

- FRASER, Marica Tourinho Dantas. *Vivências cotidianas do conflito trabalho-família: um estudo em profundidade com casais*. Mestrado em Família: UFBA, dissertação não publicada, 2005.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GOUDBOUT, Jacques T. *O espírito da dádiva*. Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1999.
- GORDILHO, Viga. *Uma baiana do mundo: As instalações de Viga Gordilho fazem uma ponte entre o Recôncavo, a europa e a África e mostram como se pode ser global sem abrir mãos das raízes*. revista Vogue Brasil, 2007.
- GOULDNER, Alvin. *La crisis de la sociologia occidental*. B. Aires: Amorroutu Editores, 1973.
- GRZYBOWSKI, Luciana Suárez. Famílias monoparentais: mulheres divorciadas chefes de família. (IN) *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (Coord) Adriana Wagner. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HILLMAN, James. *O código do Ser: Uma busca do caráter e da vocação pessoal*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.
- HOLLIS, James. *O projeto Éden: A busca do outro mágico*. São Paulo: Paulus, 2002.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Família e domicílio: resultados da amostra*. Censo Demográfico: Rio de Janeiro 2000. (on-line) http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/familias/censo2000_familias.pdf
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. *Estatística do registro civil*. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Rio de Janeiro, 2003 (on-line) http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2003/registrocivil_2003.pdf

- JUNG, Carl Gustav. *O desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis: Rio de Janeiro, O.C. XVII, 1986.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião*. Petrópolis: Vozes, O.C XI/1,1987.
- JUNG, Carl Gustav. *AION: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis: Vozes, O.C. IX/2, 1988.
- JUNG, C.G. *A Vida Simbólica*. Petrópolis: Vozes. V.XVIII/1. 1998.
- JUNG, Carl Gustav. *Fundamentos da psicologia analítica*. Petrópolis: Rio de Janeiro, O.C. XVIII/1, 2003.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Rio de Janeiro, O.C. IX/1, 2000.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Antropos, 1983.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- MCGOLDRICK, Mônica, CARTER, Betty. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- MUZIO, Patrícia Arès. *Família y convivência*. Colección guía para la familia. Editora Científico-Técnica: La Habana, Cuba, 2004.
- MUZIO, Patrícia Arès. *Psicologia de la familia: una aproximación a su estudio*. Facultad de Psicología, Universidad de la Habana, Cuba, 2002.
- NETO, Orestes Diniz e FERES-CARNEIRO, Terezinha. *Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades*. *Estud. psicol. (Campinas)*, jun. 2005, vol.22, no.2, p.133-141. ISSN 0103-166X.
- NEUMANN, Erich. *História da origem da consciência*. 2ª edição, São Paulo: Cultrix, 1995.

- PASSOS, Maria Consuelo. A família não é mais aquela: alguns indicadores para pensar suas transformações. (IN) *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. (Org.) Terezinha Feres-Carneiro. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- PETRINI, João Carlos. *Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- PETRINI, João Carlos. *Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia*. Revista eletrônica da UFMG: memorandum N°8, 2005
- PETRINI, João Carlos. *Família, dádiva, mercado: entre o dom e cálculo*. Anais do I Seminário Internacional: Família contemporânea: desafios à intimidade e à inclusão. Salvador: UCSal, 2006
- PETRINI, João Carlos. Políticas sociais dirigidas à família.(IN) *Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais*. Ângela Borges e Mary Castro (org). São Paulo: Paulinas, 2007.
- POAIN, Carmen da (org.). *Homem-mulher: abordagens sociais e psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus, 1987.
- QUINTAES, Marcus. *Quando o amor acaba: Do sintoma de ser amado ao desejo de amar: Cenas de Uma Individuação amorosa*. Palestra proferida no III Simpósio da ABEJ, setembro, 2007 (texto a ser publicado).
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- ROBERTO, Gelson Luis. Novas questões em psicologia clínica: o sujeito contemporâneo e a crise da subjetividade. (IN) *Cadernos junguianos*. Associação Junguiana do Brasil, v.1, n.1, novembro 2005. São Paulo: AJB, 2005.
- ROGERS, Carl. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- SALEM, Tânia. *O casal igualitário: princípios e impasses*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.9, fev. 1989.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1998
- SILVA, Rosalina Carvalho da. A falsa dicotomia qualitativo – quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisas. (IN) *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Org. Geraldo Romanelli, Zélia M. Biasoli-Alves. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

SINGLY, François de. O nascimento do 'indivíduo individualizado' e seus efeitos na vida conjugal e familiar. (IN) *Família e individualização* / Peixoto Clarice Ehlers, François de Singly & Vincenzo Cichelli (orgs.) - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

TOLSTOI, Leon Nicolaievitch. *Guerra e paz*. Ediouro Publicações: Rio de Janeiro.

TORRES, Anália M. C.. A individualização no feminino, o casamento e o amor. (In) *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: FGV editora, 2000^a.

TORRES, Anália Cardoso. *Casamento: conversa a duas vozes e em três andamentos. A relação entre vida conjugal e trabalho* (IN) IV CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA – Sociedade Portuguesa – passados recentes / futuros próximos, Coimbra, 2000.

TORRES, Anália M. C.; Ana Moura. *Ideais Simétricos e Práticas Desiguais: Conjugalidades em Lisboa e no Porto*. Trabalho apresentado em V CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA (In) www.aps.pt, Braga, 2004.

WINCKEL, Erna Van de. *Do inconsciente a Deus: ascese cristã e psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Paulinas, 1985.

Anexos

ROTEIRO DE ENTREVISTA I - IDENTIFICAÇÃO

I. Identificação:

Data: ___/___/___.

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

a) Idade (anos completos): ___ Local de nascimento: _____

b) Escolaridade

Ensino fundamental completo ou incompleto

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

Ensino superior incompleto

Ensino superior completo

Pós-graduação

c) Profissão: _____

d) Trabalho: não sim. Qual? _____ Renda mensal: _____

Horário em que trabalha fora de casa:

Diariamente

3 períodos 2 períodos 1 período

e) Outras atividades realizadas _____

Tempo despendido _____

f) Estado civil: casamento civil e religioso casamento civil casamento religioso coabitação

g) Religião: _____

Quem mora na casa? Parentesco?

Tem filhos? não sim. Quantos? _____ Idades/sexos: _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA II - CONJUGALIDADE

Percurso escolar e profissional influenciando o vínculo

1. O trabalho tem influenciado no relacionamento conjugal? Como?
2. Existe algum incentivo na relação de vocês para estudos, leitura ou realização de cursos profissionalizantes?

Família de Origem

3. Composição da família de origem?
4. Conte sobre o casamento dos seus pais.

Namoro

5. Como foi a experiência de namoro com o cônjuge atual?
6. Como era, e como é hoje o relacionamento entre as famílias?

Noivado

7. Vocês tiveram o tempo do noivado? Caso sim como foi esta experiência?

Saída do Domicílio Parental

8. Até que idade morou na casa dos pais?
9. O que motivou a saída da casa dos pais?

Conjugalidade

13. Como avalia a experiência de estar casado?

15. Você considera que o vínculo conjugal tolhe sua individualidade? Em quê? E como você lida com isso?

16. Seu parceiro corresponde às suas expectativas em termos:

- * afetividade;
- * estímulo à sua vida profissional;
- * disposição ao trabalho;
- * disposição ao lazer;
- * status profissional dele;
- * condição financeira;
- * valorização da família de origem (de ambos).

17. Existe algum incentivo para a realização de atividades e/ou cuidado com alimentação? O que pensa sobre estes cuidados?

18. Como funciona o diálogo entre o casal?

19. Quais aspectos da vida você acha que deve ser compartilhado com seu cônjuge?

20. O ciúme está presente na relação de vocês? CASO SIM: Como?

21. Existem momentos de lazer a dois? Como funciona? Quem normalmente toma a iniciativa?

22. O casamento te influenciou nos aspectos:

- * auto-conhecimento;
- * relacionamento com outras pessoas.

Religião

23. É praticante? Como?

23. Como a religião influencia a vida do casal?

Dádiva

24. Você lembra da data do casamento? E seu cônjuge?

25. Existe o costume de presentear um ao outro? Como funciona e quem normalmente o faz?

26. Você considera importante comemorar a data do casamento? Como?

27. Existe o costume de elogiar um ao outro? Com que frequência?

Situação Doméstica

28. Quem escolheu a casa onde residem e quem cuida da casa?

29. Como funciona a divisão das tarefas entre vocês?

30. Vocês possuem empregada doméstica? Quem supervisiona o trabalho dela?

31. Quem administra o dinheiro da casa? Imposto de renda, contas a pagar.

32. Cada qual possui sua conta bancária? Possuem conta em conjunto?

Intimidade e Sexualidade

33. A que nível de importância você colocaria o sexo na manutenção da sua relação conjugal:

- Fundamental Importância Importante Sem muita importância
 Nenhuma importância

34. Você se sente confortável para conversar com seu parceiro sobre assuntos vinculados à sexualidade?

35. Como é tomada a decisão de se ter um filho?

Filhos

36. A chegada do filho modificou o vínculo relacional com o cônjuge? Como?

37. Como é realizado o cuidado com o filho? Qual sua parcela neste cuidado?

Relacionamento com terceiros

38. Possuem amigos em comum e em separado?

39. Existe algum momento de lazer em separado do cônjuge? Como se organizam quanto a isto?

Temporalidade

40. Quando começou a namorar logo pensou que seria uma relação séria?

41. O que pensa sobre o futuro da relação conjugal?
42. Você pensaria em terminar o casamento por algum motivo?
43. Você acredita que casamento é para sempre?